

SIGMUND
FREUD

OBRAS COMPLETAS VOLUME 4

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS
(1900)

TRADUÇÃO PAULO CÉSAR DE SOUZA

COMPANHIA DAS LETRAS

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS (1900)

TÍTULO ORIGINAL: *DIE TRAUMDEUTUNG*. PUBLICADO ORIGINALMENTE COMO VOLUME AUTÔNOMO: LEIPZIG E VIENA: FRANZ DEUTICKE, 1900. REVISTO E AMPLIADO EM VÁRIAS EDIÇÕES SUCESSIVAS. TRADUZIDO DE *GESAMMELTE WERKE* II/III. TAMBÉM SE ACHA EM *STUDIENAUSGABE* II.

*Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo**

* “Se não posso dobrar os poderes celestiais, agitarei o Inferno”, Virgílio, *Eneida*, VII, 312.

VII. PSICOLOGIA DOS PROCESSOS ONÍRICOS

1 Entre os sonhos que me foram relatados por outras pessoas, há um que agora solicita a nossa atenção. Ele me foi contado por uma paciente que o ouviu numa conferência sobre os sonhos; sua fonte original ainda me é desconhecida. Seu conteúdo impressionou aquela senhora, pois ela não deixou de “sonhá-lo pessoalmente”, isto é, de repetir elementos dele em seu próprio sonho, para, por meio dessa transferência, expressar uma concordância em determinado ponto.

2 As condições preliminares desse sonho-modelo são as seguintes. Um pai passou dias e noites à cabeceira do filho doente. Depois que a criança morre, ele vai para um quarto vizinho, a fim de descansar, mas deixa a porta aberta, para poder ver o aposento onde jaz o corpo do filho, cercado de velas altas. Um homem idoso foi encarregado da vigília e está sentado junto ao corpo, murmurando orações. Após algumas horas de sono, o pai sonha que *o filho está em pé ao lado de sua cama, que o agarra pelo braço e sussurra em tom de repreensão: “Pai, você não vê que estou queimando?”*. Ele acorda e vê um brilho forte vindo do quarto do filho, corre até lá e encontra o vigia idoso adormecido, a mortalha e um braço do corpo amado do filho queimados por uma vela que caíra.

3 A explicação desse sonho comovente é simples e, como me informa a paciente, foi apresentada corretamente pelo palestrante. A luz clara das velas incidiu sobre os olhos do adormecido através da porta aberta e o levou à mesma conclusão a que ele teria chegado em estado de vigília, de que a queda de uma vela tinha provocado um incêndio junto ao corpo. Talvez o pai já tivesse adormecido com a preocupação de que o vigia idoso não estava apto a cumprir sua tarefa.

4 Nada tenho a mudar nessa interpretação; acrescentaria apenas que o conteúdo do sonho precisa ser sobredeterminado; e a fala da criança, composta de palavras realmente ditas por ela enquanto vivia e que se ligam a eventos importantes para o

pai. Por exemplo, a queixa: “Estou queimando” se liga à febre que tinha a criança, e a frase: “Pai, você não vê?”, a outra situação carregada de afetos, mas que nos é desconhecida.

5 Depois que reconhecemos o sonho como algo pleno de sentido, que se pode inscrever na trama do funcionamento psíquico, devemos nos admirar de que houvesse um sonho em circunstâncias que exigiam que o pai despertasse rapidamente. Então percebemos que nesse sonho também não falta a realização de um desejo. Nele o menino morto age como uma pessoa viva, ele próprio avisa o pai, vai até sua cama e o puxa pelo braço, como provavelmente fez naquela lembrança da qual o sonho tomou a primeira parte da fala da criança. Pela realização desse desejo, o pai prolongou o sono por um momento. O sonho teve a preferência sobre a reflexão em estado de vigília, porque mostrou a criança viva. Se o pai tivesse acordado primeiro e depois tirado a conclusão que o levou até o quarto vizinho, ele teria como que abreviado a vida da criança por esse momento.

6 Não pode haver dúvida quanto à peculiaridade que atrai nosso interesse nesse breve sonho. Até agora nos preocupamos sobretudo com o sentido oculto dos sonhos, de que modo encontrá-lo e os meios de que o trabalho do sonho se serve para ocultá-lo. As tarefas da interpretação dos sonhos têm ocupado o centro da nossa visão. E agora deparamos com esse sonho, que não constitui um desafio para a interpretação, cujo sentido é dado abertamente, e percebemos que ele preserva todas as características essenciais que diferenciam claramente um sonho de nosso pensamento desperto e, portanto, geram a necessidade de explicá-lo. Somente após deixar de lado tudo o que diz respeito ao trabalho de interpretação podemos notar como ficou incompleta nossa psicologia dos sonhos.

7 Antes de guiarmos nossos pensamentos por esse novo caminho, porém, vamos nos deter e olhar para trás, a fim de ver se não deixamos de considerar algo importante. Pois devemos estar cientes de que o trecho agradável e confortável do nosso caminho ficou para trás. Até agora, todos os caminhos que percorremos nos levaram, a menos que eu muito me engane, em direção à luz, ao esclarecimento e à

compreensão plena. Mas, a partir do momento em que buscamos nos aprofundar nos processos psíquicos envolvidos no sonhar, todas as trilhas conduzem à escuridão. Não nos é possível *explicar* o sonho como processo psíquico, pois explicar significa remeter ao que já se conhece, e atualmente não existe conhecimento psicológico ao qual possamos subordinar o que o exame psicológico dos sonhos nos leva a inferir como base explicativa. Pelo contrário, seremos obrigados a levantar uma série de novas hipóteses que dizem respeito, de modo tentativo, à estrutura do aparelho psíquico e às forças que nele agem, e precisaremos ter cuidado para não ir muito além das primeiras implicações lógicas, ou seu valor se perderá no indeterminável. Mesmo se não cometermos nenhum erro em nossas inferências e levarmos em conta todas as possibilidades lógicas, a provável incompletude de nossas premissas nos ameaça com o fracasso total de nosso cálculo. Não poderemos alcançar ou pelo menos fundamentar nenhum esclarecimento sobre a estrutura e o modo de trabalho do instrumento psíquico mediante a investigação, por mais cuidadosa que seja, do sonho ou de alguma outra produção *isolada*; para essa finalidade será preciso reunir aquilo que se revelar como constante e necessário no estudo comparativo de toda uma série de produções psíquicas. Assim, as hipóteses psicológicas que extraímos da análise dos processos oníricos precisarão como que aguardar numa parada, até acharem a conexão com os resultados de outras investigações que pretendem chegar ao núcleo do mesmo problema a partir de outro ponto de abordagem.

A. O ESQUECIMENTO DOS SONHOS

8 Sugiro, então, que primeiro nos voltemos para um tema que levanta uma dificuldade ainda não considerada, mas capaz de privar de fundamento todos os nossos esforços relativos à interpretação dos sonhos. Alguns autores objetaram que na realidade não conhecemos o sonho que pretendemos interpretar ou, mais corretamente, que não temos nenhuma garantia de conhecê-lo como de fato ocorreu (cf. p. 69).

9 Aquilo que lembramos do sonho, e no qual exercitamos nossas artes de interpretação, é mutilado primeiramente pela infidelidade da nossa memória, que parece extremamente incapaz de guardar o sonho, e talvez tenha perdido as partes mais significativas do seu conteúdo. Muitas vezes, ao voltarmos a atenção para nossos sonhos, lamentamos haver sonhado muito mais e só nos lembrarmos de um fragmento, cuja lembrança também nos parece estranhamente incerta. Em segundo lugar, tudo indica que a nossa lembrança do sonho não só apresenta lacunas, mas também o reproduz de maneira infiel e adulterada. Assim como podemos duvidar que a coisa sonhada fosse mesmo tão desconexa e nebulosa como a temos na memória, também não pode haver certeza de que um sonho tenha sido tão coerente como o relatamos, que, na tentativa de reproduzi-lo, não tenhamos preenchido as lacunas existentes ou criadas pelo esquecimento com um material novo e arbitrariamente escolhido, que não tenhamos adornado, arredondado e arrumado o sonho, de modo que se torna impossível determinar qual foi seu conteúdo real. Até encontramos num autor (Spitta)¹ a conjectura de que toda ordem e coerência foram introduzidas no sonho apenas durante a tentativa de evocá-lo. Assim, corremos o perigo de que nos escape das mãos o próprio objeto cujo valor nos propusemos determinar.

10 Até agora ignoramos essas advertências em nossas interpretações de sonhos. Pelo contrário, vimo-nos solicitados a interpretar tanto os componentes menores, mais discretos e mais incertos do conteúdo quanto aqueles preservados com nitidez e

certeza. O sonho da injeção de Irma dizia: “Chamo *rapidamente* o dr. M.”, e supusemos que esse detalhe não teria sido introduzido no sonho se não tivesse uma origem particular. Assim chegamos à história daquela paciente infeliz, para a qual eu havia chamado “rapidamente” meu colega mais velho. No sonho aparentemente absurdo que tratou a diferença entre 51 e 56 como *quantité négligeable*, o número 51 era mencionado várias vezes. Em vez de considerarmos isso algo natural ou indiferente, inferimos daí uma segunda linha de pensamentos no conteúdo latente do sonho que nos levou ao número 51 e, seguindo esse rastro, chegamos aos meus temores de que os 51 anos seriam meu limite de vida, em oposição total a um pensamento dominante que alardeava muitos anos de vida. No sonho do “*Non vixit*” [p. 466], havia uma interpolação discreta, inicialmente ignorada por mim: “*Como P. não o entende, Fl. me pergunta etc.*”. Quando a interpretação estacou, retomei essas palavras e encontrei, a partir delas, o caminho para a fantasia infantil que nos pensamentos oníricos surge como ponto intermediário. Isso se deu mediante os versos do poeta:

*Raras vezes vocês me compreenderam,
Raras vezes também os compreendi,
Somente quando nos achamos na lama
Logo nos compreendemos!^a*

11 Toda análise poderia comprovar com exemplos como justamente os detalhes mais insignificantes do sonho são indispensáveis para a interpretação e como a solução é adiada quando nossa atenção demora a se voltar para eles. Interpretando sonhos, também demos importância a cada nuance da linguagem em que o sonho foi apresentado. E quando nos era apresentado um texto absurdo ou insuficiente — como se tivesse fracassado o esforço de traduzir o sonho para a versão correta —, respeitamos também essas falhas na expressão. Em suma, tratamos como escritura sagrada aquilo que para outros autores seria uma improvisação arbitrária, juntada às pressas no alvoreço do momento. Essa contradição tem de ser explicada.

Essa explicação nos é favorável, embora não invalide os argumentos dos outros autores. Do ponto de vista do nosso novo conhecimento sobre a gênese do sonho, as contradições se conciliam inteiramente. É certo que deformamos o sonho ao tentar reproduzi-lo; nisso encontramos de novo o que chamamos de elaboração secundária (e frequentemente mal-entendida) do sonho pela instância do pensamento normal. Mas essa deformação nada mais é do que uma parte da elaboração a que os pensamentos oníricos são regularmente submetidos em decorrência da censura onírica. Os demais autores perceberam ou intuíram aqui a parte da deformação do sonho que trabalha de modo manifesto; isso pouco nos importa, pois sabemos que um trabalho de deformação muito mais extenso, ainda que menos evidente, já escolheu o sonho como objeto a partir dos pensamentos oníricos ocultos. Esses autores se enganam apenas ao considerar que a modificação do sonho ao ser lembrado e posto em palavras é arbitrária, ou seja, não admite resolução, prestando-se, portanto, a nos atrapalhar no conhecimento do sonho. Eles subestimam o determinismo na esfera psíquica. Nela não há nada arbitrário. Podemos demonstrar de modo geral que uma segunda cadeia de pensamentos assume imediatamente a determinação do elemento que permaneceu indeterminado pela primeira. Digamos, por exemplo, que eu tente fazer com que um número me ocorra arbitrariamente; isso é impossível; o número que me ocorre é inequívoca e necessariamente determinado por pensamentos meus que podem estar distantes de minha intenção momentânea.² Também não são arbitrárias as mudanças que o sonho sofre na edição em estado de vigília. Elas permanecem em ligação associativa com o conteúdo em cujo lugar se põem e servem para nos indicar o caminho para esse conteúdo, que, por sua vez, pode estar substituindo outro.

Ao analisar sonhos de pacientes, costumo fazer o seguinte teste, sempre bem-sucedido. Quando o relato de um sonho me parece difícil de compreender inicialmente, peço ao narrador que o repita. Raras vezes ele o faz com as mesmas palavras. Mas os trechos em que ele mudou a expressão me dão a conhecer os pontos fracos do disfarce do sonho. Estes me servem como serviu a Hagen o sinal bordado

na roupa de Siegfried.^b A interpretação do sonho pode começar aí. Ao solicitar que o narrador repita o sonho, eu lhe aviso que farei um esforço especial para solucioná-lo; logo ele protege, sob a pressão da resistência, os pontos fracos do disfarce do sonho, substituindo uma expressão reveladora por outra mais distante. Desse modo, chama a minha atenção para a expressão descartada. O empenho com que ele busca impedir a solução do sonho me permite inferir também o cuidado com que teceu o manto do sonho.

14 Os outros autores têm menos razão ao dar tamanho espaço à dúvida com que o nosso juízo recebe a narrativa do sonho. Pois essa dúvida não tem penhor intelectual; nossa memória não possui garantias; ainda assim, cedemos com frequência muito maior que o objetivamente justificável à pressão de confiar em suas informações. A dúvida quanto à reprodução correta do sonho ou de seus detalhes é, novamente, um produto da censura do sonho, da resistência à penetração dos pensamentos oníricos na consciência. Essa resistência nem sempre se esgota nos deslocamentos e substituições que impôs; ela também se apega, em forma de dúvida, àquilo que passou. Tendemos a não perceber essa dúvida, pois ela tem a cautela de nunca atacar os elementos mais intensos do sonho, mas apenas os fracos e indistintos. Mas nós já sabemos que entre os pensamentos oníricos e o sonho houve uma transmutação completa de todos os valores psíquicos; a deformação só foi possível mediante uma subtração de valores; nisso ela costuma se manifestar e com isso eventualmente se satisfaz. Quando a um elemento indistinto do conteúdo onírico se acrescenta ainda a dúvida, podemos, seguindo essa indicação, reconhecer nesta um derivado mais ou menos direto de um dos pensamentos oníricos proscritos. É como o que sucedia após uma grande revolução, numa das repúblicas da Antiguidade ou da Renascença. As famílias nobres e poderosas que antes dominavam estão agora banidas, todas as posições altas são ocupadas por novatos; na cidade são tolerados apenas membros empobrecidos e sem poder, ou seguidores distantes dos senhores derrubados. Mas estes também não gozam de direitos plenos

de cidadão, são vigiados com desconfiança. Em nosso exemplo, no lugar da desconfiança está a dúvida. Por isso requeiro que seja abandonada, na análise de um sonho, toda a escala de avaliação da certeza, que seja tratada como certeza absoluta a mais leve possibilidade de que algo deste ou daquele tipo possa ter surgido no sonho. Se, ao examinarmos um elemento onírico, não nos dispomos a renunciar a esse tipo de consideração [pela certeza], a análise estanca. O menosprezo do elemento em questão tem, no analisando, o efeito psíquico de que não lhe ocorre nenhuma representação indesejada por trás desse elemento. Na verdade, esse efeito não é óbvio; não seria disparatado se alguém dissesse: “Não tenho certeza se isto ou aquilo realmente estava no sonho, mas me ocorre o seguinte a respeito disso”. Ele nunca fala assim, e é justamente esse efeito da dúvida perturbadora da análise que a desmascara como um derivado e um instrumento da resistência psíquica. A psicanálise tem razão em ser desconfiada. Uma de suas regras é: *qualquer coisa que perturbe o prosseguimento do trabalho é uma resistência*.³

15

Também o esquecimento dos sonhos permanece misterioso enquanto não se recorre ao poder da censura psíquica para explicá-lo. A sensação de que sonhamos muito durante a noite, mas conservamos bem pouco, pode ter outro sentido numa série de casos, como, por exemplo, o de que o trabalho do sonho se realizou de modo perceptível durante toda a noite, mas deixou apenas um sonho curto. De resto, não há como duvidar do fato de que esquecemos cada vez mais o sonho após despertar. Nós nos esquecemos dele apesar de um grande esforço para lembrá-lo. Mas penso que, assim como costumamos superestimar a extensão desse esquecimento, superestimamos também a perda do conhecimento do sonho vinculada a suas lacunas. Toda a perda no conteúdo do sonho causada pelo esquecimento pode, muitas vezes, ser recuperada por meio da análise; pelo menos em bom número de casos, a partir de um pedaço que restou podemos encontrar não o sonho — esse não importa muito, afinal —, mas todos os pensamentos oníricos. Isso requer um

dispêndio considerável de atenção e autossuperação na análise; é tudo, mas mostra que não faltou uma intenção hostil no esquecimento do sonho.⁴

16 Uma prova convincente da natureza tendenciosa do esquecimento do sonho,⁵ a serviço da resistência, pode ser adquirida nas análises pela observação de um estágio preliminar do esquecimento. Não é nada raro que no meio do trabalho de interpretação surja de repente uma porção excluída do sonho, considerada esquecida até então. Essa parte arrancada do esquecimento é sempre a mais importante; ela se acha no caminho mais curto para a solução do sonho e, por isso, estava mais exposta à resistência. Entre os exemplos de sonhos espalhados nesta obra, existe um no qual inseri posteriormente parte do conteúdo do sonho. Trata-se de um sonho de viagem, que se vinga de dois companheiros de viagem pouco amáveis e que quase deixei sem interpretar, devido a seu conteúdo vulgar [cf. p. 501]. A porção excluída é: *Digo ao casal de irmãos* [em inglês], referindo-me a certa obra: “*It is from...*”, mas então me corrijo: “*It is by...*”. O homem diz à irmã: “*Ele falou corretamente*”.⁶

17 A autocorreção nos sonhos, que pareceu extraordinária para alguns autores, não merece que nos ocupemos dela aqui. Em vez disso, apresentarei a lembrança que serviu como modelo para o erro gramatical. Visitei a Inglaterra pela primeira vez aos dezenove anos de idade e passei um dia à beira-mar na Irlanda. Naturalmente me deleitei apanhando animais marinhos que a maré deixava na praia, e, no momento em que me ocupava de uma estrela-do-mar (o sonho começa com *Hollthurn-Holothurien*), uma encantadora menininha se aproximou de mim e perguntou: “*Is it a star-fish? Is it alive?*” [É uma estrela do mar? Está viva?]. Respondi: “*Yes, he is alive*” [em vez de “*it is alive*”], mas então me envergonhei do erro e repeti a frase corretamente. O sonho substituiu aquele erro gramatical por outro que os alemães também cometem facilmente. “O livro é de Schiller” não deve ser traduzido por *from*, mas por *by*. O fato de o trabalho do sonho efetuar essa substituição, pois a assonância de *from* e do adjetivo alemão *fromm* [devoto] permite uma excelente condensação, já não nos surpreende mais, após tudo o que ouvimos sobre as intenções do trabalho do sonho e sua falta de escrúpulos na escolha dos meios. Mas o

que a inofensiva lembrança da praia quer dizer no contexto do sonho? Ela ilustra, com o exemplo mais inocente possível, que eu uso o termo que designa o gênero ou sexo no lugar errado, ou seja, que aplico o sexo (*he*) onde ele não cabe. Essa é uma das chaves para a solução do sonho. E quem escutou também a origem atribuída ao título do livro “*Matter and Motion*” [cf. p. 502] pode completar facilmente o que falta: Molière em *Malade Imaginaire: La matière, est-elle laudable?*⁶ — *a motion of the bowels*.

18 De resto, posso provar com uma *demonstratio ad oculos* [demonstração visual] que o esquecimento do sonho é, em grande parte, obra da resistência. Um paciente conta que sonhou, mas se esqueceu totalmente do sonho; nesse caso, é como se não tivesse havido o sonho. Continuamos nosso trabalho, eu deparo com uma resistência, explico algo ao paciente, tento ajudá-lo com encorajamento e insistência, para que ele se reconcilie com algum pensamento desagradável, e, assim que isso ocorre, ele exclama: “Agora me lembro também do meu sonho!”. A mesma resistência que nesse dia dificultou o trabalho causou também o esquecimento do sonho. Com a superação dessa resistência, facilitei a recordação do sonho.

19 Da mesma forma, o paciente, chegando a certo ponto do trabalho, pode se lembrar de um sonho que ocorreu três, quatro ou mais dias antes e que até então permaneceu no esquecimento.⁷

20 A experiência psicanalítica nos fornece ainda outra prova de que o esquecimento do sonho depende muito mais da resistência do que da diferença entre os estados de vigília e de sono, como acreditam os estudiosos. Não é raro me acontecer, e também a outros analistas e a pacientes em tratamento, que, ao ser despertado por um sonho, como podemos dizer, começo imediatamente a interpretá-lo, em plena posse da capacidade intelectual. Com frequência, não descansei até adquirir total compreensão do sonho, mas ainda assim ocorreu de, ao despertar realmente, eu haver esquecido tanto o trabalho interpretativo como o sonho, embora eu soubesse que havia sonhado e interpretado o sonho. Era muito mais frequente o sonho levar consigo para o esquecimento o resultado do trabalho de interpretação do que a

atividade intelectual conseguir manter o sonho na lembrança. Mas não há, entre o trabalho de interpretação e o pensamento de vigília, esse abismo psíquico pelo qual os estudiosos pretendem explicar de forma exclusiva o esquecimento dos sonhos. Quando Morton Prince critica minha explicação do esquecimento dos sonhos, afirmando que é apenas um caso especial da amnésia em estados psíquicos dissociados (*dissociated states*) e que a impossibilidade de transpor minha explicação dessa amnésia especial para outros tipos de amnésia a torna inútil também para seu propósito imediato, ele lembra ao leitor que, em todas as suas descrições desses estados dissociados, ele jamais tentou achar a explicação dinâmica para esses fenômenos. Caso contrário, teria descoberto que a repressão (ou a resistência por ela criada) é a causa tanto dessas dissociações como da amnésia de seus conteúdos psíquicos.

21

Algo que pude observar enquanto escrevia este livro me mostrou que, assim como outros atos psíquicos, os sonhos não são esquecidos e podem ser perfeitamente comparados a outras funções psíquicas no que concerne a sua retenção na memória. Eu havia guardado, entre minhas anotações, um grande número de sonhos próprios, que por alguma razão não conseguira submeter a uma interpretação completa ou mesmo parcial. Então, um ou dois anos mais tarde, tentei interpretar alguns deles, na intenção de reunir material para ilustrar minhas afirmações. Essa tentativa foi bem-sucedida em todos os casos; direi até que a interpretação foi bem mais fácil do que na época, quando os sonhos ainda eram lembranças frescas, e uma explicação possível é que desde então superei várias resistências em meu interior, que na época me atrapalhavam. Nessas interpretações posteriores, comparei os pensamentos oníricos produzidos na época com os atuais, geralmente muito mais ricos, e encontrei os pensamentos de então inalterados entre os atuais. Meu assombro com isso pôde ser contido quando me lembrei de que há muito tempo costumo pedir a meus pacientes que interpretem com o mesmo método os sonhos de anos passados que me contam eventualmente, como se fossem sonhos da noite anterior, e eles o fazem com o mesmo sucesso. Ao discutirmos os sonhos de angústia, comunicarei dois exemplos

dessa interpretação tardia. Quando fiz essa tentativa pela primeira vez, guiei-me pela justificada expectativa de que também nisso o sonho se comportaria como um sintoma neurótico. Pois quando trato um psiconeurótico — uma histeria, por exemplo — mediante a psicanálise, tenho de alcançar uma explicação também para os primeiros sintomas de sua doença, há muito superados, não só para os sintomas ainda existentes, que o fizeram me procurar, e vejo que os primeiros são mais fáceis de resolver que os atuais e urgentes. Já nos *Estudos sobre a histeria*, publicados em 1895, pude informar o esclarecimento da primeira crise histérica que uma paciente de mais de quarenta anos de idade sofrera aos quinze anos [caso de Cäcilie M.].⁸

22 Seguem agora, sem ordem rigorosa, mais algumas observações que tenho a fazer sobre a interpretação dos sonhos, que talvez sirvam como orientação para o leitor que queira verificar minhas teorias aplicando-as a seus próprios sonhos.

23 Ninguém deve esperar que a interpretação de seus sonhos caia do céu sem esforço próprio. Até mesmo a percepção de fenômenos entópticos^d e outras sensações que habitualmente fogem à nossa atenção exige treino, embora não haja motivo psíquico que se oponha a esse grupo de percepções. É consideravelmente mais difícil apoderar-se das “representações indesejadas”. Quem pretender isso terá de fazer suas as expectativas expostas neste livro e, seguindo as regras aqui apresentadas, procurar sustar dentro de si toda crítica, todo preconcebimento, toda tomada de partido afetiva ou intelectual durante o trabalho. Deverá ter em mente o preceito estabelecido por Claude Bernard para o experimentador num laboratório fisiológico: “*Travailler comme une bête*” [Trabalhar como uma besta], isto é, com a mesma persistência e a mesma despreocupação quanto ao resultado. Quem seguir essas recomendações já não achará tão difícil a tarefa. A interpretação de um sonho nem sempre se faz de uma vez; não raro, após seguirmos uma cadeia de associações sentimos nossa capacidade esgotada, o sonho nada mais nos dirá nesse dia; é bom interromper e retomar o trabalho outro dia. Então outra parte do conteúdo do sonho

atrairá nossa atenção, e teremos acesso a uma nova camada de pensamentos oníricos. Podemos chamar isso a interpretação “fracionada” dos sonhos.

24

O mais difícil é levar o iniciante na interpretação dos sonhos a reconhecer o fato de que sua tarefa não está plenamente realizada quando ele tem em mãos uma interpretação do sonho completa, que faz sentido, é coerente e explica todos os elementos do conteúdo do sonho. É possível que haja ainda outra, uma sobreinterpretação do mesmo sonho, que lhe escapou. Realmente não é fácil ter uma noção da riqueza de pensamentos inconscientes que lutam por expressão em nossa mente e crer na habilidade que tem o trabalho do sonho de utilizar expressões de múltiplos sentidos, de “matar sete moscas com um só golpe”, como faz o alfaiate do conto de fadas. Os leitores sempre tenderão a acusar este autor de esbanjar inutilmente sua engenhosidade; quem adquirir experiência própria saberá julgar melhor.

25

Por outro lado,^e não posso concordar com a afirmação, feita primeiramente por H. Silberer, segundo a qual todo sonho — ou pelo menos muitos sonhos, ou certos grupos deles — requer duas interpretações diferentes, entre as quais há uma relação fixa. A primeira delas, que Silberer chama de *psicanalítica*, dá ao sonho um sentido qualquer, geralmente infantil-sexual; a outra, mais significativa, que ele denomina *anagógica*, revela os pensamentos mais sérios, muitas vezes profundos, que serviram de material para o trabalho do sonho. Silberer não comprovou essa afirmação por meio de uma série de sonhos analisados nessas duas direções. Devo contestar a existência desse fato. A maioria dos sonhos não exige uma sobreinterpretação e não é suscetível de uma interpretação anagógica. A tendência a encobrir as condições fundamentais da formação dos sonhos e desviar o interesse de suas raízes instintuais é tão evidente na teoria de Silberer quanto em outros esforços teóricos dos últimos anos. Em certo número de casos pude confirmar as indicações de Silberer; a análise mostrou-me então que o trabalho do sonho se encontrara ante a tarefa de transformar em sonho uma série de pensamentos muito abstratos da vida de vigília, que não podiam ser representados diretamente. Tentou solucionar essa tarefa se

apoderando de outro material de pensamentos que mantinha uma relação mais solta e muitas vezes *alegórica*, pode-se dizer, com os pensamentos abstratos, pondo menos dificuldades à representação. A interpretação abstrata de um sonho assim gerado é imediatamente fornecida pelo sonhador; a interpretação correta do material substituído deve ser buscada com os meios técnicos conhecidos.

26 A pergunta de se todo sonho pode ser interpretado deve ser respondida com um “não”. Não se deve esquecer que no trabalho de interpretação temos contra nós os poderes psíquicos responsáveis pela deformação do sonho. Assim, é uma questão de relação de forças se nós, com nosso interesse intelectual, nossa capacidade de autossuperação, nossos conhecimentos psicológicos e nossa prática na interpretação dos sonhos, conseguimos predominar sobre as resistências internas. Em certa medida, isso sempre é possível, pelo menos até o ponto de nos convenceremos de que o sonho é uma formação dotada de sentido e, muitas vezes, de adquirirmos também uma noção desse sentido. Com frequência, um sonho subsequente permite confirmar e levar adiante a interpretação dada ao primeiro. Toda uma série de sonhos que continua por semanas ou meses se baseia, com frequência, num terreno em comum, e deve então ser submetida à interpretação conjuntamente. Muitas vezes podemos notar que, em sonhos sucessivos, um tem como centro aquilo que no seguinte é indicado apenas na periferia, e vice-versa, de modo que os dois se complementam também na interpretação. Já demonstrei com exemplos que os sonhos de uma mesma noite devem, de modo geral, ser tratados como um todo no trabalho de interpretação.

27 Com frequência, até mesmo nos sonhos mais bem interpretados há um ponto que temos de deixar obscuro, pois na interpretação percebemos que ali há um novelo de pensamentos oníricos que não é possível desembaraçar, mas que também não contribuiu muito para o conteúdo do sonho. Esse, então, é o “umbigo” do sonho, o ponto em que ele assenta no desconhecido. Os pensamentos oníricos que encontramos na interpretação têm de permanecer geralmente inconclusos e ramificar em todas as direções na emaranhada rede do nosso mundo de pensamentos. O desejo

do sonho surge então de um ponto mais denso desse tecido, como o cogumelo de seu micélio.

28 Voltemos aos fatos relativos ao esquecimento do sonho, pois deixamos de tirar uma conclusão importante deles. Se a vida de vigília mostra a evidente intenção de esquecer o sonho formado durante a noite, ou como um todo logo após o despertar ou em partes ao longo do dia, e se reconhecemos como agente principal desse esquecimento a resistência psíquica ao sonho, que já durante a noite fez o que podia contra ele, deve-se perguntar o que possibilitou a formação do sonho apesar dessa resistência. Tomemos o caso mais extremo, em que a vida de vigília apaga o sonho como se ele não tivesse ocorrido. Se nisso consideramos o jogo das forças psíquicas, temos de dizer que não teria havido o sonho se a resistência tivesse operado à noite como de dia. Nossa conclusão é que ela, no período da noite, perdeu uma parte de seu poder; sabemos que não estava suspensa, pois demonstramos que participa da deformação na formação do sonho. Mas a possibilidade se impõe de que durante a noite ela estava diminuída, de que esse decréscimo da resistência permitiu a formação do sonho, e assim compreendemos que, ao ter sua plena força restituída com o despertar, ela imediatamente apaga o que teve de admitir enquanto estava fraca. A psicologia descritiva nos ensina que a condição principal para a formação do sonho é o estado de sono da psique; poderíamos agora acrescentar esta explicação: *o estado de sono possibilita a formação do sonho ao diminuir a censura endopsíquica.*

29 Certamente somos tentados a ver essa conclusão como a única que é possível tirar dos fatos do esquecimento do sonho, e a partir dela fazer outras inferências sobre as condições de energia que prevalecem no sono e na vigília. Mas no momento vamos nos deter aqui. Quando nos aprofundarmos um pouco mais na psicologia do sonho, descobriremos que a formação do sonho pode ser concebida de outra maneira também. A resistência a que os pensamentos oníricos se tornem conscientes talvez possa ser contornada sem que ela experimente uma diminuição. Também é plausível que os dois fatores propícios à formação do sonho, a diminuição e a evitação da

resistência, sejam possibilitados ao mesmo tempo pelo estado do sono. Vamos interromper aqui o argumento e retomá-lo adiante.

30 Agora precisamos lidar com outra série de objeções ao nosso método de interpretação dos sonhos. Nosso procedimento consiste em abandonar todas as representações com meta^f que costumam dominar nossa reflexão, dirigir nossa atenção para um elemento onírico e anotar o que pode nos vir de pensamentos involuntários acerca dele. Depois tomamos outro componente do conteúdo onírico, repetimos com ele o mesmo trabalho e nos deixamos guiar por nossos pensamentos, despreocupados com a direção em que eles nos levam, e assim passamos de uma coisa a outra. Nisso abrigamos a expectativa confiante de que no final, sem nossa interferência ativa, daremos com os pensamentos oníricos dos quais surgiu o sonho. Contra isso os críticos argumentam da seguinte maneira. O fato de um elemento do sonho nos conduzir a algum lugar não é tão admirável assim; toda representação pode ser associada a algo. Notável é que nesse fluxo de pensamentos arbitrário e sem meta se chegue justamente aos pensamentos oníricos. Provavelmente isso é um autoengano; seguimos a cadeia de associações a partir daquele elemento até notarmos que por algum motivo ela é interrompida; quando tomamos o segundo elemento, é natural que o caráter originalmente irrestrito da associação sofra alguma limitação. Ainda temos na memória a cadeia de pensamentos anterior, de modo que na análise da segunda representação onírica deparamos mais facilmente com associações que têm algo em comum com as da primeira sequência. Então imaginamos ter encontrado um pensamento que é um ponto de conexão entre dois elementos do sonho. Como nos permitimos toda liberdade para ligar pensamentos e excluímos apenas as transições de uma representação para outra que atuam no pensamento normal, não será difícil, afinal, a partir de uma série de “pensamentos intermediários” preparar algo que chamamos de pensamentos oníricos e que, sem nenhuma garantia, pois não os conhecemos de outra forma, dizemos ser o substituto psíquico do sonho. Mas tudo, nisso, é completamente arbitrário, um uso

aparentemente engenhoso do acaso, e quem quer que empreenda esse esforço inútil pode, dessa maneira, excogitar para um sonho qualquer interpretação que quiser.

31

Se realmente nos fizerem tais objeções, poderemos, em nossa defesa, invocar a impressão deixada por nossas interpretações oníricas, as surpreendentes ligações com outros elementos do sonho que emergem quando examinamos uma das representações, e a improbabilidade de que algo que explica o sonho tão exaustivamente como nossa interpretação seja adquirido de outra forma que não seguindo ligações psíquicas preestabelecidas. Poderíamos também lembrar, em nossa justificação, que o procedimento na interpretação dos sonhos é idêntico ao utilizado na resolução dos sintomas histéricos, em que a exatidão do método é garantida pelo surgimento e desaparecimento dos sintomas em seu local, ou seja, em que as explicações do texto encontram amparo nas ilustrações. Mas não temos por que eludir o problema de como é possível alcançar uma meta preexistente seguindo uma cadeia de pensamentos arbitrária e sem meta, pois, embora não possamos resolver esse problema, somos capazes de eliminá-lo por completo.

32

É demonstravelmente incorreto afirmar que nos entregamos a um fluxo de representações sem meta quando, como sucede no trabalho de interpretação dos sonhos, abandonamos nossa reflexão e permitimos que surjam representações involuntárias. É possível mostrar que podemos rejeitar apenas representações com meta já nossas conhecidas e que, com a cessação destas, representações com meta desconhecidas — ou inconscientes, como dizemos de forma imprecisa — imediatamente passam a predominar e determinam o curso das representações involuntárias. Por mais que tenhamos influência em nossa vida psíquica, não podemos pensar sem representações com meta; e tampouco sei de estados de desordem psíquica em que isso acontece.⁹ Nesse ponto, os psiquiatras deixaram precocemente de crer na solidez da estrutura psíquica.⁸ Sei que uma sequência de pensamentos desregrada, destituída de representações com meta, não ocorre nem no âmbito da histeria e da paranoia nem na formação ou na resolução dos sonhos. Talvez jamais ocorra nas afecções psíquicas endógenas; até mesmo os delírios dos

estados confusionais são, conforme uma inteligente suposição de Leuret, dotados de sentido, tornando-se incompreensíveis apenas por suas omissões. Cheguei à mesma convicção sempre que tive a oportunidade de observá-los. Os delírios são obra de uma censura que já não se dá ao trabalho de ocultar sua ação, que, em vez de colaborar para uma nova versão que não mais seja escandalosa, apaga impiedosamente aquilo que desaprova, de maneira que o que resta se torna incoerente. Essa censura procede de forma bem análoga à censura russa na fronteira, que, na intenção de proteger os leitores, cobre de tinta preta muitas passagens dos jornais estrangeiros a eles destinados.

33

Talvez o jogo livre das representações numa cadeia associativa casual se manifeste em processos orgânicos destrutivos do cérebro; mas o que é visto como tal nas psiconeuroses sempre pode ser explicado pela ação da censura sobre uma série de pensamentos, que é empurrada para primeiro plano pelas representações com meta que permanecem ocultas.¹⁰ Como sinal infalível da associação livre de representações com meta considerou-se o caso de representações (ou imagens) que aparecem vinculadas pelos laços da chamada associação superficial, ou seja, por assonância, ambiguidade verbal, coincidência temporal sem relação interna de sentido, por todas as associações que nos permitimos usar nos chistes e nos jogos de palavras. Essa caracterização se aplica às ligações de pensamentos que nos levam dos elementos do conteúdo onírico aos pensamentos intermediários e destes aos pensamentos oníricos propriamente; em muitas análises de sonhos encontramos exemplos disso que nos surpreenderam. Não havia ligação solta demais nem chiste ruim demais que não pudesse formar a ponte de um pensamento para outro. Mas não é difícil entender essa complacência. *Sempre que um elemento psíquico é vinculado a outro por meio de uma associação superficial e chocante, há também uma ligação correta e mais profunda entre os dois, que está sujeita à resistência da censura.*

34

A pressão da censura, não a suspensão das representações com meta, é a razão verdadeira para o predomínio das associações superficiais. Elas substituem as associações profundas quando a censura torna intransitáveis essas vias de conexão

normais. É como se um obstáculo enorme numa região montanhosa, uma inundação, por exemplo, bloqueasse as estradas grandes e largas; o tráfego seria mantido nas trilhas íngremes e desconfortáveis normalmente utilizadas só pelos caçadores.

35 Podemos distinguir aqui dois casos, que na essência são o mesmo. Ou a censura se volta apenas contra a ligação entre dois pensamentos, que desvinculados não suscitam objeção. Então os dois chegam à consciência sucessivamente; seu vínculo permanece oculto; em vez disso nos ocorre uma ligação superficial entre os dois, na qual não teríamos pensado de outra forma, e que geralmente começa numa região do complexo de representações diferente daquela da qual parte a ligação reprimida, mas essencial. Ou os dois pensamentos são submetidos à censura por causa de seu conteúdo; nesse caso, os dois aparecem não em sua forma correta, mas modificados e substituídos, e os dois pensamentos substitutos são selecionados de maneira tal que mediante uma associação superficial reproduzem a ligação essencial que há entre os pensamentos por eles substituídos. *Sob a pressão da censura aconteceu, em ambos os casos, um deslocamento de uma associação normal, séria, para uma superficial, aparentemente absurda.*

36 Como sabemos desses deslocamentos, não hesitamos em confiar também nas associações superficiais ao interpretar sonhos.¹¹

37 A psicanálise das neuroses faz uso abundante das duas teses — a de que, com o abandono das representações com meta conscientes, o domínio sobre o curso das representações passa para as representações com meta ocultas, e a de que as associações superficiais apenas substituem, por deslocamento, as associações mais profundas e reprimidas. Essas duas teses se tornam, inclusive, pilares da técnica psicanalítica. Quando instruo um paciente a deixar toda reflexão e me dizer tudo o que lhe passar pela mente, me atenho ao pressuposto de que ele não consegue abrir mão das representações com meta do tratamento e me vejo autorizado a inferir que as coisas aparentemente mais inocentes e arbitrárias que ele me conta estão relacionadas à sua doença. Outra representação com meta de que o paciente não tem

ideia é a relativa à minha pessoa. A avaliação plena e a demonstração minuciosa das duas teses fazem parte da exposição da técnica psicanalítica como método terapêutico. Nisso alcançamos um dos pontos em que abandonamos deliberadamente o tema da interpretação dos sonhos.¹²

38

Dessas objeções, apenas uma coisa é certa e permanece: não precisamos supor que todas as associações do trabalho de interpretação se deram também no trabalho noturno do sonho. Interpretando no estado de vigília, fazemos um caminho que retrocede dos elementos oníricos para os pensamentos oníricos. O trabalho do sonho percorreu o caminho inverso, e não é nada provável que esses caminhos sejam transitáveis nos dois sentidos. Acontece, isto sim, que durante o dia, através de novas ligações de pensamentos, perfuramos poços que encontram os pensamentos intermediários e os pensamentos oníricos ora num lugar, ora em outro. Podemos ver como o novo material de pensamentos do dia se insere nas sequências interpretativas, e também é provável que o aumento da resistência, ocorrido desde a noite, obrigue a desvios novos e mais longos. O número ou tipo de pensamento colateral que assim tecemos durante o dia é totalmente irrelevante do ponto de vista psicológico, desde que nos levem aos pensamentos oníricos que buscamos.

B. A REGRESSÃO

39 Agora que nos defendemos das objeções — ou, pelo menos, indicamos onde se acham nossas armas de defesa —, não podemos mais adiar as investigações psicológicas para as quais nos equipamos há algum tempo. Vamos resumir os principais resultados de nossa investigação até o momento. O sonho é um ato psíquico de pleno valor; sua força motriz é sempre um desejo a ser realizado; o fato de não ser percebido como desejo e suas muitas peculiaridades e absurdos são devidos à influência da censura psíquica que sofreu ao se formar; além da necessidade de escapar dessa censura, outros fatores que contribuíram para sua formação foram a necessidade de condensação do material psíquico, a consideração pela representabilidade em imagens sensoriais e — ainda que não regularmente — a consideração por uma aparência racional e inteligível do produto onírico. Cada uma dessas teses nos conduz em direção a novos postulados e conjecturas de natureza psicológica; é preciso investigar a relação recíproca entre o desejo que é o motivo do sonho e as quatro condições para o sonho, e destas entre si; o sonho deve ser inserido no contexto da vida psíquica.

40 Iniciamos este capítulo com um sonho, para nos lembrarmos dos enigmas que ainda precisam ser solucionados. A interpretação desse sonho da criança em chamas não apresentou dificuldades, ainda que não tenha sido completa para nós. Perguntamos por que houve esse sonho, por que o pai não acordou de imediato, e reconhecemos como um dos motivos do sonhador o desejo de representar o filho vivo. Mais adiante notaremos que outro desejo também influiu no sonho. Em primeiro lugar, portanto, é para a realização do desejo que o processo de pensamento do sono é transformado em sonho.

41 Deixando de lado essa realização de desejo, resta apenas uma característica que diferencia os dois tipos de evento psíquico. O pensamento onírico teria sido este: “Vejo um brilho no quarto onde está o corpo. Uma vela pode ter caído, e meu filho

está queimando!”. O sonho reproduz o resultado desse raciocínio de modo inalterado, mas o representa numa situação que está no presente e que os sentidos apreendem como uma vivência do estado de vigília. Mas essa é a característica psicológica mais geral e mais notável do ato de sonhar; um pensamento, normalmente de uma coisa desejada, é objetivado no sonho, representado como cena ou, como acreditamos, vivenciado.

42 Como devemos explicar essa peculiaridade do trabalho do sonho, ou — em termos mais modestos — inseri-la no contexto dos processos psíquicos?

43 Se analisarmos mais detidamente esse sonho, notaremos que duas características quase independentes uma da outra se destacam na forma por ele assumida. A primeira é a representação do pensamento como situação atual, com a omissão do “talvez”; a segunda, a transformação desse pensamento em imagens visuais e fala.

44 A transformação por que passam os pensamentos oníricos quando a expectativa neles expressa é colocada no presente pode não ser muito clara nesse sonho. Isso está relacionado ao papel especial, na verdade secundário, que nele tem a realização do desejo. Tomemos outro sonho, em que o desejo do sonho não se separa da continuação dos pensamentos de vigília no sono; por exemplo, o sonho da injeção de Irma. Nele o pensamento representado no sonho está no modo optativo: “Se Otto fosse responsável pela doença de Irma!”. O sonho reprime o optativo e o substitui por um simples presente: “Sim, o Otto é responsável pela doença de Irma”. Essa é, portanto, a primeira das transformações a que também o sonho livre de deformações submete os pensamentos oníricos. Não nos deteremos muito nessa primeira peculiaridade do sonho. Podemos lidar com ela remetendo à fantasia consciente, ao sonho diurno, que age da mesma forma com seu conteúdo de representação. Quando o sr. Joyeuse, de Daudet, vaga desocupado pelas ruas de Paris, enquanto suas filhas pensam que ele tem um emprego e se acha no seu escritório, ele sonha com eventos que resultam em ajuda e num emprego para ele — igualmente no presente do indicativo. Portanto, o sonho usa o presente da mesma forma e com a mesma

justificativa do devaneio. O presente é o tempo verbal em que o desejo é representado como realizado.

45 Mas o sonho se distingue do devaneio na segunda característica, ou seja, no fato de o conteúdo de representações não ser pensado, mas transformado em imagens sensoriais, a que se dá crédito e se acredita vivenciar. Acrescentemos logo que nem todos os sonhos têm a mudança de representação em imagem sensorial; há sonhos que consistem apenas em pensamentos, e aos quais não negaríamos a natureza de sonhos. Meu sonho “*Autodidasker* — a fantasia diurna com o professor N.” é desse tipo; ele quase não incluía mais elementos sensoriais do que se eu tivesse pensado seu conteúdo durante o dia. Também há, em todo sonho mais extenso, elementos que não se transformaram em imagens sensoriais, que são simplesmente pensados ou sabidos, tal como estamos acostumados a pensar e saber no estado de vigília. Além disso, lembremos que essa transformação de representações em imagens sensoriais não ocorre apenas no sonho, mas também na alucinação, nas visões que podem aparecer de forma independente, em condições de saúde, ou como sintomas das psiconeuroses. Em suma, a relação que examinamos aqui não é, em nenhum aspecto, de natureza exclusiva; mas é certo que tal característica do sonho, quando ocorre, parece-nos a mais notável, de modo que não conseguimos imaginar a vida onírica sem ela. Mas sua compreensão exige uma discussão extensa.

46 Entre todas as observações sobre a teoria do sonhar que encontramos nos estudiosos, quero tomar uma como ponto de partida. Em sua *Psychophysik* (1889, v. 2, pp. 520 s.), o grande G. Th. Fechner faz a conjectura, numa discussão dedicada ao sonho, de que o palco dos sonhos é diferente daquele da vida de representações da vigília. Segundo ele, nenhuma outra suposição permite compreender as particularidades especiais da vida onírica.

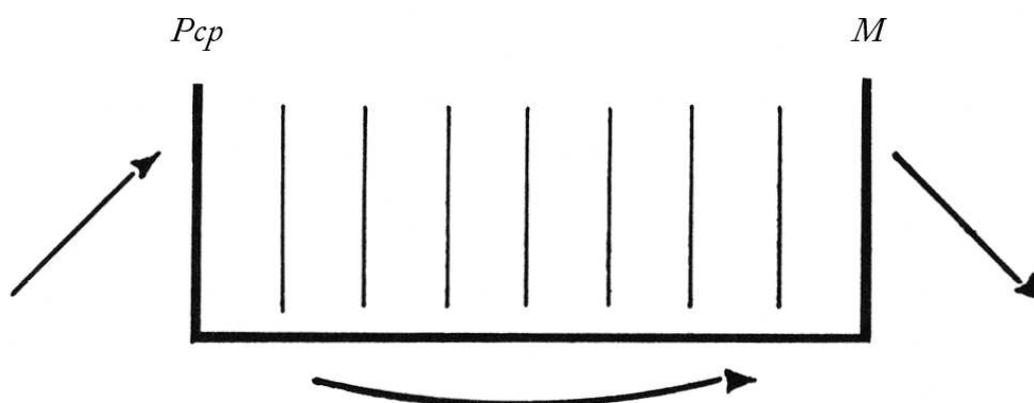
47 A ideia que nos é apresentada é a de uma *localidade psíquica*. Deixemos de lado que o aparelho psíquico em questão também nos é conhecido como preparado anatômico e evitemos ceder à tentação de determinar anatomicamente a localidade

psíquica. Vamos permanecer no terreno da psicologia e apenas seguir a sugestão de imaginar o instrumento que serve para as atividades psíquicas como, digamos, um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo assim. A localidade psíquica corresponde, então, a um lugar dentro de um aparelho em que um dos estágios preliminares da imagem se forma. Como sabemos, no caso do microscópio e do telescópio esse lugar corresponde, em parte, a localidades ideais, a regiões em que não se acha nenhum elemento concreto do aparelho. Considero desnecessário pedir desculpas pelas imperfeições dessa ou de qualquer imagem semelhante. Esses símiles devem apenas nos ajudar na tentativa de tornar inteligível a complexidade do funcionamento psíquico, dissecando esse funcionamento e atribuindo diferentes funções aos vários componentes do aparelho. Pelo que sei, a tentativa de chegar à composição do instrumento psíquico a partir dessa dissecação ainda não foi feita. Ela me parece inócua. Creio que podemos dar livre curso a nossas especulações, desde que mantenhamos sereno o nosso juízo e não tomemos os andaimes pela construção. Dado que necessitamos apenas de representações auxiliares na primeira abordagem a algo desconhecido, de início daremos preferência às suposições mais toscas e concretas.

48

Assim, imaginemos o aparelho psíquico como um instrumento composto, cujos componentes chamaremos de *instâncias* ou, por amor da expressividade, *sistemas*. Depois esperaremos que esses sistemas possam manter uma relação espacial constante entre si, como, por exemplo, os vários sistemas de lentes de um telescópio são dispostos um atrás do outro. A rigor, não há necessidade de supor uma ordenação realmente *espacial* dos sistemas psíquicos. Basta que se estabeleça uma ordem fixa, na qual, em certos processos psíquicos, os sistemas sejam percorridos pela excitação em determinada sequência *temporal*. Em outros processos, a sequência pode sofrer uma alteração; vamos manter em aberto essa possibilidade. Em prol da brevidade, passaremos a chamar os componentes do aparelho de “sistemas ψ ”.

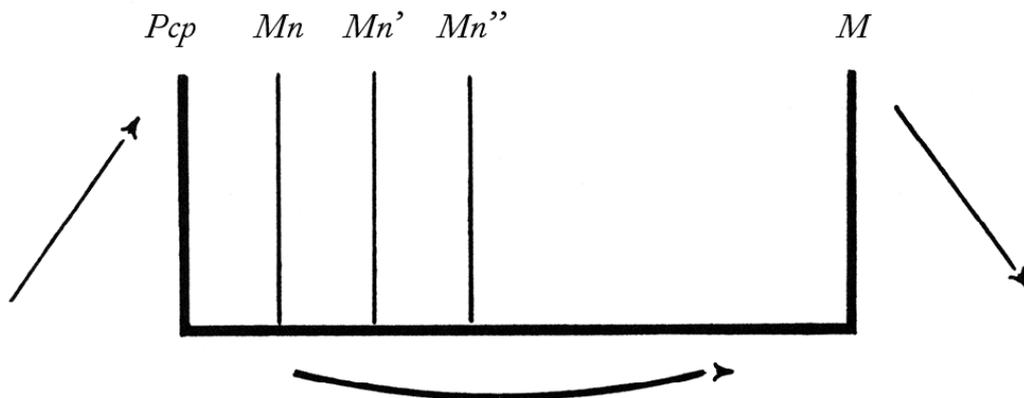
A primeira coisa a chamar nossa atenção é que esse aparelho, composto de sistemas ψ , tem uma direção. Toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. Então, atribuímos ao aparelho uma extremidade sensível e uma extremidade motora; na extremidade sensível se encontra um sistema que recebe as percepções; na extremidade motora, outro que abre as comportas da motilidade. Em geral, o processo psíquico transcorre da extremidade perceptiva para a extremidade motora. Assim, o esquema mais geral do aparelho psíquico teria a seguinte aparência:



Mas isso apenas satisfaz um requisito que há muito tempo nos é familiar, o de que o aparelho psíquico deve ser construído como um aparelho reflexo. O processo reflexo continua a ser o modelo de toda atividade psíquica.

Agora temos motivo para introduzir uma primeira diferenciação na extremidade sensível. Das percepções que nos chegam permanece um traço em nosso aparelho psíquico, que podemos chamar de “*traço mnêmico*”. Denominamos “*memória*” a função ligada a esse traço mnêmico. Se levarmos a sério a intenção de vincular os processos psíquicos a sistemas, o traço mnêmico só poderá consistir em alterações duradouras nos elementos dos sistemas. Mas, como já foi apontado por outro autor [Breuer, 1895], há dificuldades em supor que o mesmo sistema deve conservar fielmente as alterações de seus elementos e, simultaneamente, permanecer aberto e

receptivo para novas ocasiões de modificação. Então, conforme o princípio que dirige nossa experiência, atribuiremos essas duas funções a sistemas diferentes. Suporemos que um sistema mais à frente no aparelho recebe os estímulos perceptivos, mas nada conserva deles, ou seja, não possui memória, e que por trás dele há um segundo sistema que transforma a excitação momentânea do primeiro em traços duradouros. Então o desenho do nosso aparelho psíquico seria este:



52 Sabe-se que conservamos duradouramente algo além do conteúdo das percepções que agem sobre o sistema P_{cp} . Nossas percepções se mostram ligadas entre si também na memória, sobretudo após terem ocorrido simultaneamente. Chamamos *associação* a esse fato. Assim, fica claro que, se o sistema P_{cp} não possui memória, também não pode reter os traços para a associação. Os diferentes elementos de P_{cp} ficariam intoleravelmente impedidos em sua função se o resíduo de uma ligação anterior influísse numa nova percepção. Portanto, temos de supor que a base da associação são os sistemas mnêmicos. Então a associação consiste no fato de que, devido a diminuições na resistência e a novas vias facilitadas [*Bahnungen*], a excitação se propaga de um dos elementos M_n mais prontamente para um segundo elemento M_n do que para um terceiro.

53 Um exame mais atento mostrará a necessidade de supor não um, mas vários desses elementos M_n , nos quais a mesma excitação transmitida pelos elementos P_{cp} é

fixada de modos diferentes. O primeiro desses sistemas Mn conterà, em todo caso, a fixação da associação pela simultaneidade; nos sistemas mais distantes, o mesmo material de excitação se organizará de acordo com outros tipos de coincidência, de modo que relações de similaridade e outras seriam representadas por esses sistemas posteriores. Naturalmente, seria inútil querer expressar em palavras a significação psíquica de tal sistema. Sua característica residiria em suas relações íntimas com os elementos do material mnêmico bruto, isto é — se quisermos apontar para uma teoria mais profunda —, nas gradações da resistência de condução rumo a esses elementos.

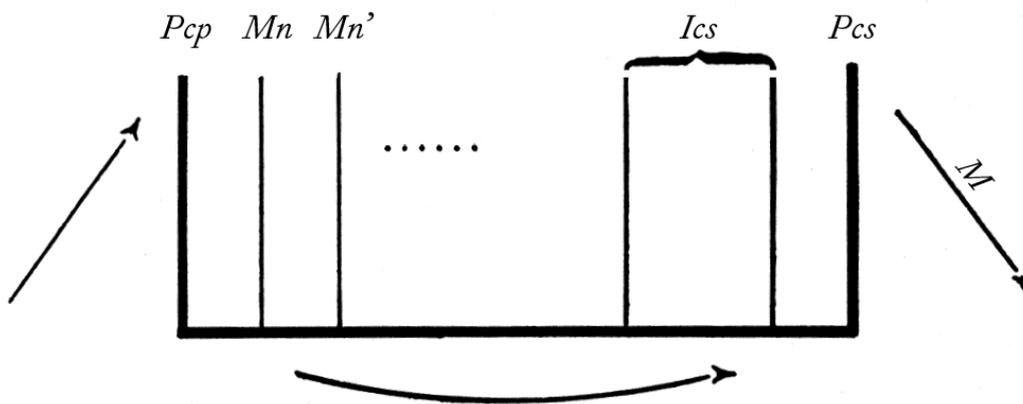
54 Cabe aqui uma observação de natureza geral, que talvez aponte para algo significativo. O sistema Pcp , que não possui a capacidade de preservar modificações, ou seja, não tem memória, proporciona à nossa consciência toda a multiplicidade das qualidades sensoriais. Inversamente, nossas lembranças, inclusive as que estão gravadas mais profundamente em nós, são inconscientes em si mesmas. Elas podem ser tornadas conscientes; mas não há dúvida de que em seu estado inconsciente produzem todos os seus efeitos. Aquilo que chamamos nosso caráter se baseia nos traços mnêmicos das nossas impressões, e justamente as impressões que tiveram o mais forte efeito sobre nós, as de nossa primeira infância, são aquelas que quase nunca se tornam conscientes. Quando as lembranças se tornam conscientes de novo, porém, não mostram nenhuma qualidade sensorial, ou apenas uma muito insignificante, comparada às percepções. Se pudéssemos confirmar que *memória e qualidade para a consciência se excluem mutuamente nos sistemas Ψ* , abrir-se-ia uma janela promissora para o estudo das condições de excitação dos neurônios.¹³

55 Até agora, nossas hipóteses sobre a composição do aparelho psíquico na extremidade sensorial foram feitas sem considerarmos o sonho e os esclarecimentos psicológicos que dele podem ser extraídos. Mas para o conhecimento de outra parte do aparelho o sonho se torna fonte de evidência. Vimos que nos foi impossível explicar a formação do sonho sem supor a existência de duas instâncias psíquicas,

uma das quais submete a atividade da outra a uma crítica, cuja consequência é ela não se tornar consciente.

56

A instância que critica, concluímos, mantém relações mais próximas com a consciência do que a criticada. Ela se acha entre esta e a consciência, como uma tela protetora. Encontramos também sustentação para identificar a instância crítica com aquilo que orienta nossa vida de vigília e decide sobre nossos atos voluntários, conscientes. Se agora substituirmos essas instâncias por sistemas, conforme nossas suposições, o conhecimento mencionado por último aproxima o sistema que critica da extremidade motora. Agora incluímos os dois sistemas em nosso esquema e expressamos por meio de seus nomes sua relação com a consciência.



57

Denominamos *pré-consciente* o último dos sistemas na extremidade motora, para indicar que os processos de excitação que nele ocorrem podem chegar à consciência sem maior impedimento, caso determinadas condições forem satisfeitas; por exemplo, se atingirem certo grau de intensidade, se aquela função denominada atenção for distribuída de certa forma etc. Ele é, ao mesmo tempo, o sistema que tem as chaves da motilidade voluntária. O sistema por trás deste chamamos *o inconsciente*, pois não tem acesso à consciência *senão pelo pré-consciente*; ao passar por este, seu processo de excitação tem de se submeter a modificações.¹⁴

58

Em qual desses sistemas situamos o impulso para a formação do sonho? A bem da simplificação, no sistema *Ics*. Veremos, em discussão posterior, que isso não é

totalmente correto, que a formação do sonho é obrigada a se ligar a pensamentos oníricos que fazem parte do sistema do pré-consciente. Mas também descobriremos, ao considerar o desejo do sonho, que a força motriz do sonho é fornecida pelo *Ics*, e devido a esse último fator tomaremos o sistema inconsciente como o ponto de partida da formação do sonho. Essa instigação do sonho manifestará, como todas as demais formações de pensamento, o empenho de prosseguir no *Pcs* e, a partir deste, obter acesso à consciência.

59 A experiência nos mostra que durante o dia esse caminho que leva à consciência pelo pré-consciente é barrado para os pensamentos oníricos pela censura da resistência. De noite eles obtêm acesso à consciência, mas então surge a questão de que modo o fazem e graças a qual modificação. Se isso lhes fosse possibilitado pelo fato de à noite diminuir a resistência que monta guarda na fronteira entre inconsciente e pré-consciente, teríamos sonhos feitos do material das nossas representações, que não apresentam o caráter alucinatório que nos interessa no momento.

60 A diminuição da censura entre os dois sistemas *Ics* e *Pcs* pode nos explicar apenas formações oníricas como o *Autodidasker*, mas não sonhos como o da *criança em chamas*, que colocamos como problema no início destas investigações.

61 O que acontece no sonho alucinatório não podemos descrever de outro modo senão dizendo que a excitação toma um caminho *para trás*. Em vez de se propagar rumo à extremidade motora do aparelho, ela avança rumo à extremidade sensorial e alcança, por fim, o sistema das percepções. Se chamarmos de *progressiva* a direção que o processo psíquico segue a partir do inconsciente na vigília, poderemos dizer que o sonho tem caráter “*regressivo*”.¹⁵

62 Essa regressão é, sem dúvida, uma das peculiaridades psicológicas do processo onírico; mas não devemos esquecer que ela não se dá apenas quando sonhamos. Também a recordação deliberada e outros processos constituintes de nosso pensamento normal correspondem a um movimento regressivo, no aparelho psíquico, de algum ato complexo de representação para a matéria-prima dos traços

mnêmicos a ele subjacentes. No estado de vigília, porém, esse movimento para trás nunca vai além das imagens mnêmicas; não consegue produzir o reavivamento alucinatório das imagens perceptuais. Por que é diferente no sonho? Quando falamos sobre o trabalho de condensação do sonho, não pudemos deixar de supor que, mediante o trabalho do sonho, as intensidades inerentes às representações são transferidas completamente de uma para a outra. É provavelmente essa modificação do processo psíquico habitual que possibilita o investimento do sistema *Pcp* na direção inversa, a partir dos pensamentos, até a plena vivacidade sensorial.

63

Estamos longe, creio, de nos iludirmos sobre o alcance dessas considerações. Não fizemos mais que dar um nome a um fenômeno que não foi explicado. Denominamos regressão o fato de no sonho a representação se transformar de volta na imagem sensorial da qual surgiu em algum momento. Mas também esse passo requer justificação. Para que dar um nome, se isso nada nos ensina de novo? Bem, acredito que o nome “regressão” nos é útil na medida em que vincula o fato já nosso conhecido ao esquema do aparelho psíquico dotado de uma direção. Neste ponto somos recompensados, pela primeira vez, por haver desenhado aquele esquema. Pois apenas com o auxílio dele se torna compreensível, sem nova reflexão, outra peculiaridade da formação do sonho. Se vemos o processo onírico como regressão no interior do aparelho psíquico por nós suposto, podemos explicar sem maior dificuldade o fato empiricamente comprovado de que todas as relações [lógicas] dos pensamentos oníricos se perdem durante o trabalho do sonho ou se expressam apenas com grande esforço. Segundo o nosso esquema, tais relações não estão contidas nos primeiros sistemas *Mn*, mas nos sistemas mais à frente, e na regressão perdem necessariamente sua expressão, exceto as imagens perceptuais. *Na regressão, a estrutura [Gefüge] dos pensamentos oníricos é reduzida à sua matéria-prima.*

64

Mas que alteração possibilita a regressão que é impossível durante o dia? Aqui nos contentaremos com suposições. Devem ser alterações nos investimentos de energia dos diversos sistemas que os tornam mais viáveis ou inviáveis para a passagem da excitação; mas, em cada aparelho assim, o mesmo efeito sobre o caminho da

excitação poderia ser produzido por mais de um tipo de mudança. Naturalmente, logo pensamos no estado de sono e nas alterações de investimento que ele provoca na extremidade sensorial do aparelho. Durante o dia, existe uma corrente contínua do sistema ψ da *Pcp* em direção à motilidade; esta se encerra à noite, e não poderia mais ser um obstáculo para uma corrente regressiva. Seria esse o “fechamento para o mundo exterior” que, na teoria de alguns autores, explicaria as características psicológicas do sonho (cf. p. 77). Contudo, para explicar a regressão do sonho é preciso levar em conta aquelas outras regressões que ocorrem em estados de vigília patológicos. Nessas formas, a explicação dada não nos ajuda. A regressão se dá apesar da corrente sensorial ininterrupta em direção progressiva.

65 Para as alucinações da histeria, da paranoia, para as visões de pessoas de mente normal, posso dar a explicação de que realmente correspondem a regressões, isto é, são pensamentos transformados em imagens, e de que sofrem essa transformação apenas os pensamentos intimamente ligados a lembranças reprimidas ou que permaneceram inconscientes. Um de meus mais jovens pacientes histéricos, por exemplo, um garoto de doze anos de idade, é impedido de adormecer por “*rostos verdes com olhos vermelhos*”, que o deixam apavorado. A fonte desse fenômeno é a lembrança reprimida, mas outrora consciente, de um garoto que ele via com frequência quatro anos antes e que lhe oferecia um quadro horrível de maus hábitos infantis, entre eles o da masturbação, pela qual agora ele se recrimina a posteriori. A mãe percebeu, na época, que o garoto mal-educado apresentava um rosto de cor *esverdeada* e olhos *vermelhos* (isto é, *de contornos vermelhos*). Daí vem a assombração, que serve apenas para lhe recordar a predição da mãe, segundo a qual garotos desse tipo se tornam idiotas, nada aprendem na escola e morrem cedo. Nosso pequeno paciente faz uma parte da profecia se realizar; ele não consegue avançar no ginásio e, como mostra a comunicação de seus pensamentos espontâneos, tem um medo terrível da segunda parte. Mas em pouco tempo o tratamento mostra bons resultados: ele dorme, perde a ansiedade e conclui o ano escolar com um ótimo boletim.

Posso acrescentar a explicação de uma visão que uma paciente histérica de quarenta anos de idade me contou e que datava de seus dias de sanidade. Certa manhã, ela abre os olhos e vê seu irmão no quarto, que, como ela bem sabe, fica no manicômio. Seu filho pequeno dorme na cama ao lado dela. Para que o menino, ao ver o tio, não se *assuste* e sofra uma *crise de convulsões*, ela puxa a *coberta* sobre ele, e a visão desaparece. Esta é a transformação de uma lembrança infantil da mulher, que era consciente, mas ligava-se intimamente a todo o material inconsciente em seu interior. Sua babá lhe contara que a mãe, que havia morrido muito cedo (ela só tinha um ano e meio de idade então), sofrera de convulsões epiléticas ou histéricas após levar um susto provocado pelo irmão (o tio da minha paciente), quando ele lhe apareceu como fantasma, coberto com um lençol. A visão contém os mesmos elementos da lembrança: a aparição do irmão, a coberta, o susto e seu efeito. Mas esses elementos foram reagrupados em outro contexto e transferidos para outras pessoas. O motivo evidente da visão, o pensamento que ela substitui é a preocupação de que seu filho, fisicamente tão parecido com o tio, poderia ter o mesmo destino.

Os dois exemplos aqui apresentados não são inteiramente sem relação com o estado de sono e, por isso, talvez sejam inadequados para a demonstração que busco. Então remeto à minha análise de um caso de paranoia alucinatória¹⁶ e aos resultados dos meus estudos ainda inéditos sobre a psicologia das psiconeuroses, para confirmação de que nesses casos de transformação regressiva dos pensamentos não podemos ignorar a influência de uma lembrança, geralmente infantil, que foi reprimida ou permaneceu inconsciente. O pensamento vinculado a ela, e impedido pela censura de se expressar, é como que arrastado pela lembrança para a regressão, para a forma de representação em que ela mesma tem existência psíquica. Posso mencionar aqui um resultado dos *Estudos sobre a histeria* [1895, no caso de Anna O.], segundo o qual as cenas infantis (sejam elas lembranças ou fantasias), quando se consegue torná-las conscientes, são vistas de forma alucinatória e perdem esse caráter apenas ao serem comunicadas. Sabe-se também que, mesmo em pessoas cujas

lembranças não são visuais, as primeiras lembranças da infância preservam o caráter da vividez sensorial até uma idade avançada.

68

Se agora nos lembrarmos do papel que têm, nos pensamentos oníricos, as vivências infantis ou as fantasias nelas baseadas, de como frequentemente reaparecem partes delas no conteúdo do sonho, de como os próprios desejos oníricos são frequentemente derivados delas, não poderemos descartar a probabilidade de que também nos sonhos a transformação de pensamentos em imagens visuais seja, em parte, consequência da *atração* que a lembrança representada visualmente, que busca ser reavivada, exerce sobre o pensamento excluído da consciência e que peleja por se expressar. Segundo essa concepção, o sonho poderia ser descrito também como *o substituto de uma cena infantil modificado pela transferência para algo recente*. A cena infantil não consegue realizar sua própria renovação; tem de se contentar com seu retorno como sonho.

69

A referência à importância, de certo modo exemplar, que as cenas infantis (ou suas repetições fantasiosas) têm para o conteúdo do sonho torna supérflua uma das hipóteses de Scherner e seus seguidores, relativa às fontes internas de estímulo. Scherner [1861] supõe um estado de “estímulo visual”, de excitação interna do órgão da visão, quando os sonhos exibem uma vividez particular ou riqueza especial dos elementos visuais. Não precisamos contestar essa hipótese; podemos nos contentar em requerer esse estado de excitação apenas para o sistema perceptual psíquico do órgão da visão, mas insistimos em que esse estado de excitação é produzido pela lembrança, é o reavivamento da excitação visual que era atual em seu momento. Não disponho de um exemplo bom, tirado de minha própria experiência, para tal influência de uma lembrança infantil; meus sonhos são menos ricos em elementos sensoriais do que parecem ser os sonhos dos outros. Mas no mais belo e mais vívido sonho que tive nos últimos anos não é difícil relacionar a nitidez alucinatória do conteúdo a qualidades sensoriais de impressões havidas pouco tempo antes. Na página 510 registrei um sonho em que o azul-profundo da água, o marrom da fumaça que saía das chaminés dos navios e o marrom e vermelho escuros dos prédios que vi

deixaram uma impressão profunda em mim. Se algum sonho tivesse de ser interpretado pelo estímulo visual, seria esse. E o que havia colocado nesse estado de estimulação meu órgão da visão? Uma impressão recente que se juntou a uma série de impressões mais antigas. As cores que vi eram, em primeiro lugar, as de uma caixa de blocos de brinquedo com que meus filhos haviam montado um prédio magnífico no dia anterior ao sonho, para minha admiração. Lá estavam o mesmo vermelho sombrio nas pedras grandes, o azul e o marrom nas pequenas. A eles se uniram as cores de minhas últimas viagens à Itália: o lindo azul do Isonzo e da Laguna e o marrom do Carso. O esplendor colorido do sonho era apenas uma repetição das cores vistas na lembrança.

70

Vamos resumir o que aprendemos sobre a peculiaridade que têm os sonhos de transformar seu conteúdo de representações em imagens sensoriais. Não explicamos essa característica do trabalho do sonho, por exemplo, relacionando-a a leis conhecidas da psicologia; nós a destacamos como algo que aponta para implicações desconhecidas e a caracterizamos com o termo “*regressiva*”. Pensamos que essa regressão, sempre que ocorre, é um efeito da resistência que se opõe ao avanço de um pensamento em direção à consciência pela via normal, e da atração simultânea que sobre ele exercem lembranças de grande vividez sensorial.¹⁷ No caso dos sonhos, a regressão talvez seja facilitada ainda pela cessação da corrente progressiva que durante o dia vem dos órgãos sensoriais, um fator auxiliar que em outras formas de regressão tem de ser compensado pelo fortalecimento dos outros motivos para ela. Não esqueçamos de observar também que, nesses casos patológicos de regressão, assim como nos sonhos, o processo da transferência de energia deve diferir daquele das regressões na vida psíquica normal, pois torna possível um investimento alucinatorio pleno dos sistemas de percepção. O que descrevemos na análise do trabalho do sonho como “consideração pela representabilidade” deve ser relacionado à *atração seletiva* das cenas lembradas visualmente, afetadas pelos pensamentos oníricos.

71

A propósito da regressão,^h observemos ainda que na teoria da formação dos sintomas neuróticos ela tem um papel não menos relevante que na teoria dos sonhos. Diferenciamos três tipos de regressão: a) uma regressão *topológica*, no sentido do esquema dos sistemas ψ aqui desenvolvido, b) uma *temporal*, quando se trata de um retorno a formações psíquicas mais antigas, e c) uma regressão *formal*, quando modos primitivos de expressão e representação substituem os habituais. Mas todos os três tipos de regressão, no fundo, são um só e coincidem na maioria dos casos, pois a mais antiga é, ao mesmo tempo, a mais primitiva na forma e, na topologia psíquica, a mais próxima à extremidade perceptiva.

72

Não podemos abandonarⁱ o tema da regressão no sonho sem expor uma impressão que já tivemos repetidas vezes e que, após um aprofundamento no estudo das psiconeuroses, voltará com força ainda maior: a de que sonhar é, no conjunto, um exemplo de regressão à condição mais antiga do sonhador, um reavivamento de sua infância, dos impulsos instintuais que nela predominavam e dos modos de expressão de que ela dispunha. Por trás dessa infância individual vislumbramos a infância filogenética, a evolução do gênero humano, da qual a do indivíduo é verdadeiramente uma repetição abreviada, influenciada pelas circunstâncias casuais da vida. Pressentimos como são certas as palavras de Friedrich Nietzsche, segundo o qual no sonho “prosegue atuando uma antiquíssima porção de humanidade, à qual dificilmente temos acesso por via direta”,^j e isso gera em nós a expectativa de pela análise dos sonhos chegar ao conhecimento da herança arcaica do ser humano e descobrir o que nele é psiquicamente inato. Parece que o sonho e a neurose conservaram mais antiguidades psíquicas do que era possível imaginar, de modo que a psicanálise pode reclamar para si uma posição elevada entre as ciências que buscam reconstruir as fases mais antigas e sombrias do começo da humanidade.

73

É bem possível que essa primeira porção do nosso estudo psicológico do sonho não satisfaça bastante a nós mesmos. Consolemo-nos com o fato de que somos obrigados

a tatear e construir no escuro. Se não nos extraviarmos por completo, deveremos, partindo de outro ponto, chegar aproximadamente à mesma região, na qual poderemos nos orientar melhor.

C. A REALIZAÇÃO DE DESEJO

74 O sonho relatado no início deste capítulo, do garoto em chamas, nos fornece um bom ensejo para abordar as dificuldades com que se defronta a teoria da realização de desejos. Certamente, todos estranhamos a tese de que o sonho não é senão a realização de um desejo, e isso não apenas pela contradição que significa um sonho angustiante. Quando os primeiros esclarecimentos da análise nos disseram que por trás de cada sonho há sentido e valor psíquico, não estávamos preparados para uma definição tão inequívoca desse sentido. Segundo a definição correta, mas muito sumária, de Aristóteles, o sonho é o pensamento que persiste no sono (na medida em que dormimos). Se durante o dia nosso pensamento produz atos psíquicos tão diversos como juízos, inferências, refutações, expectativas, intenções etc., por que deveria ele se limitar à produção de desejos à noite? Não seriam muitos os sonhos que nos apresentam atos psíquicos de outro tipo transformados em sonho, uma preocupação, por exemplo, e não seria justamente o sonho do pai do começo do capítulo, tão transparente, um sonho desse tipo? Quando o clarão incide em seus olhos adormecidos, ele deduz, preocupado, que uma vela pode ter caído e incendiado o corpo; ele transforma essa dedução num sonho, dando-lhe a roupagem de uma situação sensorial e atual. Que participação tem nisso a realização de um desejo, e como não enxergar o predomínio do pensamento oriundo da vigília ou estimulado pela nova impressão sensorial?

75 Tudo isso é correto e nos faz abordar mais detidamente o papel da realização de desejos nos sonhos e a importância dos pensamentos da vigília que continuam no sono.

76 A realização de desejo foi justamente o que nos levou a dividir os sonhos em dois grupos. Encontramos sonhos que apareciam abertamente como realizações de desejos; e outros cuja realização de desejo era irreconhecível, dissimulada com todos

os meios. Nesses últimos reconhecemos a obra da censura do sonho. Encontramos os sonhos de desejos menos deformados nas crianças sobretudo; sonhos de desejo *breves* e francos *pareciam* — ênfase essa ressalva — ocorrer também em adultos.

77

Agora podemos perguntar de onde sempre vem o desejo que se realiza no sonho. Mas que situações contrastantes ou que alternativas temos em mente com essa pergunta? Refiro-me ao contraste entre a vida diurna que se tornou consciente e uma atividade psíquica que permaneceu inconsciente, que pode se fazer notar apenas à noite. Vejo três possibilidades para a origem de um desejo: 1) Ele pode ter sido despertado durante o dia e, devido a circunstâncias externas, não ter sido satisfeito; resta assim, para a noite, um desejo reconhecido e não resolvido; 2) ele pode ter surgido durante o dia, mas ter sido rejeitado; resta então um desejo não resolvido, mas suprimido; ou 3) ele pode não ter relação com a vida diurna e ser um daqueles desejos que apenas à noite se agitam em nós, a partir do que é reprimido. Se voltarmos ao nosso esquema do aparelho psíquico, situamos um desejo [*Wunsch*] do primeiro tipo no sistema *Pcs*; supomos que um desejo [*Wunsch*] do segundo tipo foi obrigado a recuar do sistema *Pcs* para o *Ics* e apenas nesse se conservou (se é que o fez); e, quanto ao impulso com desejo^k do terceiro tipo, acreditamos que não é capaz de transpor o sistema *Ics*. A pergunta, então, é se os desejos dessas diferentes fontes têm o mesmo valor para o sonho, o mesmo poder de instigar um sonho.

78

Uma olhada sobre os sonhos de que dispomos para responder a essa pergunta logo nos lembra de acrescentar, como quarta fonte do desejo do sonho, os impulsos com desejo atuais que surgem à noite (em resposta ao estímulo da sede, à necessidade sexual, por exemplo). Em seguida, parece-nos provável que a origem do desejo do sonho em nada altera sua capacidade de instigar um sonho. Recordo o sonho da garota que continua o passeio de barco interrompido durante o dia e outros sonhos de crianças; eles se explicam por um desejo diurno não realizado, mas não reprimido. São numerosos os exemplos de um desejo reprimido durante o dia que se manifesta no sonho; posso acrescentar um sonho muito simples desse tipo. Uma senhora zombeteira, cuja amiga mais jovem ficou noiva, responde às perguntas que

as conhecidas lhe fazem durante o dia, se conhece o noivo e o que acha dele, com elogios incondicionais, silenciando seu verdadeiro juízo, pois ela preferiria dizer a verdade: É um tipo de homem que se encontra às dúzias. À noite, sonha que a mesma pergunta lhe é feita, e responde com a frase: “*Para pedidos iguais, basta informar o número*”. Por fim, tivemos como resultado de muitas análises que, em todos os sonhos que sofreram deformação, o desejo vem do inconsciente e não pôde ser percebido durante o dia. Assim, à primeira vista todos os desejos parecem ter o mesmo valor e o mesmo poder na formação do sonho.

79

Não tenho como provar aqui que na verdade a coisa é diferente, mas me inclino bastante a supor que o desejo do sonho é determinado de modo mais estrito. Os sonhos infantis não deixam dúvida de que um desejo não resolvido durante o dia pode ser o instigador do sonho. Mas não devemos esquecer que é o desejo de uma criança, um impulso com desejo dotado da força própria do que é infantil. Duvido muito que um desejo não realizado durante o dia baste para produzir um sonho num adulto. Parece-me, isto sim, que, com o crescente domínio de nossa vida instintual pela atividade do pensamento, renunciemos cada vez mais, como sendo inúteis, à formação ou preservação de desejos intensos como os da criança. É possível que haja diferenças individuais, que alguns conservem o tipo infantil de processos psíquicos por mais tempo do que outros, tal como existem essas diferenças também no enfraquecimento da imaginação visual originalmente vívida. Mas acredito que, em geral, o desejo diurno que não foi satisfeito não basta para produzir um sonho no adulto. Admito de bom grado que o impulso desejoso proveniente do consciente contribuirá para a instigação do sonho, mas provavelmente não mais do que isso. O sonho não surgiria se o desejo pré-consciente não soubesse obter reforço de outro lugar.

80

Ou seja, do inconsciente. *Suponho que o desejo consciente se torna instigador de um sonho apenas quando consegue despertar um desejo inconsciente do mesmo teor, com o qual ele se fortalece.* Seguindo indicações da psicanálise das neuroses, vejo tais desejos inconscientes como sempre ativos, sempre dispostos a achar expressão quando lhes é

oferecida uma oportunidade de se aliar a um impulso do consciente e de transferir sua grande intensidade para a deste, que é menor.¹⁸ Parecerá então que apenas o desejo consciente se realizou no sonho; mas uma pequena peculiaridade na configuração desse sonho nos colocará na pista do poderoso ajudante vindo do inconsciente. Esses desejos sempre ativos, como que imortais, do nosso inconsciente, que lembram os Titãs do mito, sobre os quais pesam desde os primórdios as grandes massas das montanhas que um dia lhes foram impostas pelos deuses vitoriosos e que, sob as convulsões de seus membros, ainda tremem de vez em quando — esses desejos que se encontram reprimidos, digo, são eles próprios de origem infantil, como vimos pela pesquisa psicológica das neuroses. Então quero deixar de lado a tese enunciada acima, de que a origem do desejo do sonho seria irrelevante, e substituí-la por outra, que diz: *O desejo representado no sonho é necessariamente infantil*. No adulto, ele vem do *Ics*; na criança, em que ainda não há separação e censura entre *Pcs* e *Ics*, ou isso apenas começa gradualmente a se estabelecer, é um desejo não realizado, não reprimido da vida de vigília. Sei que essa concepção não pode ser demonstrada de modo geral, mas afirmo que ela pode ser demonstrada com frequência, também onde não a esperaríamos, e não pode ser refutada de modo geral.

81

Assim, relego a uma posição secundária os desejos remanescentes da vida de vigília consciente, no que se refere à formação do sonho. Não lhes atribuirei outro papel senão, digamos, o que tem o material de sensações atuais durante o sono para o conteúdo do sonho (cf. pp. 273 ss.). Mantenho-me na mesma linha de raciocínio ao considerar agora os outros estímulos psíquicos que restam da vida de vigília e que não são desejos. Quando resolvemos dormir, é possível encerrar temporariamente os investimentos de energia do nosso pensamento desperto. Quem faz isso dorme bem; dizem que Napoleão I era um modelo desse tipo de pessoa. Mas nem sempre conseguimos fazê-lo, e nem sempre de modo completo. Problemas não resolvidos, preocupações que atormentam, excesso de impressões — tudo isso faz prosseguir a

atividade do pensamento durante o sono e alimenta processos psíquicos no sistema que designamos como pré-consciente. Se quisermos classificar esses impulsos de pensamento que prosseguem durante o sono, podemos estabelecer os seguintes grupos: 1) O que algum impedimento casual não nos deixou concluir durante o dia; 2) O que permaneceu não resolvido em virtude da insuficiência de nossa força intelectual, o não solucionado; 3) O que durante o dia foi rejeitado e reprimido. Junta-se a isso um poderoso grupo 4: o que foi ativado em nosso *Ics* pelo trabalho do pré-consciente ao longo do dia. Por fim, podemos acrescentar, como grupo 5: as impressões indiferentes e, por isso, não resolvidas do dia.

82

Não devemos subestimar as intensidades psíquicas que são introduzidas no estado de sono por esses resíduos da vida diurna, sobretudo as do grupo dos assuntos não solucionados. Certamente essas excitações lutam por expressão também durante a noite, e com a mesma certeza podemos supor que o estado de sono impossibilita a continuação habitual do processo de excitação no pré-consciente e seu encerramento por tornar-se consciente. Na medida em que podemos nos tornar conscientes de nossos processos de pensamentos pela via normal também durante a noite, nós não dormimos. Não sei dizer que tipo de mudança o estado de sono provoca no sistema *Pcs*;¹⁹ mas não há dúvida de que as características psicológicas do sono devem ser buscadas essencialmente nas mudanças de investimento desse sistema, que domina também o acesso à motilidade, paralisada durante o sono. Por outro lado, nada na psicologia do sonho me dá ocasião para supor que o sono muda algo nas relações do sistema *Ics*, a não ser secundariamente. Não resta, portanto, à excitação noturna no *Pcs* outro caminho senão aquele tomado pelas excitações de desejo que vêm do *Ics*; ela tem de buscar reforço do *Ics* e acompanhar as excitações inconscientes em seus rodeios. Mas qual a relação dos resíduos diurnos pré-conscientes com o sonho? Não há dúvida de que eles penetram o sonho em grande número, de que utilizam o conteúdo do sonho para se impor à consciência também durante a noite; chegam a dominar eventualmente o conteúdo do sonho, obrigam-no a prosseguir o trabalho diurno; é certo também que os resíduos diurnos podem ter qualquer outro caráter

além de desejos; mas é bastante instrutivo e de importância decisiva para a teoria da realização de desejos ver que condição eles têm de obedecer para serem acolhidos no sonho.

83

Tomemos um dos exemplos de sonhos anteriores, como o do sonho que apresenta meu amigo Otto com os sintomas da doença de Basedow (p. 311). Durante o dia, a aparência de Otto me dera motivo para preocupação, e isso me tocou intimamente, como tudo o que diz respeito a ele. Suponho que essa preocupação me acompanhou também no sono. Provavelmente eu queria descobrir o que estava errado com meu amigo. Durante a noite, essa inquietação se expressou no sonho que comuniquei acima, cujo conteúdo era, primeiramente, absurdo e, em segundo lugar, não correspondia à realização de nenhum desejo. No entanto, comecei a pesquisar de onde vinha a expressão inadequada da preocupação sentida durante o dia, e mediante a análise encontrei umnexo, identificando Otto com o barão L. e a mim mesmo com o professor R. Havia apenas uma explicação de por que tive de escolher justamente esse substituto do pensamento diurno. No *Ics* eu devia estar sempre disposto a me identificar com o professor R., pois assim se realizava um dos desejos imortais da infância, a mania de grandeza. Feios pensamentos a respeito de meu amigo, que decerto seriam rejeitados de dia, aproveitaram a oportunidade para se insinuar na representação junto com o desejo, mas também a preocupação diurna adquiriu expressão de alguma forma, por meio de um substituto, no conteúdo do sonho. O pensamento diurno, que não era um desejo, mas sim, pelo contrário, uma preocupação, teve de achar, por alguma via, um laço com um desejo infantil inconsciente e reprimido, que então o fez “surgir”, ainda que devidamente ajustado, na consciência. Quanto mais dominante era essa preocupação, mais forçado poderia ser o vínculo a se estabelecer; entre o conteúdo do desejo e o da preocupação não precisava absolutamente haver umnexo — e tampouco havia em nosso exemplo.

84

Talvez seja oportuno¹ tratar da mesma questão também na forma de uma investigação de como o sonho se comporta quando lhe é oferecido, nos pensamentos

oníricos, um material que contradiz totalmente uma realização de desejo, ou seja, preocupações justificadas, reflexões dolorosas, percepções incômodas. Os muitos resultados possíveis podem ser divididos nestes dois grupos: *a*) O trabalho do sonho consegue substituir todas as representações penosas por representações contrárias e reprimir os afetos desprazerosos correspondentes. Disso resulta então um puro sonho de satisfação, uma evidente “realização de desejo”, sobre a qual, ao que parece, nada mais precisa ser dito; *b*) as representações penosas, modificadas em grau maior ou menor, mas bastante reconhecíveis, chegam ao conteúdo manifesto do sonho. Este é o caso que suscita dúvidas quanto à teoria do sonho como desejo e requer uma investigação mais aprofundada. Esses sonhos de conteúdo penoso podem ser sentidos de modo indiferente ou trazer todo o afeto penoso que seu conteúdo de representação parece justificar, ou até mesmo levar ao despertar pelo desenvolvimento da angústia.

85

A análise demonstra que também esses sonhos desprazerosos são realizações de desejos. Um desejo inconsciente e reprimido, cuja realização só poderia ser sentida como penosa pelo Eu do sonhador, aproveitou a ocasião oferecida pelo investimento continuado dos resíduos diurnos penosos, deu-lhes amparo e assim os tornou aptos para o sonho. Mas, enquanto no caso *a* o desejo inconsciente e o consciente coincidem, no caso *b* se expõe a discórdia entre o inconsciente e o consciente — o reprimido e o Eu — e se realiza a situação da fábula dos três desejos que a fada concede a um casal (ver a nota da p. 633, adiante). A satisfação causada pela realização do desejo reprimido pode ser tão grande que compensa os afetos penosos ligados aos resíduos diurnos; então o sonho é indiferente em sua tonalidade emocional, embora seja, de um lado, a realização de um desejo, e de outro, a de um temor. Ou pode acontecer que o Eu adormecido participe de maneira ainda mais ampla da formação do sonho, que reaja à satisfação do desejo reprimido com forte indignação e ele próprio ponha fim ao sonho por meio da angústia. Portanto, não é difícil ver que os sonhos desprazerosos e os de angústia também são realizações de desejos conforme nossa teoria, tanto quanto os sonhos de satisfação puros.

Os sonhos desprazerosos podem ser também “*sonhos de punição*”. Deve-se admitir que, ao reconhecê-los, de certo modo acrescentamos algo novo à teoria dos sonhos. O que neles se realiza é também um desejo inconsciente, o de punição do sonhador por um impulso com desejo proibido e reprimido. Nisso eles se submetem à exigência aqui sustentada, de que a força motriz para a formação do sonho tem de ser fornecida por um desejo que pertence ao inconsciente. Uma análise psicológica mais sutil, porém, leva a perceber como eles diferem dos outros sonhos de desejos. Nos casos do grupo *b*, o desejo inconsciente e formador do sonho pertencia ao reprimido; nos sonhos de punição, trata-se também de um desejo inconsciente, mas que devemos atribuir não ao reprimido, e sim ao “Eu”. Os sonhos de punição, portanto, indicam a possibilidade de uma participação ainda maior do Eu na formação do sonho. O mecanismo da formação do sonho se torna muito mais transparente quando colocamos a oposição entre “Eu” e “reprimido” no lugar daquela entre “consciente” e “inconsciente”. Mas isso não pode ser feito sem considerar os processos da psicose, e por essa razão não é realizado neste livro. Observo apenas que de modo geral os sonhos de punição não estão ligados à condição de que os resíduos diurnos sejam penosos. Eles surgem mais facilmente com o pressuposto contrário, quando os pensamentos dos resíduos diurnos são de natureza satisfatória, mas expressam satisfações proibidas. Nada desses pensamentos chega ao sonho manifesto senão como seu oposto direto, de forma semelhante ao que acontece no caso dos sonhos do grupo *a*. A característica essencial dos sonhos de punição seria, então, que o que neles se torna formador do sonho não é um desejo inconsciente oriundo do reprimido (do sistema *Ics*), mas um desejo de punição reagindo a este, pertencente ao Eu, embora inconsciente (isto é, pré-consciente).²⁰

Utilizarei um sonho meu para ilustrar algumas coisas que acabo de afirmar, sobretudo o modo como o trabalho do sonho lida com um resíduo diurno contendo expectativas penosas:

“Início vago. *Digo a minha esposa que tenho uma notícia para ela, algo muito especial. Ela se assusta e não quer ouvir. Eu lhe garanto, porém, que é algo que a deixará*

muito alegre, e começo a relatar que o corpo de oficiais do nosso filho enviou uma quantia de dinheiro (5 mil coroas?)... algo sobre o reconhecimento... distribuição... Nisso vou com ela a um quarto pequeno, como uma despensa, para procurar uma coisa. De repente, vejo aparecer meu filho. Ele não está de uniforme, veste um traje esportivo apertado (parecendo uma foca?), com um pequeno capuz. Ele sobe numa cesta que se encontra ao lado de um armário, como que para colocar algo em cima desse armário. Eu o chamo; nenhuma resposta. Parece-me que seu rosto ou sua testa estão enfaixados, ele arruma algo em sua boca, introduz algo. E seus cabelos têm um reflexo grisalho. Penso: Está exausto? Está com dentes postiços? Antes de poder chamá-lo de novo, eu acordo, sem angústia, mas com o coração acelerado. O relógio marca 2h30.”

89

Também desta vez é impossível comunicar uma análise completa. Limito-me a destacar alguns pontos decisivos. O que motivou o sonho foi uma expectativa atormentadora daquele dia; havia mais de uma semana estávamos sem notícia do filho que se achava na linha de frente. É fácil ver que no conteúdo do sonho se expressa a convicção de que ele foi ferido ou morto. No início do sonho nota-se o empenho em substituir os pensamentos penosos por seu contrário. Tenho algo muito bom para comunicar, sobre uma remessa de dinheiro, reconhecimento, distribuição. (A quantia de dinheiro vem de uma ocorrência agradável no consultório médico, ou seja, procura desviar a atenção do tema.) Mas esse esforço falha. A mãe pressente algo terrível e não quer me ouvir. Os disfarces são muito tênues, em toda parte transparece a relação com o que deve ser suprimido. Se nosso filho caiu morto, seus camaradas nos enviarão seus pertences; terei de distribuí-los entre seus irmãos e outros jovens; oficiais costumam receber reconhecimento após sua “morte heroica”. Portanto, o sonho passa a expressar diretamente aquilo que, no começo, pretendia negar, e a tendência à realização de desejo ainda se faz notar nas deformações. (A mudança de localidade no sonho pode ser entendida como “simbolismo do limiar”, segundo Silberer [cf. p. 554].) Não imaginamos, é verdade, o que lhe dá a força motriz necessária para fazê-lo. Mas nosso filho não aparece como alguém que “cai”, mas que “sobe”. De fato, ele era um alpinista audacioso. Ele não está de uniforme,

mas com um traje esportivo, ou seja, no lugar do acidente agora temido há outro, antigo, que ele teve praticando esporte, quando caiu e fraturou o fêmur andando de esqui. Mas o modo como está vestido, semelhando uma foca, lembra imediatamente alguém mais jovem, nosso netinho engraçado; o cabelo grisalho lembra o pai deste, nosso genro, muito desgastado pela guerra. O que significa tudo isso? Mas deixemos de lado; o local, a despensa, o armário de que ele quer tirar algo (colocar algo em cima, no sonho), são alusões a um acidente que eu mesmo tive com dois ou três anos de idade. Estava na despensa e subi num banco, para pegar alguma coisa boa que se achava numa mesa ou armário. O banquinho virou e uma ponta dele me acertou a mandíbula. Eu poderia ter perdido todos os dentes. A lembrança vem acompanhada de uma advertência: “Você bem que mereceu”, como um impulso hostil dirigido contra o valente guerreiro. Aprofundando a análise, acho o impulso oculto que poderia se satisfazer com o temido acidente do filho. É a inveja em relação à juventude, que o homem envelhecido acredita ter sufocado inteiramente em sua vida, e é claro que justamente a intensidade da comoção dolorosa, caso essa desgraça aconteça de fato, busca tal realização de um desejo reprimido para seu próprio alívio.

90

Agora posso precisar o que o desejo inconsciente significa para o sonho. Admito que há toda uma classe de sonhos para os quais a *incitação* vem, de modo predominante ou até exclusivo, dos resíduos da vida diurna, e penso que até o desejo de enfim me tornar *professor extraordinarius* poderia ter me deixado dormir tranquilamente naquela noite, se a preocupação com a saúde do meu amigo não tivesse continuado. Mas apenas essa preocupação não teria produzido um sonho; a *força motriz* de que o sonho necessitava tinha de ser providenciada por um desejo; coube à preocupação arranjar um desejo como força motriz do sonho. Usando uma analogia, é bem possível que um pensamento diurno exerça o papel do *empreendedor* para o sonho; mas o empreendedor, que, como se diz, tem a ideia e a iniciativa de pô-la em prática, nada pode fazer sem capital; ele precisa de um *capitalista* que assuma os gastos, e esse

capitalista que cobre o dispêndio psíquico do sonho é sempre e inevitavelmente, qualquer que seja o pensamento diurno, *um desejo do inconsciente*.

91

Outras vezes, o próprio capitalista é o empreendedor; este é até o caso mais comum nos sonhos. Um desejo inconsciente é incitado pelo trabalho diurno e cria agora o sonho. Os processos oníricos também mostram paralelo em todas as outras possibilidades das relações econômicas aqui usadas como exemplo; o próprio empreendedor pode contribuir com um pouco de capital; vários empreendedores podem recorrer ao mesmo capitalista; vários capitalistas podem se juntar e proporcionar o que os empreendedores necessitam. Da mesma forma, há sonhos sustentados por mais de um desejo onírico, e outras variações desse tipo, que podem ser facilmente verificadas, mas já não nos interessam. Apenas mais adiante poderemos completar o que ainda falta a essa discussão do desejo do sonho.

92

O *tertium comparationis*^m das analogias aqui usadas, a quantidade posta à disposição em montante adequado, admite um emprego ainda mais sutil para o esclarecimento da estrutura do sonho. Na maioria dos sonhos, podemos reconhecer um centro com intensidade sensorial especial, como expusemos na página 347. Em geral, é a representação direta da realização do desejo, pois ao reverter os deslocamentos do trabalho do sonho encontramos a intensidade psíquica dos elementos dos pensamentos oníricos substituída pela intensidade sensorial dos elementos do conteúdo do sonho. Os que se acham na proximidade da realização do desejo muitas vezes não têm relação nenhuma com o sentido desta, revelando-se como derivados de pensamentos penosos que contrariam o desejo. Por meio do nexos frequentemente estabelecido de maneira artificial com o elemento central, porém, adquirem tamanha intensidade que se tornam aptos para a representação. Assim, a força representadora da realização de desejo irradia para determinada esfera de relações, dentro da qual todos os elementos, também os que não dispõem de meios próprios, são alçados à representação. Nos sonhos com vários desejos impulsionadores, é fácil delimitar as esferas das realizações de desejos e, muitas vezes, entender as lacunas do sonho como zonas fronteiriças.

Embora as observações acima tenham limitado a importância dos resíduos diurnos para o sonho, vale a pena dedicar-lhes mais alguma atenção. Eles têm de ser um ingrediente necessário na formação do sonho, se a experiência nos revela o fato surpreendente de que no conteúdo de todo sonho se nota uma relação com uma impressão diurna recente, muitas vezes do tipo mais irrelevante. Ainda não pudemos entender a necessidade desse acréscimo à mistura que constitui o sonho (cf. p. 215). Só a compreenderemos se tivermos presente o papel do desejo inconsciente e recorrermos à psicologia das neuroses. Esta nos diz que a representação inconsciente é incapaz, em si, de ingressar no pré-consciente, e que só consegue atuar nele unindo-se a uma representação inofensiva já pertencente ao pré-consciente, para a qual transfere sua intensidade e que serve para encobri-la. É a *transferência*,ⁿ que explica tantas ocorrências notáveis na vida psíquica dos neuróticos. A transferência pode deixar inalterada a representação pré-consciente, que assim alcança uma intensidade imerecidamente grande, ou lhe impor uma modificação por meio do conteúdo da representação que faz a transferência. Perdoem-me a tendência a fazer analogias com a vida cotidiana, mas sou tentado a dizer que a situação de uma representação reprimida semelha a de um dentista norte-americano em nosso país: ele não pode exercer a profissão se não encontrar um doutor de medicina legalmente formado que lhe sirva como fachada e cobertura ante a lei. E, assim como não são os médicos mais procurados que se aliam dessa forma ao dentista, também no âmbito psíquico não são escolhidas, para encobrir uma representação reprimida, as representações pré-conscientes ou conscientes que atraíram em medida suficiente a atenção ativa no pré-consciente. O inconsciente tece suas ligações preferencialmente ao redor das impressões e representações do pré-consciente que não chamaram a atenção por serem indiferentes ou que a perderam quando foram rejeitadas. Uma conhecida tese da teoria da associação, confirmada por toda experiência, é que representações que estabeleceram uma ligação bastante estreita com um lado se comportam como que de modo refratário com grupos inteiros de novas ligações; certa vez, procurei basear nessa tese uma teoria das paralisias históricas.

94 Se supusermos que também se mostra nos sonhos a mesma necessidade de transferência da parte das representações reprimidas, que a análise das neuroses nos ensina, de uma só vez se explicam dois enigmas dos sonhos: o fato de toda análise de um sonho demonstrar que no seu tecido se acha uma impressão recente e de esse elemento recente ser muitas vezes do tipo mais irrelevante. Acrescentamos o que já vimos em outro lugar: que esses elementos recentes e indiferentes ingressam frequentemente no conteúdo do sonho, como substitutos dos mais antigos, porque são, ao mesmo tempo, os que menos têm a temer da censura imposta pela resistência. Mas, enquanto a liberdade de censura nos explica apenas a preferência dada aos elementos triviais, a constância dos elementos recentes aponta para uma necessidade de transferência. Os dois grupos de impressões satisfazem a exigência, por parte do reprimido, de material ainda livre de associações: as impressões indiferentes, porque ainda não ofereceram motivo para ligações numerosas, e as recentes, porque ainda não tiveram tempo para formá-las.

95 Assim, vemos que os resíduos diurnos, entre os quais podemos agora incluir as impressões indiferentes, não só tomam algo do *Ics*, quando participam da formação do sonho, ou seja, a força motriz de que dispõe o desejo reprimido, mas também oferecem ao inconsciente algo imprescindível, o necessário ponto de união para a transferência. Se fôssemos nos aprofundar aqui nos processos psíquicos, teríamos de lançar uma luz mais clara sobre o jogo das excitações entre o pré-consciente e o inconsciente, algo a que o estudo das psiconeuroses nos impele, mas para o qual os sonhos não oferecem auxílio.

96 Apenas mais uma observação sobre os resíduos diurnos. Não há dúvida de que eles são os verdadeiros perturbadores do sono, e não o sonho, que antes se empenha em proteger o sono. Voltaremos a falar sobre isso.

97 Até agora acompanhamos o desejo do sonho, fazendo-o derivar da esfera do *Ics* e dissecando sua relação com os resíduos diurnos, que, por sua vez, podem ser desejos ou impulsos psíquicos de algum outro tipo, ou simplesmente impressões recentes.

Assim deixamos espaço para as reivindicações que se podem fazer em prol da importância, na formação do sonho, do trabalho do pensamento de vigília em toda a sua diversidade. E não seria impossível, com base em nossa ordem de ideias, esclarecer até os casos extremos em que o sonho, dando continuação ao trabalho do dia, soluciona uma tarefa não resolvida da vigília. Falta-nos apenas um exemplo desse tipo para, mediante sua análise, desvelar a fonte de desejo infantil ou reprimida cujo auxílio tanto fortaleceu o empenho da atividade pré-consciente. Mas não fizemos nenhum progresso para solucionar o enigma de por que o inconsciente, no sono, nada mais pode oferecer do que a força motriz para a realização de um desejo. A resposta a essa questão deve lançar luz sobre a natureza psíquica do desejo; essa resposta deve ser dada com a ajuda de nosso esquema do aparelho psíquico.

98 Não temos dúvida de que esse aparelho alcançou sua perfeição atual após um longo desenvolvimento. Procuremos levá-lo a um estágio anterior de sua capacidade de operação. De acordo com hipóteses que não podemos justificar aqui, inicialmente esse aparelho se esforçava por manter-se isento de estímulos o máximo possível, e conseqüentemente possuía, em sua primeira disposição, o desenho de um aparelho reflexo, o que lhe permitia afastar de imediato, por via motora, alguma excitação sensorial que lhe chegasse. Mas as exigências da vida perturbaram essa função simples; delas o aparelho recebeu o impulso para o desenvolvimento posterior. Sob a forma das grandes necessidades físicas as exigências da vida se apresentaram primeiramente a ele. A excitação trazida pela necessidade interior buscou desafogo na motilidade, que podemos designar como “modificação interna” ou “expressão de emoção”. A criança faminta grita ou se agita desamparada. Mas a situação permanece inalterada, pois a excitação que parte de uma necessidade interna não corresponde a uma força que impele momentaneamente, mas que age de forma contínua. Uma mudança só pode ocorrer quando, de algum modo, por meio de uma ajuda vinda de fora, a criança tem a *vivência da satisfação*, que anula o estímulo interior. Um elemento essencial dessa vivência é o aparecimento de certa percepção (do alimento, nesse exemplo), cuja imagem mnêmica, a partir de então, fica

associada ao traço mnêmico da excitação criada pela necessidade. Tão logo essa necessidade volta a se manifestar, ocorre, graças ao vínculo estabelecido, um impulso psíquico que procura investir novamente a imagem mnêmica da percepção e suscitar de novo a própria percepção, ou seja, reproduzir a situação da primeira satisfação. Um impulso desse tipo é o que chamamos desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o pleno investimento da percepção, a partir da excitação devida à necessidade, é o caminho mais curto para a realização do desejo. Nada nos impede de supor um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho tenha sido realmente percorrido, em que desejar tenha resultado numa alucinação. Essa primeira atividade psíquica visava, portanto, uma *identidade perceptual*, ou seja, a repetição daquela percepção ligada à satisfação da necessidade.

99 Uma experiência vital amarga deve ter transformado essa primitiva atividade de pensamento numa atividade secundária mais adequada aos fins. A produção da identidade perceptual pela via regressiva curta no interior do aparelho não tem, em outra parte, a consequência ligada ao investimento da mesma percepção a partir do exterior. A satisfação não ocorre, a necessidade persiste. Para que o investimento interior fosse equivalente ao exterior, ele precisaria ser mantido incessantemente, como de fato acontece nas psicoses alucinatórias e nas fantasias de inanição, cuja atividade psíquica se esgota no *apego* ao objeto desejado. Para alcançar um emprego mais adequado da força psíquica, torna-se necessário deter a regressão plena, de modo que ela não vá além da imagem mnêmica e, a partir desta, possa buscar outros caminhos que finalmente levem à produção da desejada identidade [perceptual] a partir do mundo exterior.²¹ Essa inibição e o consequente desvio da excitação vêm a ser a tarefa de um segundo sistema, que domina a motilidade voluntária, isto é, em cujo desempenho se inclui, pela primeira vez, o uso da motilidade para fins anteriormente lembrados. Mas toda a complicada atividade de pensamento que se desdobra da imagem mnêmica até a produção da identidade perceptual mediante o mundo exterior representa apenas um *rodeio para a realização do desejo*, que a experiência tornou necessário.²² O pensamento não é outra coisa senão o substituto

do desejo alucinatório, e, se o sonho é uma realização de desejo, isso se torna evidente, pois nada além de um desejo pode impelir nosso aparelho psíquico a trabalhar. O sonho, que realiza seus desejos por um caminho regressivo curto, preservou assim uma amostra do modo de trabalho *primário* do aparelho psíquico, abandonado por sua inadequação. Aquilo que outrora imperava na vigília, quando a vida psíquica ainda era jovem e inapta, parece estar banido para a vida noturna, mais ou menos como hoje reencontramos no quarto das crianças as armas primitivas abandonadas pela humanidade adulta, o arco e a flecha. *O sonhar é uma porção da vida psíquica infantil superada.* Nas psicoses, esses modos de trabalho do aparelho psíquico, reprimidos na vigília, voltam a se impor e manifestam sua incapacidade de satisfazer nossas necessidades diante do mundo exterior.²³

100

Evidentemente, os impulsos com desejo inconscientes buscam vigorar também durante o dia, e tanto o fato da transferência como as psicoses nos ensinam que eles querem abrir caminho até a consciência através do sistema pré-consciente e chegar ao domínio sobre a motilidade. Portanto, a censura entre *Ics* e *Pcs*, cuja existência o sonho praticamente nos obriga a supor, deve ser reconhecida e respeitada como sendo a guardiã da nossa saúde mental. Mas não seria uma imprudência dessa guardiã o fato de ela diminuir sua atividade durante a noite, de permitir que os impulsos reprimidos do *Ics* se expressem, possibilitando novamente a regressão alucinatória? Creio que não, pois, quando a guardiã crítica se põe a descansar — temos provas de que não adormece profundamente —, ela também fecha o portão à motilidade. Não importando que impulsos provenientes do *Ics*, normalmente inibido, se agitem sobre o palco, podemos deixá-los à vontade: eles permanecem inofensivos, pois são incapazes de pôr em movimento o aparelho motor, unicamente capaz de alterar o mundo exterior. O estado de sono garante a segurança da fortaleza a ser vigiada. A situação é menos inofensiva quando o deslocamento de forças não é produzido pelo relaxamento noturno do dispêndio de força da censura crítica, mas pelo enfraquecimento patológico desta ou pela intensificação patológica das excitações inconscientes, enquanto o pré-consciente ainda está investido e os portões

da motilidade estão abertos. Nesse caso, a guardiã é dominada, as excitações inconscientes subjugam o *Pcs*, governando nossas falas e atos a partir dele, ou impõem a regressão alucinatória e dirigem o curso do aparelho (que não foi feito para eles), graças à atração exercida pelas percepções sobre a distribuição de nossa energia psíquica. É esse o estado que chamamos psicose.

101

Agora estamos no melhor caminho para prosseguir com o arcabouço psicológico que abandonamos após introduzir os sistemas *Ics* e *Pcs*. Mas ainda temos motivos para nos demorarmos um pouco mais na consideração do desejo como única força motriz psíquica do sonho. Aceitamos o esclarecimento de que o sonho é sempre uma realização de desejos porque é um produto do sistema *Ics*, cujo trabalho não tem outro objetivo senão a realização de desejos e que não dispõe de outras forças senão as dos impulsos de desejos. Se insistirmos um pouco mais no direito de fazer especulações psicológicas tão amplas a partir da interpretação dos sonhos, teremos de mostrar que elas nos permitem incluir os sonhos num contexto que pode abranger outras formações psíquicas. Se existe um sistema *Ics* — ou algo análogo para nossas considerações —, os sonhos não podem ser sua única manifestação; cada sonho pode ser a realização de um desejo, mas tem de haver outras formas anormais de realização de desejo além dos sonhos. E, de fato, a teoria dos sintomas psiconeuróticos culmina na tese de que *também eles devem ser vistos como realizações de desejo do inconsciente*.²⁴ Em nossa explicação, o sonho é apenas o primeiro elo de uma sequência altamente significativa para o psiquiatra, cuja compreensão constitui a solução da parte puramente psicológica da tarefa da psiquiatria.²⁵ Mas conheço uma característica essencial dos outros elos dessa sequência de realizações de desejos — dos sintomas histéricos, por exemplo — que ainda não encontrei no sonho. Sei, pelas investigações várias vezes mencionadas ao longo deste livro, que as duas correntes da nossa vida psíquica precisam confluir para a formação de um sintoma histérico. O sintoma não é apenas a expressão de um desejo inconsciente realizado; tem de se juntar a ele um desejo do pré-consciente que é cumprido através do mesmo sintoma,

de modo que o sintoma é determinado *no mínimo* duas vezes, por cada um dos sistemas que se acham em conflito. E, como no caso dos sonhos, não há limites para a sobredeterminação. A determinação que não provém do *Ics* é normalmente, pelo que sei, uma sequência de pensamentos da reação contra o desejo inconsciente, por exemplo, uma autopunição. Então posso afirmar, de modo bastante geral, que *um sintoma histérico só aparece ali onde duas realizações de desejo contrárias, cada qual de um sistema psíquico diferente, são capazes de convergir numa mesma expressão.* (Cf. minhas últimas formulações sobre a gênese dos sintomas histéricos, no ensaio “As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade”, de 1908.) Exemplos não adiantariam muito aqui, pois somente a explicitação total das complicações envolvidas poderia convencer o leitor. Por isso, limito-me a essa afirmação e aduzirei um exemplo tão só por seu caráter ilustrativo, não por sua força probatória. Numa de minhas pacientes, o vômito histérico mostrou ser, de um lado, a realização de uma fantasia inconsciente da puberdade, o desejo de estar continuamente grávida, de ter inúmeros filhos, ao qual depois se acrescentou: do maior número possível de homens. Esse desejo irrefreado suscitou um forte impulso de defesa. E, dado que os *vômitos* podiam levar à perda da forma física e da beleza, de modo que ela não mais agradaria aos homens, o sintoma convinha também aos pensamentos punitivos e, sendo admitido pelos dois lados, pôde se realizar. É a mesma forma de aceitar a realização de um desejo que a rainha dos partos adotou em relação ao triúnviro Crasso. Ela achava que ele havia empreendido a guerra porque era ávido de ouro; então fez derramar ouro fundido na garganta do cadáver, dizendo: “Eis o que desejavas”.^o Dos sonhos sabemos apenas, até agora, que expressam a realização de um desejo do inconsciente; parece que o sistema pré-consciente dominante admite este após lhe impor certas deformações. E realmente não somos capazes, de modo geral, de apontar um pensamento contrário ao desejo do sonho, que se realize como sua contraparte no sonho. Apenas aqui e ali deparamos com indícios de criações reativas ao analisar sonhos, por exemplo, a afeição pelo amigo R. no sonho com meu tio (p. 174). Mas podemos encontrar o ingrediente que falta do pré-consciente em

outro lugar. O sonho pode expressar um desejo do *Ics* após todo tipo de deformação, enquanto o sistema dominante recuou para o *desejo de dormir*, e realiza o desejo produzindo as alterações de investimento que lhe são possíveis no interior do aparelho psíquico, afinal persistindo nele por toda a duração do sono.²⁶

102 Esse desejo de dormir, em que insiste o pré-consciente, facilita de modo geral a formação do sonho. Consideremos o sonho do pai que conclui, pelo fulgor vindo do quarto ao lado, que o cadáver do filho poderia estar em chamas. Apontamos, como uma das forças psíquicas decisivas para que o pai chegue a essa conclusão, o desejo de prolongar por um momento a vida da criança apresentada no sonho, em vez de permitir que o fulgor o desperte. Outros desejos oriundos do reprimido provavelmente nos escapam, porque não podemos fazer a análise desse sonho. Mas podemos acrescentar, como segunda força motriz do sonho, a necessidade de dormir do pai; assim como a vida da criança, também o sono do pai é prolongado um momento pelo sonho. “Deixemos o sonho continuar”, essa é a motivação, “ou terei de acordar.” Nesse e em todos os outros sonhos, o desejo de dormir dá seu apoio ao desejo inconsciente. Na página 158 falamos de sonhos que claramente surgiam como sonhos de comodidade. Na verdade, todos os sonhos merecem essa designação. A atuação do desejo de continuar dormindo é notada com maior facilidade nos sonhos de despertar, que elaboram o estímulo sensorial externo de modo a torná-lo compatível com o prosseguimento do sono, que o entrelaçam no sonho para tirar-lhe a pretensão de ser uma advertência de que há o mundo exterior. Mas esse desejo também contribui inevitavelmente para permitir todos os outros sonhos, que somente a partir do interior, como despertadores, podem abalar o estado de sono. Em alguns casos, quando o sonho passa dos limites, o *Pcs* diz à consciência: “Deixe pra lá e continue a dormir, é apenas um sonho”; isso descreve de modo bem geral, embora em surdina, a atitude da nossa atividade psíquica dominante para com o sonho. Tenho de concluir, então, que *durante todo o estado de sono sabemos tão seguramente que sonhamos quanto sabemos que dormimos*. Não se deve absolutamente considerar muito a objeção de que nossa consciência jamais é dirigida para esse

último conhecimento; e para o primeiro apenas em ocasiões específicas, quando a censura se sente como que surpreendida. Por outro lado, há pessoas que à noite mantêm o claro conhecimento de que estão dormindo e sonhando e que parecem ter uma capacidade consciente de dirigir a vida onírica. Um sonhador desses, por exemplo, não concorda com o rumo que um sonho toma, então o interrompe, sem despertar, e o inicia de novo, para prosseguir-lo de outra forma — como faz um dramaturgo popular que, a pedido do público, dá um desfecho mais feliz à sua peça. De outra vez, quando o sonho o coloca numa situação sexualmente excitante, ele pensa: “Não quero continuar este sonho para não me esgotar numa poluição, vou guardar isso para uma situação real”.

103 O marquês D’Hervey (citado por Vaschide, 1911, p. 139) afirmava ter adquirido o poder de acelerar como quisesse o curso dos sonhos e lhes impor qualquer rumo desejado. Parece que nele o desejo de dormir deu espaço a outro desejo pré-consciente, o de observar e se deleitar com os próprios sonhos. O sono é igualmente compatível com um propósito desses e com uma condição feita mentalmente para o despertar (o sono da babá) [cf. p. 262]. Sabe-se também que o interesse pelos sonhos aumenta consideravelmente, em todas as pessoas, o número de sonhos lembrados após o despertar.

104 Ferenczi diz o seguinte, acerca de outras observações sobre o direcionamento de sonhos [1911]: “O sonho elabora a partir de todos os lados o pensamento que ocupa naquele momento a psique, abandona uma imagem onírica se há o perigo de não se realizar o desejo, experimenta com outro tipo de solução, até que finalmente consegue criar uma realização de desejo que satisfaz, num compromisso, as duas instâncias da psique”.

D. O DESPERTAR PELO SONHO — A FUNÇÃO DO SONHO — O SONHO DE ANGÚSTIA

105

Sabendo agora que durante a noite o pré-consciente se acha concentrado no desejo de dormir, podemos adiantar nossa compreensão do processo onírico. Antes, porém, vamos resumir o que aprendemos até agora. Portanto, sobram resíduos diurnos do trabalho de vigília, nos quais o investimento de energia não foi inteiramente retirado. Ou o trabalho de vigília ativa um dos desejos inconscientes ao longo do dia, ou as duas coisas coincidem; já discutimos as várias possibilidades quanto a isso. Durante o dia, ou com o estabelecimento do estado de sono, o desejo inconsciente abre caminho até os resíduos diurnos e efetua sua transferência para eles. Surge então um desejo transferido para o material recente, ou o desejo recente suprimido ganha nova vida, mediante reforço vindo do inconsciente. Agora deseja avançar até a consciência pela via normal dos processos de pensamento, através do *Pcs* ao qual pertence em parte. Mas depara com a censura, que ainda existe e a cuja influência ele agora se submete. Aqui ele assume a deformação que já foi preparada pela transferência para o material recente. Até agora ele está em vias de se tornar algo semelhante a uma obsessão, a um delírio ou algo assim, ou seja, um pensamento reforçado pela transferência e deformado pela censura em sua expressão. Mas o estado de sono do pré-consciente não permite seu avanço; provavelmente o sistema se protegeu da invasão diminuindo suas excitações. Então o processo onírico toma a via da regressão, aberta justamente pela peculiaridade do estado de sono, e nisso obedece à atração que sobre ele exercem grupos de lembranças que, em parte, existem apenas como investimentos de tipo visual, não como tradução para os signos dos sistemas posteriores [cf. p. 597]. Na via para a regressão ele adquire representabilidade. Mais adiante trataremos da compressão. Agora ele já percorreu a segunda porção do seu tortuoso trajeto. A primeira se estendeu, de modo progressivo, das cenas ou fantasias inconscientes até o pré-consciente; a segunda levou novamente da fronteira da censura para as percepções. Mas quando o processo

onírico se torna conteúdo de percepção, ele como que rodeia o obstáculo que lhe foi colocado pela censura e pelo estado de sono no *Pcs*. Ele consegue chamar a atenção e ser percebido pela consciência. A consciência, que é para nós um órgão sensorial para a apreensão de qualidades psíquicas, pode ser excitada de dois lados na vida de vigília. Em primeira linha, desde a periferia de todo o aparelho, do sistema de percepção; depois, pelas excitações de prazer e desprazer, que demonstram ser quase a única qualidade psíquica nas transposições de energia no interior do aparelho. Todos os outros processos nos sistemas ψ , inclusive os do *Pcs*, não possuem nenhuma qualidade psíquica e, por isso, não são objeto da consciência, na medida em que não lhe fornecem prazer ou desprazer para a percepção. Teremos de concluir que *essas liberações de prazer e desprazer regulam automaticamente o curso dos processos de investimento*. Mais tarde, porém, verificou-se a necessidade de tornar o curso das representações mais independente dos sinais de desprazer, a fim de possibilitar desempenhos mais sutis. Para esse propósito, o sistema *Pcs* requereu qualidades próprias que pudessem atrair a consciência, e muito provavelmente as obteve ligando os processos pré-conscientes ao sistema mnêmico dos signos linguísticos, não desprovido de qualidades. Mediante as qualidades desse sistema, a consciência, que antes era apenas órgão de sentido para as percepções, torna-se órgão de sentido para uma parte de nossos processos de pensamento. Existem agora, por assim dizer, duas superfícies sensoriais, uma voltada para a percepção, outra para os processos de pensamento pré-conscientes.

Tenho de supor que a superfície sensorial da consciência voltada para o *Pcs* se torna muito menos excitável durante o estado de sono do que aquela voltada para os sistemas *Pcp*. O abandono do interesse pelos processos de pensamento noturnos é também apropriado. Nada deve acontecer no pensamento; o *Pcs* deseja dormir. Mas, uma vez tornado percepção, o sonho é capaz de excitar a consciência por meio das qualidades agora adquiridas. Essa excitação dos sentidos desempenha aquilo que é sua função; dirige para o que causa a excitação uma parte da energia de investimento disponível no *Pcs*, em forma de atenção. Então é preciso admitir que o sonho sempre

desperta, coloca em atividade uma parte da força em repouso do *Pcs*. Desta ele sofre então aquela influência que denominamos elaboração secundária, atentando para coerência e inteligibilidade. Ou seja, o sonho é tratado por ela como qualquer outro conteúdo perceptual; é submetido às mesmas representações antecipatórias,^p até onde seu material o permite. Se nessa terceira porção do processo onírico consideramos a direção, é novamente a progressiva.

107 A fim de evitar mal-entendidos, cabe dizer algo sobre as características temporais desses processos oníricos. Uma argumentação muito atraente de Goblot, claramente suscitada pelo sonho da guilhotina de Maury, procura demonstrar que o sonho não requer outro período além da transição entre dormir e despertar. Despertar leva tempo; é nesse tempo que o sonho ocorre. Acreditamos que a última imagem do sonho foi tão forte que nos obrigou a acordar. Na realidade, ela foi tão forte apenas porque já estávamos próximos de acordar. “*Un rêve c’est un réveil qui commence*” [Um sonho é um despertar que começa].

108 Dugas já ressaltou que Goblot precisa desconsiderar muitos fatos para, em termos gerais, manter sua tese. Há também sonhos dos quais não despertamos; alguns, por exemplo, em que sonhamos que sonhamos. Agora que conhecemos o trabalho do sonho, não podemos admitir que ele ocorra apenas durante o despertar. Pelo contrário, para nós se torna provável que a primeira parte do trabalho do sonho já comece durante o dia, ainda sob o domínio do pré-consciente. A segunda parte, a modificação pela censura, a atração exercida pelas cenas inconscientes, a penetração até a percepção — isso deve prosseguir por toda a noite; e podemos estar certos quando dizemos ter a sensação de haver sonhado a noite inteira, mesmo não sabendo dizer o que sonhamos. Mas não acredito ser necessário supor que os processos oníricos sigam, até se tornarem conscientes, a ordem cronológica que descrevemos, em que primeiro há o desejo do sonho transferido, depois a deformação pela censura, em seguida, a mudança regressiva de direção etc. Tivemos de produzir essa sequência na descrição; na realidade, deve se tratar de tentativas simultâneas de seguir um ou outro caminho, de flutuações da excitação, até que esta se acumula da

maneira mais apropriada e tal agrupamento permanece. Determinadas experiências pessoais me levam a crer que frequentemente o trabalho do sonho necessita de mais que um dia e uma noite para produzir seu resultado; sendo assim, a arte extraordinária exibida na construção do sonho perde o caráter assombroso. Em minha opinião, até mesmo a consideração pela inteligibilidade [do sonho] como evento perceptivo pode valer antes que o sonho atraia para si a consciência. Mas a partir de então o processo é acelerado, pois o sonho recebe o mesmo tratamento que outra coisa percebida. Semelha um fogo de artifício, que é preparado durante horas e lançado num instante.

109

Por meio do trabalho do sonho, o processo onírico ou adquire a intensidade suficiente para atrair a consciência para si e despertar o pré-consciente, não importando o tempo e a profundidade do sono, ou sua intensidade não basta para isso e ele tem de permanecer de prontidão até que, imediatamente antes do despertar, a atenção fique mais móvel e vá ao seu encontro. A maioria dos sonhos parece trabalhar com intensidades psíquicas relativamente fracas, pois aguarda o despertar. Mas isso também explica por que em geral nos apercebemos de algo que sonhamos quando alguém nos tira subitamente do sono profundo. Quando isso acontece, ou quando acordamos espontaneamente, a primeira coisa que vemos é o conteúdo perceptual construído pelo trabalho do sonho; em seguida, aquele que vem de fora.

110

Mas um interesse teórico maior têm os sonhos capazes de nos despertar no meio do sono. É lícito pensarmos no caráter apropriado aos fins, que em toda parte se encontra, e nos perguntarmos por que ao sonho, ou seja, ao desejo inconsciente, é dado o poder de perturbar o sono, ou seja, a realização do desejo pré-consciente. A resposta deve estar nas relações de energia, de que não possuímos conhecimento. Se o tivéssemos, provavelmente descobriríamos que tolerar o sonho e com ele despender uma atenção meio distanciada representa uma economia de energia, comparado a ter de refrear o inconsciente durante a noite tanto quanto de dia. Como a experiência mostra, sonhar é sempre compatível com dormir, mesmo quando interrompe o sono várias vezes numa noite. Acordamos um momento e

imediatamente voltamos a dormir. É como quando, dormindo, afastamos uma mosca; despertamos *ad hoc* [para isso]. Quando voltamos a dormir, a perturbação foi anulada. A realização do desejo de dormir é, como mostram conhecidos exemplos de sono de babás etc., perfeitamente compatível com a manutenção de certo dispêndio de atenção voltada para determinada direção.

111

Neste ponto há outra objeção, fundamentada num conhecimento melhor dos processos inconscientes, que pede para ser ouvida. Nós mesmos já afirmamos que os desejos inconscientes estão sempre ativos. Contudo, durante o dia não são fortes o bastante para se fazer sentir. Mas se, durante o estado de sono, o desejo inconsciente já mostrou ter a força de formar um sonho e com ele despertar o pré-consciente, por que essa força se esgota depois que tomamos conhecimento do sonho? Não deveria o sonho se renovar continuamente, assim como a mosca irritante costuma voltar após ser espantada? Com que direito afirmamos que o sonho afasta o que perturba o sono?

112

É correto que os desejos inconscientes sempre estão ativos. Eles constituem vias que sempre são transitáveis, se um quantum de excitação as utiliza. O fato de serem indestrutíveis é até mesmo uma particularidade eminente dos processos inconscientes. No inconsciente nada chega ao fim, nada passa ou é esquecido. Obtemos a mais viva impressão disso no estudo das neuroses, especialmente da histeria. A via inconsciente de pensamentos que leva à descarga no ataque histérico volta a ser imediatamente utilizável, desde que suficiente excitação se acumule. Uma ofensa de trinta anos antes continua a ser sentida como se fosse nova, após ter adquirido acesso às fontes afetivas inconscientes. Sempre que se toca em sua lembrança, ela volta à vida e se mostra investida de excitação, que acha descarga motora num ataque. É precisamente nisso que a psicoterapia tem de intervir. Sua tarefa é encontrar resolução e esquecimento para os processos inconscientes. Pois o empalidecimento das lembranças e a fraqueza afetiva das impressões não tão recentes — que tendemos a ver como naturais e afirmamos ser uma influência primária do tempo sobre os resíduos mnêmicos da psique — são, na verdade, mudanças

secundárias, que surgem mediante um árduo trabalho. É o pré-consciente que realiza esse trabalho, e *a psicoterapia não pode encetar outro caminho senão o de submeter o Ics ao domínio do Pcs.*

113

Portanto, há duas saídas para um processo de excitação inconsciente: ou ele permanece abandonado a si mesmo, e então finalmente irrompe em algum ponto e obtém desafogo para a excitação na motilidade, ou sofre a influência do pré-consciente, e sua excitação é por este *atada*, em vez de *descarregada*. *Este último caso ocorre no processo onírico.* O investimento que do *Pcs* vai ao encontro do sonho tornado percepção, porque foi dirigido para lá pela excitação da consciência, ata a excitação inconsciente do sonho e a neutraliza como perturbação. O sonhador desperta por um momento, mas ele realmente espantou a mosca que ameaçava perturbar o sono. Podemos imaginar agora que realmente é mais apropriado e econômico tolerar o desejo inconsciente, liberar-lhe o caminho da regressão para que ele forme o sonho, e então atar e lidar com esse sonho por meio de um pequeno dispêndio de trabalho pré-consciente, do que manter o inconsciente sob controle por toda a duração do sono. Afinal, era de esperar que o sonho, mesmo não sendo originalmente um processo conforme a um fim, se apoderasse de uma função no jogo das forças da vida psíquica. Estamos vendo qual é essa função. Ele assumiu a tarefa de novamente colocar a excitação liberada do *Ics* sob o domínio do pré-consciente; nisso ele descarrega a excitação do *Ics*, ele lhe serve como válvula e, ao mesmo tempo, garante o sono do pré-consciente em troca de um pequeno dispêndio de atividade desperta. Assim, na forma de um compromisso, exatamente como as outras formações psíquicas de sua série, ele se põe a serviço dos dois sistemas ao mesmo tempo, realizando os desejos de ambos, desde que sejam compatíveis. Se nos voltarmos rapidamente para a “teoria da excreção” de Robert, comunicada na página 109, teremos que dar razão ao autor no ponto principal, a determinação da função do sonho, ao passo que nos afastamos dele em suas premissas e na abordagem do processo onírico.²⁷

A restrição “*desde que os dois desejos sejam compatíveis entre si*” traz implícita uma referência aos casos possíveis em que a função do sonho malogra. O processo onírico é permitido inicialmente como realização de um desejo do inconsciente; quando essa tentativa de realização do desejo agita de tal forma o pré-consciente que este não pode mais manter sua tranquilidade, o sonho rompeu o compromisso, não cumpriu a outra parte de sua tarefa. Ele é imediatamente interrompido e substituído pelo despertar pleno. Na verdade, também aqui não é culpa do sonho que, sendo o guardião do sono, tenha de aparecer como perturbador deste, e nem por isso devemos questionar seu caráter adequado aos fins. Esse não é, no organismo, o único caso em que uma função normalmente adequada se mostra inadequada e perturbadora quando algo nas condições de sua gênese é alterado; nesse caso, a perturbação serve, pelo menos, ao novo fim de apontar para a mudança e alertar os meios reguladores do organismo contra ela. Naturalmente estou pensando no caso do sonho de angústia, e, para não parecer que fujo dessa evidência contra a teoria da realização de desejos sempre que a encontro, vou pelo menos esboçar uma explicação para os sonhos de angústia.

Já não é algo contraditório para nós a noção de que um processo psíquico que desenvolve angústia pode, mesmo assim, ser a realização de um desejo. Explicamos deste modo o que sucede: o desejo pertence a um sistema, o *Ics*, enquanto outro sistema, o *Pcs*, rejeitou e suprimiu esse desejo.²⁸ A subjugação do *Ics* pelo *Pcs* não é completa nem mesmo quando há plena saúde psíquica; a medida dessa supressão indica o grau da nossa normalidade psíquica. Sintomas neuróticos nos mostram que os dois sistemas se acham em conflito um com o outro, são os resultados de compromisso desse conflito, que o encerram temporariamente. Por um lado, proporcionam ao *Ics* uma saída para a descarga de sua excitação, servem-lhe como válvula de escape, e, por outro, dão ao *Pcs* a possibilidade de dominar o *Ics* em alguma medida. É instrutivo, por exemplo, considerar o significado de uma fobia histérica ou da agorafobia. Digamos que uma pessoa neurótica seja incapaz de atravessar a rua sozinha, o que designamos corretamente como “sintoma”.

Tentamos eliminar esse sintoma, obrigando-a a executar a ação de que acredita ser incapaz. Ocorre então um ataque de angústia — de fato, frequentemente um ataque de angústia na rua dá origem à agorafobia. Assim, vemos que o sintoma foi constituído para evitar a irrupção da angústia; a fobia é posta diante da angústia como uma fortificação de fronteira.

116 Não podemos continuar nossa discussão sem examinar a participação dos afetos nesses processos, algo que só é possível fazer de modo imperfeito aqui. Assim, estabeleçamos a tese de que a supressão do *Ics* se torna necessária sobretudo porque, se o curso de representações no *Ics* fosse abandonado a si mesmo, desenvolveria um afeto que originalmente possuía o caráter de prazer, mas, após sofrer o processo da *repressão*, tem o caráter de desprazer. A supressão tem como objetivo, mas também como resultado, impedir esse desenvolvimento de desprazer. Ela se estende ao conteúdo de representações do *Ics*, porque desse conteúdo poderia vir a liberação de desprazer. Na base disso há uma hipótese muito específica sobre a natureza do desenvolvimento dos afetos. Ela é vista como uma função motriz ou secretória, em que a chave para a inervação se acha nas representações do *Ics*. Graças ao domínio estabelecido pelo *Pcs*, essas representações são como que sufocadas, inibidas quanto ao envio dos impulsos geradores de afetos. Quando cessa o investimento por parte do *Pcs*, o perigo é de que as excitações inconscientes liberem um afeto que — em decorrência da repressão ocorrida anteriormente — pode ser sentido apenas como desprazer, como angústia.

117 Esse perigo surge quando o processo onírico tem plena liberdade. As condições para que ele se realize são de que repressões tenham ocorrido e que os impulsos com desejo suprimidos se tornem fortes o bastante. Essas condições se acham, portanto, fora do quadro psicológico da formação do sonho. Não fosse pelo fato de nosso tema se ligar por esse único fator, a liberação do *Ics* durante o sono, ao tema do desenvolvimento da angústia, eu poderia evitar a discussão do sonho de angústia, poupando-me aqui de todas as obscuridades que o envolvem.

A teoria dos sonhos de angústia pertence à psicologia das neuroses, como já declarei repetidas vezes.^q Após termos mostrado seu ponto de contato com o tema do processo onírico, não há por que nos ocuparmos dela. Posso fazer mais uma coisa apenas. Como afirmei que a angústia neurótica vem de fontes sexuais, posso submeter à análise os sonhos de angústia, para demonstrar o material sexual de seus pensamentos oníricos.

Por bons motivos, abro mão aqui dos exemplos que os pacientes neuróticos me oferecem em abundância e dou preferência aos sonhos de angústia de pessoas jovens.

Há décadas eu mesmo não tenho um verdadeiro sonho de angústia. Lembro-me de um sonho desses que tive aos sete ou oito anos de idade e que trinta anos depois submeti à interpretação. Era bastante vívido e mostrava *minha querida mãe com uma expressão facial singularmente tranquila, adormecida, sendo carregada para o quarto por duas (ou três) pessoas com bicos de pássaro e posta sobre a cama*. Acordei chorando e gritando e perturbei o sono dos meus pais. As figuras com bicos de pássaro, altas em demasia, peculiarmente ornamentadas, eu havia tirado das ilustrações da Bíblia de Philippon. Creio que eram deuses com cabeças de gavião-da-europa, de um baixo-relevo funerário egípcio. De resto, a análise me fornece a lembrança do filho mal-educado de um zelador, que costumava brincar conosco na relva diante da casa; acho que seu nome era *Philipp*. Parece-me que foi desse garoto que ouvi pela primeira vez a palavra vulgar que designa a relação sexual e que as pessoas instruídas costumam substituir pelo termo latino “*coitus*”, mas que é caracterizada nitidamente pela escolha das cabeças de gavião.^r Devo ter adivinhado o significado sexual da palavra pela expressão facial do mestre experiente. No sonho, a expressão do rosto de minha mãe era copiada daquela do meu avô, que eu tinha visto poucos dias antes da morte, em coma e roncando. A interpretação feita pela elaboração secundária no sonho devia ser que minha mãe estava morrendo, com o que também condizia o baixo-relevo funerário. Foi nessa angústia que acordei e na qual continuei até despertar meus pais. Lembro-me de que me acalmei subitamente quando vi minha mãe, como se necessitasse da informação tranquilizadora: “Ela não morreu”. Essa interpretação

secundária do sonho, porém, ocorreu já sob a influência da angústia desenvolvida. Eu não estava angustiado porque tinha sonhado que minha mãe havia morrido; interpretei assim o sonho na elaboração pré-consciente, porque já estava sob o domínio da angústia. Mas a angústia remete, por meio da repressão, a um desejo obscuro, claramente sexual, que encontrou uma boa expressão no conteúdo visual do sonho.

121

Um homem de 27 anos, que há um ano está seriamente doente, relata que entre os onze e os treze anos sonhou repetidamente, com angústia intensa, que *era perseguido por um homem com uma picareta; queria correr, mas estava como que paralisado e não saía do lugar*. Este é um bom exemplo de um sonho angustiado comum e de que não se suspeita ter conotação sexual. Na análise, o sonhador traz primeiro uma história contada posteriormente pelo tio, segundo a qual certa noite ele foi atacado por um indivíduo suspeito na rua, e o próprio paciente conclui, dessa associação, que pode ter escutado sobre um episódio semelhante na época do sonho. A picareta lhe lembra que naquele mesmo período ele se machucou com uma quando cortava lenha. Ele passa repentinamente para sua relação com o irmão mais novo, que ele costumava maltratar e jogar no chão; lembra-se, em especial, da vez em que acertou a cabeça do irmão com uma bota, de modo que este sangrou e a mãe declarou: “Tenho medo de que um dia ele o mate”. Enquanto ele parece assim preso ao tema da violência, surge-lhe de repente uma lembrança de quando tinha nove anos de idade. Os pais voltaram tarde para casa, foram para a cama, enquanto ele fingia dormir; escutou uma respiração ofegante e outros ruídos inquietantes, podia também imaginar a posição dos dois na cama. Seus pensamentos seguintes mostram que ele estabeleceu uma analogia entre essa relação dos pais e seu relacionamento com o irmão mais novo. Ele subsumiu aquilo que ocorrera com os pais no conceito de violência e briga. Para ele, uma prova disso era o fato de ter notado, várias vezes, *sangue na cama da mãe*.

122

O fato de as relações sexuais dos adultos serem inquietantes e gerarem angústia nas crianças que as notam é, eu diria, algo atestado pela experiência cotidiana. A

explicação que dei para essa angústia é de que se trata de uma comoção sexual com que seu entendimento não sabe lidar e que encontra repúdio também porque envolve seus pais, e por isso se transforma em angústia. Num período anterior da vida, o impulso sexual voltado para o genitor do sexo oposto ainda não encontra repressão e se expressa livremente, como vimos antes (p. 298).

123 Eu não hesitaria em utilizar a mesma explicação para os ataques de angústia noturnos acompanhados de alucinações (o *pavor nocturnus*), tão frequentes nas crianças. Também nesse caso só pode se tratar de impulsos sexuais não compreendidos e rejeitados, que, se fossem registrados, provavelmente revelariam também uma periodicidade na ocorrência, pois uma intensificação da libido sexual pode ser produzida tanto por impressões excitantes eventuais como por processos de desenvolvimento espontâneos, que sobrevêm por ondas.

124 Falta-me o material de observação necessário para confirmar essa explicação.²⁹ Já os pediatras parecem não ter a única perspectiva que pode levar à compreensão de toda essa classe de fenômenos, tanto do ponto de vista somático como do psíquico. Citarei o caso que encontrei na tese de Debacker (1881, p. 66), sobre o *pavor nocturnus*, como um exemplo divertido em que, graças aos antolhos da mitologia médica, por pouco deixou de haver uma compreensão desses casos.

125 Um garoto de treze anos, de saúde fraca, começou a ficar angustiado e sonhador, seu sono se tornou agitado e quase que semanalmente era interrompido por um severo ataque de angústia acompanhado de alucinações. A lembrança desses sonhos era sempre muito nítida. Ele contou que o diabo lhe gritava: “Agora te pegamos, agora te pegamos!”, e então sentia cheiro de betume e enxofre, e o fogo queimava sua pele. Ele acordava desse sonho assustado, primeiro não conseguia gritar, até que reencontrava a voz e era possível ouvi-lo dizer claramente: “Não, não, eu não, eu não fiz nada!” ou: “Por favor, não, nunca voltarei a fazer isso!”. Às vezes dizia também: “O Albert não fez isso”. Mais tarde, passou a não querer se despir, “porque o fogo o apanhava somente quando estava sem roupas”. Em meio a esses sonhos com o diabo, que punham em perigo sua saúde, ele foi enviado para o interior, onde

se recuperou durante um ano e meio, e depois, aos quinze anos de idade, confessou: “*Je n’osais pas l’avouer, mais j’éprouvais continuellement des picotements et des surexcitations aux PARTIES;*³⁰ *à la fin, cela m’énervait tant que plusieurs fois j’ai pensé me jeter par la fenêtre du dortoir*” [Eu não tinha coragem de admitir, mas sempre senti formigamento e excitações nas *partes*; no fim, isso me irritava tanto que várias vezes pensei em me jogar pela janela do dormitório].

126 Realmente não é difícil imaginar que: 1) o garoto havia se masturbado na infância, havia negado isso e, então, fora ameaçado com castigos severos (sua confissão: *Je ne le ferai plus* [Não farei mais isso]; sua negação: *Albert n’a jamais fait ça* [Albert nunca fez isso]); 2) com a chegada da puberdade, a tentação de se masturbar foi reavivada com o formigamento nos órgãos genitais; mas 3) irrompeu nele uma luta repressora, que suprimiu a libido e a transformou em angústia, angústia essa que, posteriormente, incorporou os castigos de que ele fora ameaçado no passado.

127 Vejamos, por outro lado, as conclusões de nosso autor (Ibid., p. 69):

“Dessa observação se depreende que: 1) a influência da puberdade num garoto de saúde debilitada pode produzir um estado de grande fraqueza, que pode levar a uma *anemia cerebral considérable*.³¹

128 “2) Essa anemia cerebral dá origem a uma alteração de caráter, alucinações demonomaníacas e severos estados de angústia à noite, talvez também de dia.

129 “3) A demonomania e as autorrecriminações do garoto remontam à influência da educação religiosa, na época da infância.

130 “4) Todos os fenômenos desapareceram em consequência de uma estadia prolongada no campo, com exercícios físicos e a recuperação das forças após a puberdade.

131 “5) Talvez possamos atribuir à hereditariedade e à antiga sífilis do pai uma predisposição para o desenvolvimento da condição cerebral na criança.”

132 A conclusão final: “*Nous avons fait entrer cette observation dans le cadre des délires apyrétiques d’inanition, car c’est à l’ischémie cérébrale que nous rattachons cet état*

particulier” [Incluimos esse caso entre os delírios apiréticos de inanição, pois ligamos esse estado particular à isquemia cerebral].

E. OS PROCESSOS PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO — A REPRESSÃO

133 Buscando penetrar mais profundamente na psicologia dos processos oníricos, comecei uma tarefa difícil, e minha capacidade de exposição pode não estar à altura dela. Reproduzir na descrição, de modo sucessivo, a simultaneidade de um conjunto complexo, e enunciar cada tese sem pressupostos, é algo que talvez supere minhas forças. Estou pagando pelo fato de, na exposição da psicologia dos sonhos, não poder seguir o desenvolvimento histórico das minhas concepções. As linhas de abordagem para a compreensão dos sonhos me foram dadas pelos trabalhos anteriores sobre a psicologia das neuroses, aos quais não devia me referir aqui, mas tenho de me referir continuamente, ao passo que gostaria de proceder na direção contrária e, partindo do sonho, chegar à psicologia das neuroses. Sei das dificuldades que isso traz para o leitor, mas não vejo como evitá-las.

134 Insatisfeito com esse estado das coisas, de bom grado me detenho em outra consideração, que parece elevar o valor dos meus esforços. Deparei com um tema que era dominado por agudas contradições entre os pontos de vista dos autores, como se pôde ver no primeiro capítulo. Nossa abordagem dos problemas do sonho deixou espaço para a maioria dessas contradições. Tivemos de refutar decididamente apenas duas das opiniões manifestadas: de que o sonho é algo sem significado e que é um processo somático. Fora isso, pudemos dar razão a todas as demais opiniões contraditórias em algum momento ou outro da intrincada discussão, mostrando que haviam descoberto algo pertinente. Confirmou-se, de modo geral, que o sonho dá continuidade aos interesses e incitações da vida de vigília, graças à revelação dos pensamentos oníricos ocultos. Estes se ocupam apenas do que nos parece importante e nos interessa fortemente. Os sonhos nunca tratam de bagatelas. Mas também admitimos o oposto: que os sonhos aproveitam os restos irrelevantes do dia e não podem se apropriar de um grande interesse diurno até que este tenha se subtraído em

alguma medida à atividade desperta. Vimos que isso é válido para o conteúdo do sonho, que expressa os pensamentos oníricos de modo alterado pela deformação. Afirmamos que o processo onírico, em virtude do mecanismo associativo, se apodera com maior facilidade do material de representações novo ou indiferente, que ainda não foi requisitado pela atividade do pensamento desperto, e, por razões ligadas à censura, transfere a intensidade psíquica de algo significativo, mas chocante, para algo indiferente. A hipermnésia dos sonhos e o fato de disporem do material da infância se tornaram pilares da nossa doutrina; em nossa teoria dos sonhos, atribuímos ao desejo de origem infantil o papel de motor imprescindível na formação do sonho. Claro que não podíamos duvidar da importância dos estímulos sensoriais externos durante o sono, comprovada experimentalmente, mas sustentamos que esse material tem com o desejo onírico a mesma relação que têm os resíduos de pensamento que ficaram da atividade diurna. Não precisamos contestar que o sonho interpreta o estímulo sensorial objetivo ao modo de uma ilusão, mas acrescentamos o motivo para essa interpretação, que os outros autores não haviam especificado. A interpretação ocorre de modo tal que o objeto percebido se torna incapaz de perturbar o sono e pode ser aproveitado na realização do desejo. Quanto aos estados subjetivos de excitação sensorial durante o sono, que Trumbull Ladd [1892] parece ter comprovado, é certo que não os admitimos como fonte especial dos sonhos, mas sabemos explicá-los por meio do reavivamento regressivo das lembranças que agem por trás do sonho. Também as sensações orgânicas internas, frequentemente usadas como pedra angular na explicação dos sonhos, mantiveram um lugar em nossa concepção, ainda que modesto. Elas — as sensações de cair, flutuar, estar inibido — representam para nós um material sempre disponível, do qual o trabalho do sonho se utiliza, sempre que necessário, para a expressão dos pensamentos oníricos.

Parece-nos correto dizer que o processo do sonho é rápido, instantâneo, para a percepção pela consciência do conteúdo onírico pré-formado; mas para as partes anteriores do processo do sonho consideramos provável um decurso lento e

oscilante. Quanto ao enigma do conteúdo onírico bastante rico e comprimido num momento brevíssimo, propusemos que nisso há o aproveitamento de formações já prontas da vida psíquica. Que o sonho seja deformado e mutilado pela lembrança nos pareceu algo correto, mas que não constitui obstáculo, pois isso é apenas a última parte, manifesta, de um trabalho de deformação que age desde o início da formação do sonho. Na disputa — amarga e aparentemente inconciliável — entre a concepção de que a psique dorme à noite e a de que conserva a mesma capacidade de desempenho que tem durante o dia, pudemos dar razão aos dois lados, mas sem concordar plenamente com nenhum deles. Nos pensamentos oníricos encontramos evidências de um desempenho intelectual complexo, que trabalha com quase todos os recursos do aparelho psíquico; mas não se pode negar que esses pensamentos oníricos se originaram durante o dia, e é imperativo supor que há um estado de sono da psique. Assim, mesmo a teoria do sono parcial alcançou validade; contudo, não vimos a característica do estado do sono na desintegração dos nexos psíquicos, mas no fato de o sistema psíquico que domina o dia ajustar-se ao desejo de dormir. O alheamento do mundo exterior continuou importante em nossa concepção; ele facilita a regressão da representação onírica, embora não sendo o único fator. O abandono do direcionamento voluntário do curso de representações é incontestável; mas nem por isso a vida psíquica é despojada de metas, pois vimos que após as representações com meta voluntárias serem abandonadas, as involuntárias passam a dominar. Não só reconhecemos que as ligações associativas são mais frouxas no sonho, mas lhes concedemos um domínio muito mais amplo do que se podia imaginar; descobrimos, porém, que elas são apenas o substituto inevitável de outras, corretas e significativas. Sem dúvida, também designamos os sonhos como absurdos; mas alguns exemplos nos mostraram como um sonho é inteligente quando se apresenta como absurdo. Não divergimos quanto às funções que foram atribuídas ao sonho. A ideia de que o sonho desoprime a alma como uma válvula e de que, nas palavras de Robert, toda espécie de coisa nociva é tornada inofensiva ao ser representada no sonho, não só coincide perfeitamente com a nossa teoria da

realização dupla de desejos por meio do sonho, mas é, para nós, mais compreensível na nossa formulação do que em Robert. A ideia de que no sonho a alma se entrega ao livre jogo de suas faculdades é reencontrada, em nossa teoria, na liberdade concedida ao sonho pela atividade pré-consciente. O “retorno da vida psíquica, no sonho, ao ponto de vista embrionário” e a observação de Havelock Ellis — “*an archaic world of vast emotions and imperfect thoughts*” [um mundo arcaico de vastas emoções e pensamentos imperfeitos] — parecem-nos felizes antecipações da nossa tese de que modos de atividade *primitivos*, suprimidos durante o dia, tomam parte na formação do sonho; pudemos subscrever inteiramente a afirmação de Sully, de que “o sonho traz de volta nossas personalidades anteriores, desenvolvidas sucessivamente, nossa antiga maneira de ver as coisas, impulsos e modos de reação que nos dominaram no passado remoto”;^s como em Delage, para nós o “*suprimido*” se torna a mola propulsora do sonho.

136

Aceitamos plenamente o papel que Scherner atribui à fantasia onírica e as interpretações do próprio Scherner, mas tivemos que lhes dar outro lugar dentro do problema, por assim dizer. Não é o sonho que forma a fantasia, é a atividade imaginativa inconsciente que tem a participação maior na formação dos pensamentos oníricos. Somos devedores de Scherner por haver indicado a fonte dos pensamentos oníricos; mas quase tudo o que ele atribui ao trabalho do sonho deve ser visto como atividade do inconsciente alerta durante o dia, a qual fornece as instigações tanto para os sonhos como para os sintomas neuróticos. Tivemos que distinguir o trabalho do sonho dessa atividade como algo totalmente diferente e muito mais circunscrito. Por fim, longe de negar a relação do sonho com os distúrbios psíquicos, nós a estabelecemos de modo mais sólido, em novo terreno.

137

Assim, mantidos juntos pelo que há de novo em nossa teoria dos sonhos, como que numa unidade superior, encontramos os resultados mais diversos e contraditórios dos estudiosos incorporados à nossa edificação, vários deles utilizados de outra forma, poucos tendo sido inteiramente rejeitados. Mas nossa construção ainda está

inacabada. Sem considerarmos as muitas incertezas que atraímos ao avançar pela escuridão da psicologia, uma nova objeção parece nos afligir. Por um lado, supusemos que os pensamentos oníricos surgem mediante o trabalho mental completamente normal; por outro lado, no entanto, descobrimos entre os pensamentos oníricos e, a partir deles, estendendo-se ao conteúdo do sonho, toda uma série de processos de pensamento anormais, que depois repetimos na interpretação do sonho. Tudo aquilo que denominamos “trabalho do sonho” parece se distanciar tanto dos processos [de pensamento] que reconhecemos como corretos que devem nos parecer pertinentes os juízos mais severos dos estudiosos sobre o baixo desempenho psíquico dos sonhos.

138 Neste ponto, talvez só obtenhamos esclarecimento e ajuda se avançarmos ainda mais. Examinemos uma das conjunturas que levam à formação do sonho.

139 Vimos que o sonho toma o lugar de certo número de pensamentos que vêm da nossa vida diurna e que têm perfeita ligação lógica. Por isso não podemos duvidar que eles tenham origem na nossa vida mental normal. Reencontramos nos pensamentos oníricos todos os atributos que tanto prezamos em nossos raciocínios, pelos quais estes se distinguem como realizações complexas de ordem superior. Mas não há necessidade de supor que essa atividade do pensamento foi executada durante o sono, o que transtornaria a noção do estado psíquico do sono a que nos ativemos até agora. Esses pensamentos podem muito bem vir do dia anterior, não sendo percebidos pela consciência desde o início e já se achando prontos no adormecimento. O que podemos concluir disso é que *os mais complicados desempenhos do pensamento são possíveis sem a participação da consciência*, algo que qualquer psicanálise de um paciente histérico ou obsessivo nos ensina. Esses pensamentos oníricos certamente não são, em si mesmos, incapazes de chegar à consciência; se não se tornaram conscientes para nós durante o dia, isso pode ter diversas razões. Tornar-se consciente está ligado ao direcionamento de determinada função psíquica, a atenção, que, ao que parece, é dispensada apenas em certa quantidade, que pode ter sido desviada do curso de pensamentos em questão por

outras metas. Outra maneira de esses pensamentos serem mantidos fora da consciência é a seguinte. Sabemos, por nossa reflexão consciente, que ao aplicar a atenção seguimos um caminho determinado. Se nesse caminho encontramos uma representação que não resiste à crítica, nós paramos; interrompemos o investimento da atenção. Ora, parece que o curso de pensamentos iniciado e abandonado pode continuar sem que a atenção se volte novamente para ele, se em algum ponto ele não atingir uma intensidade particularmente alta, que obrigue à atenção. Portanto, ser rejeitado de início, talvez com consciência, mediante o juízo de que é incorreto ou imprestável para os fins intelectuais imediatos, pode ser a causa para que um processo de pensamento prossiga, sem que a consciência o perceba, até o adormecimento.

140 Resumindo: denominamos *pré-consciente* esse curso de pensamento e consideramos que é perfeitamente correto, e que tanto pode ter sido apenas negligenciado como interrompido, suprimido. Vamos expor francamente de que modo imaginamos o curso das representações. Acreditamos que, a partir de uma representação com meta, determinada grandeza de excitação, que chamamos “energia de investimento”, é deslocada ao longo das vias associativas escolhidas por essa representação com meta. Um curso de pensamentos “negligenciado” não recebeu esse investimento; e no caso de um “suprimido” ou “rejeitado”, esse investimento foi retirado; ambos são abandonados às suas próprias excitações. Em determinadas condições, o curso de pensamentos investido com meta se torna capaz de atrair a atenção da consciência, e então recebe, por intermédio desta, um “sobreinvestimento”. Mais adiante esclareceremos nossas hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da consciência.

141 Um curso de pensamentos assim instigado no pré-consciente pode espontaneamente se apagar ou se manter. No primeiro caso, imaginamos que sua energia se difunde em todas as direções associativas que dele partem, colocando toda a corrente de pensamentos num estado de excitação, que dura um momento e depois se extingue à medida que a excitação que precisa ser descarregada se transforma em

investimento que descansa. Quando há esse desfecho, o processo já não importa para a formação do sonho. Mas em nosso pré-consciente outras representações com meta estão à espreita, que provêm das fontes dos nossos desejos inconscientes e sempre alertas. Estas podem se apropriar da excitação dentro do círculo dos pensamentos entregues a si mesmos, estabelecem a ligação entre ele e o desejo inconsciente, *transferem* para ele a energia própria do desejo inconsciente, e a partir de então o curso de pensamentos negligenciado ou reprimido está em condições de se manter, embora esse fortalecimento não lhe dê o direito de ingressar na consciência. Podemos dizer que o curso de pensamentos até então pré-consciente foi *arrastado para o inconsciente*.

142 Outras conjunturas que levam à formação do sonho seriam: o curso de pensamentos pré-conscientes estava ligado ao desejo inconsciente desde o início e, por isso, encontrou rejeição por parte do investimento com meta dominante, ou um desejo inconsciente se tornou ativo por outras razões (digamos, somáticas) e, ao não receber atenção, busca uma transferência para os restos psíquicos não investidos pelo *Pcs*, sem que estes lhe venham ao encontro. Todos os três casos convergem no resultado de que um curso de pensamentos nasce no pré-consciente e, abandonado pelo investimento pré-consciente, acha investimento pelo desejo inconsciente.

143 A partir de então, o curso de pensamentos sofre uma série de transformações que já não reconhecemos como processos psíquicos normais e que resultam em algo que nos espanta, uma formação psicopatológica. Vamos destacá-los e agrupá-los:

144 1) As intensidades das representações se tornam capazes de descarga em seu montante integral e passam de uma representação para a outra, de maneira que se formam representações dotadas de grande intensidade. Quando esse processo se repete várias vezes, a intensidade de toda a série de pensamentos pode ser reunida num único elemento de representação. É a *compressão* ou *condensação*, de que tomamos conhecimento durante o trabalho do sonho. Ela é a principal responsável pela impressão de estranheza do sonho, pois não se conhece algo que lhe seja análogo na vida psíquica normal e acessível à consciência. Nesta temos também

representações que, sendo pontos nodais ou resultados finais de cadeias inteiras de pensamentos, possuem grande importância psíquica, mas esse valor não se manifesta em nenhuma característica *compreensível*, patente para a percepção interna; por isso, o que nelas é representado não se torna mais intenso de maneira nenhuma. No processo de condensação, toda interconexão psíquica é transformada numa *intensidade* do conteúdo de representação. É o mesmo caso de quando, num livro, faço imprimir em itálico ou em negrito uma palavra a que atribuo um valor eminente para a compreensão do texto. Falando, eu enunciaria essa palavra em voz mais alta e mais lenta, enfatizando-a. A primeira analogia nos leva imediatamente a um exemplo tomado do trabalho do sonho (a palavra *trimetilamina* no sonho da injeção de Irma). Os historiadores da arte chamam nossa atenção para o fato de as mais antigas esculturas obedecerem a um princípio semelhante, ao expressar pelo tamanho da imagem a posição social das pessoas representadas. A figura do rei é duas ou três vezes maior que a de um cortesão ou de um inimigo derrotado. Uma obra do período romano emprega meios mais sutis para o mesmo fim. Ela situa o imperador no centro, em postura ereta, e o retrata com cuidado especial; põe os inimigos a seus pés, mas não o mostra como um gigante entre anões. Entre nós, a reverência do subordinado que se inclina ante o superior é, ainda hoje, um eco desse antigo princípio de representação.

145 A direção em que procedem as condensações do sonho é determinada, por um lado, pelas relações pré-conscientes corretas dos pensamentos oníricos e, por outro, pela atração das lembranças visuais no inconsciente. Como resultado, o trabalho de condensação alcança as intensidades requeridas para irromper nos sistemas perceptuais.

146 2) Devido à liberdade com que podem ser transferidas as intensidades, e a serviço da condensação, formam-se *representações intermediárias*, compromissos, por assim dizer (cf. os numerosos exemplos). De novo, algo inaudito no decurso normal das representações, em que importam sobretudo a seleção e conservação do elemento “certo” de representação. Mas formações mistas e compromissos ocorrem com

frequência extraordinária quando tentamos expressar na linguagem pensamentos pré-conscientes, e estes aparecem como tipos de “lapsos verbais”.

147 3) As representações que transferem suas intensidades umas para as outras mantêm *relações bastante frouxas* entre si, são ligadas por esses tipos de associações que o nosso pensamento despreza e deixadas para o uso com efeito cômico. Especialmente as associações por homofonia e paronímia são tidas como de mesmo valor que as outras.

148 4) Pensamentos que se contradizem não procuram anular um ao outro, mas coexistem, muitas vezes se combinam em produtos de condensação, *como se não existisse contradição*, ou formam compromissos que jamais perdoaríamos em nosso pensamento, mas que aprovamos com frequência em nossos atos.

149 Esses seriam alguns dos processos anormais mais notáveis a que os pensamentos oníricos, antes formados racionalmente, são submetidos ao longo do trabalho do sonho. Percebe-se, como sua característica principal, que toda a ênfase é colocada em tornar a energia de investimento móvel e *capaz de se descarregar*; o conteúdo e o significado próprio dos elementos psíquicos a que se ligam esses investimentos são coisa secundária. Também se poderia achar que a condensação e a formação de compromissos ocorrem apenas a serviço da regressão, quando se trata de transformar pensamentos em imagens. No entanto, a análise — e mais ainda a síntese — dos sonhos que não têm a regressão para imagens, como o sonho “*Autodidasker* — conversa com o professor N.”, revela os mesmos processos de deslocamento e condensação que os outros.

150 Assim, não podemos fugir à conclusão de que dois processos psíquicos essencialmente diferentes participam da formação do sonho. Um deles cria pensamentos oníricos absolutamente corretos, de valor igual ao pensamento normal; o outro lida com eles de modo surpreendente e incorreto. Já no capítulo VI distinguimos esse último como o trabalho do sonho propriamente. Que temos a dizer agora sobre a origem desse processo psíquico?

Não poderíamos dar uma resposta se já não tivéssemos nos aprofundado um tanto na psicologia das neuroses, especialmente da histeria. Mas esta nos ensina que os mesmos processos psíquicos incorretos — e outros não mencionados aqui — dominam a produção dos sintomas histéricos. Também na histeria encontramos uma série de pensamentos totalmente corretos, de valor igual aos nossos pensamentos conscientes, mas de cuja existência nessa forma nada podemos saber de início, que apenas posteriormente reconstruímos. Quando, em algum ponto, eles conseguem se mostrar à nossa percepção, pela análise do sintoma formado vemos que esses pensamentos normais sofreram um tratamento anormal e *foram transpostos para o sintoma por meio da condensação, da formação de compromisso, através de associações superficiais, pelo encobrimento das contradições e, eventualmente, pela via da regressão.* Com a identidade plena entre as peculiaridades do trabalho do sonho e da atividade psíquica, que termina em sintomas psiconeuróticos, consideramo-nos justificados em transferir para o sonho as conclusões que a histeria nos impõe.

Da teoria da histeria tomamos a tese de que *essa elaboração psíquica anormal de um curso de pensamentos normal ocorre apenas quando este se tornou a transferência de um desejo inconsciente de origem infantil e que se acha reprimido.* Conforme essa tese construímos a teoria do sonho, sobre a hipótese de que o desejo impulsionador do sonho sempre vem do inconsciente, algo que, como nós mesmos admitimos, não pode ser demonstrado, mas tampouco refutado de maneira geral. Mas, para que possamos dizer o que é essa “*repressão*”, termo que já empregamos tantas vezes, temos de prosseguir na nossa construção psicológica.

Nós nos aprofundamos na ficção de um aparelho psíquico primitivo, cujo trabalho é regulado pelo esforço de evitar acúmulos de excitação e manter-se livre de excitações o máximo possível. Por isso ele foi construído segundo o esquema de um aparelho reflexo; a motilidade, primeiramente um meio para a mudança interna do corpo, era a via de descarga de que dispunha. Depois abordamos as consequências psíquicas de uma experiência de satisfação, e nisso já podíamos introduzir a segunda

hipótese, a de que o acúmulo de excitação — conforme certas modalidades que não nos interessam — é sentido como desprazer e põe o aparelho em atividade para novamente produzir o resultado de satisfação, em que a diminuição da excitação é sentida como prazer. Chamamos desejo essa corrente que no aparelho, partindo do desprazer, visa ao prazer; dissemos que nada senão um desejo é capaz de pôr o aparelho em movimento, e que nele o curso da excitação é regulado automaticamente pelas percepções de prazer e desprazer. O primeiro desejo deve ter sido um investimento alucinatório da lembrança da satisfação. Mas essa alucinação, se não devia ser mantida até o esgotamento, revelou-se incapaz de produzir a cessação da necessidade, ou seja, o prazer ligado à satisfação.

154 Assim, tornou-se necessária uma segunda atividade — em nossa linguagem, a atividade de um segundo sistema — que não permita que o investimento da lembrança avance até a percepção e desde lá vincule as forças psíquicas, mas conduza a excitação proveniente da necessidade por um rodeio que enfim, por meio da motilidade voluntária, altere o mundo externo de maneira tal que possa haver uma percepção real do objeto de satisfação. Até esse ponto desenvolvemos o esquema do aparelho psíquico; os dois sistemas são o germe daquilo que designamos como *Ics* e *Pcs* no aparelho completamente formado.

155 Para modificar adequadamente o mundo externo através da motilidade, é preciso que haja a acumulação de grande número de experiências nos sistemas mnêmicos e uma múltipla fixação das relações provocadas por diferentes representações com meta nesse material mnêmico. Agora vamos adiante com nossas hipóteses. A atividade do segundo sistema, que procede por sondagens, enviando e recolhendo investimentos, precisa, por um lado, dispor livremente de todo o material de lembranças; por outro, seria um dispêndio inútil se ela enviasse grandes quantidades de investimento pelas diversas vias de pensamento, que dispersariam inadequadamente e diminuiriam a quantidade necessária para a transformação do mundo externo. Assim, tendo em conta a adequação aos fins, postulo que o segundo sistema consegue manter a maior parte dos investimentos de energia em repouso,

utilizando uma parte menor para o deslocamento. O mecanismo desses processos me é desconhecido; se alguém quisesse estudar essas ideias a fundo, teria de buscar as analogias físicas para eles e achar uma forma de entender os movimentos que acompanham a excitação neuronal. Atenho-me apenas à noção de que a atividade do primeiro sistema ψ é dirigida para a *livre descarga das quantidades de excitação*, e que o segundo sistema, por meio dos investimentos que partem dele, obtém uma *inibição* dessa descarga, uma transformação em investimento quieto, provavelmente com elevação do nível. Suponho, então, que sob o domínio do segundo sistema o decurso da excitação é vinculado a condições mecânicas bem diferentes daquelas vigentes sob o domínio do primeiro. Quando o segundo sistema conclui seu trabalho de pensamento exploratório, ele cessa também a inibição e represamento das excitações e permite sua descarga na motilidade.

156

Obtemos reflexões interessantes ao considerar as relações entre essa inibição de descarga pelo segundo sistema e a regulação pelo princípio do desprazer.^t Tomemos a contrapartida da vivência de satisfação primária: *a vivência externa do susto*. Digamos que um estímulo perceptual incide sobre o aparelho primitivo; esse estímulo é a fonte de uma excitação dolorosa. Ocorrerão então manifestações motoras desordenadas, até que uma delas subtrai o aparelho da percepção e, ao mesmo tempo, da dor, e, havendo de novo a percepção, ela é repetida de imediato (por exemplo, como movimento de fuga), até a percepção desaparecer novamente. Mas não restará nenhuma tendência a investir de novo a percepção da fonte da dor, de maneira alucinatória ou de qualquer outra forma. Pelo contrário, no aparelho primário subsistirá a tendência de abandonar novamente a imagem mnêmica penosa, caso ela venha a ser despertada, pois o transbordamento de sua excitação para a percepção provocaria (mais precisamente: começaria a provocar) desprazer. O afastamento da lembrança, que é apenas uma repetição da anterior fuga da percepção, é facilitado pelo fato de que a lembrança, diferentemente da percepção, não possui a qualidade suficiente para excitar a consciência e, assim, atrair para si um novo investimento. Esse afastamento regular e fácil do processo psíquico ante a

lembrança do que foi penoso nos fornece o modelo e o primeiro exemplo da *repressão psíquica*. Sabe-se o quanto desse afastamento do que é penoso, dessa tática do avestruz, ainda pode ser observado na vida psíquica normal do adulto.

157 De acordo com o princípio do desprazer, então, o primeiro sistema ψ é totalmente incapaz de introduzir algo desagradável no contexto de seus pensamentos. O sistema não pode senão desejar. Se isso permanecesse assim, o trabalho de pensamento do segundo sistema seria obstruído, pois ele precisa dispor de todas as lembranças depositadas na experiência. Dois caminhos se abrem: ou o trabalho do segundo sistema se livra completamente do princípio do desprazer, continuando seu caminho sem se preocupar com o desprazer das lembranças, ou acha um meio de investir a lembrança desprazerosa de modo tal que a liberação do desprazer é evitada. Podemos rejeitar a primeira possibilidade, pois o princípio do desprazer funciona também como regulador do curso da excitação no segundo sistema; isso nos remete à segunda possibilidade, conforme a qual esse sistema investe uma lembrança de modo que ela inibe a descarga — também a descarga, comparável à inervação motora, na direção do desenvolvimento do desprazer. Assim, de dois pontos de partida diferentes somos levados à hipótese de que o investimento pelo segundo sistema representa simultaneamente uma inibição da descarga da excitação: da consideração pelo princípio do desprazer e do princípio do menor dispêndio de inervação. Mas retenhamos, pois é a chave da teoria da repressão, que *o segundo sistema só pode investir uma representação se for capaz de inibir o desenvolvimento de desprazer que parte dela*. O que se esquivasse a essa inibição permaneceria inacessível também ao segundo sistema e logo seria abandonado, conforme o princípio do desprazer. No entanto, a inibição do desprazer não precisa ser total; um início de desprazer tem de ser permitido, pois informa ao segundo sistema a natureza da lembrança e sua eventual inaptidão para o objetivo buscado pelo pensamento.

158 Ao processo psíquico que apenas o primeiro sistema admite chamarei *processo primário*; àquele que resulta da inibição imposta pelo segundo chamarei *processo secundário*. Posso dar ainda outra indicação da finalidade que faz o segundo sistema

corrigir o processo primário. O processo primário visa a descarga da excitação, a fim de, com a quantidade de excitação assim reunida, produzir uma *identidade de percepção* [com a vivência da satisfação]; o processo secundário abandonou essa intenção e a substituiu por outra, a de alcançar uma *identidade de pensamento* [com aquela vivência]. Todo o pensamento é apenas um rodeio, da lembrança da satisfação, tomada como representação com meta, ao investimento idêntico dessa mesma lembrança, que deve ser novamente alcançada pela via das experiências motoras. O pensamento tem de se interessar pelas vias de ligação entre as representações, sem se deixar confundir pelas intensidades destas. Mas é claro que as condensações de representações, assim como as formações intermediárias e de compromisso, dificultam a obtenção dessa identidade buscada; ao substituírem uma representação por outra, desviam do caminho que teria sido seguido pela primeira. Portanto, tais processos são cuidadosamente evitados no pensamento secundário. Também não é difícil ver que o princípio do desprazer, que de outro modo oferece pontos de apoio importantes ao processo de pensamento, também lhe coloca obstáculos na busca da identidade de pensamento. A tendência do pensamento, portanto, tem de ser libertar-se cada vez mais da regulação exclusiva pelo princípio do desprazer e restringir o desenvolvimento de afetos pelo trabalho do pensamento a um mínimo ainda utilizável como sinal. Esse refinamento do desempenho deve ser obtido por meio de um novo sobreinvestimento, proporcionado pela consciência. Mas sabemos que mesmo na vida psíquica normal isso raramente se consegue por inteiro, e que o nosso pensamento é sempre suscetível de falseamento por intervenção do princípio do desprazer.

159 Mas não é essa a lacuna na eficiência funcional do nosso aparelho psíquico que permite que pensamentos representados como resultantes do trabalho do pensamento secundário se submetam ao processo psíquico primário — fórmula com que agora podemos descrever o trabalho que conduz ao sonho e aos sintomas histéricos. A insuficiência resulta da conjunção de dois fatores da nossa história

evolutiva, um dos quais toca inteiramente ao aparelho psíquico e exerceu influência decisiva na relação entre os dois sistemas, enquanto o outro vigora em medida variável e introduz forças motrizes de origem orgânica na vida psíquica. Os dois se originam na infância e atestam a mudança que nosso organismo psíquico e somático sofreu desde a época infantil.

160 Se denominei *primário* um dos processos psíquicos do aparelho psíquico, não o fiz apenas considerando a hierarquia e o desempenho, mas também a ordem cronológica. Pelo que sabemos, um aparelho psíquico dotado apenas do processo primário não existe e é, portanto, uma ficção teórica; mas é fato que os processos primários se acham nele desde o início, enquanto os secundários se desenvolvem gradualmente, ao longo da vida, inibindo e sobrepondo-se aos primários, e talvez alcancem o pleno domínio sobre estes apenas no auge da vida. Devido a essa ocorrência tardia dos processos secundários, o núcleo do nosso ser, que consiste em impulsos de desejos inconscientes, permanece inacessível à apreensão e inibição por parte do pré-consciente, cujo papel se limita, de uma vez por todas, a indicar aos impulsos de desejo provenientes do inconsciente os caminhos mais adequados. Esses desejos inconscientes representam, para todos os esforços psíquicos posteriores, uma coerção a que têm de se submeter e que podem tentar desviar e dirigir para metas mais elevadas. Também devido a essa ocorrência tardia, grande parte do material mnêmico permanece refratária ao investimento pré-consciente.

161 Entre esses impulsos de desejo de origem infantil, que não podem ser destruídos nem inibidos, acham-se também aqueles cuja realização estaria em contradição com as representações com meta do pensamento secundário. A realização desses desejos já não suscitaria um sentimento de prazer, mas de desprazer, e *justamente essa transformação do afeto constitui a essência daquilo que denominamos “repressão”*. De que modo, por meio de quais forças motrizes pode se dar essa transformação — nisso está o problema da repressão, no qual só precisamos tocar aqui. Basta retermos que essa transformação de afetos ocorre ao longo do desenvolvimento (lembramos do surgimento do nojo, que falta inicialmente na vida infantil) e que está ligada à

atividade do sistema secundário. As lembranças a partir das quais o desejo provoca a liberação de afetos não eram jamais acessíveis ao *Pcs*; por isso a liberação dos afetos relativos a elas não pode ser inibida. É também por causa desse desenvolvimento de afetos que essas representações não são acessíveis a partir dos pensamentos pré-conscientes para os quais elas transferiram sua força de desejo. O princípio do desprazer entra em vigor e faz com que o *Pcs* se afaste desses pensamentos de transferência. Estes são entregues a si mesmos, “reprimidos”, e assim a existência de um patrimônio de lembranças infantis, desde o começo subtraído ao *Pcs*, torna-se precondição para a repressão.

No caso mais favorável, o desenvolvimento de desprazer cessa quando o investimento é retirado dos pensamentos de transferência no *Pcs*, e esse resultado caracteriza a intervenção do princípio do desprazer como adequada. Mas é diferente quando o desejo inconsciente reprimido sofre um fortalecimento orgânico que pode emprestar aos seus pensamentos de transferência, e assim dar-lhes condições de tentar irromper [na consciência] com sua excitação, mesmo que tenham sido abandonados pelo investimento do *Pcs*. Segue-se então uma luta defensiva, pois o *Pcs* reforça a oposição aos pensamentos reprimidos (contrainvestimento) e depois há a irrupção dos pensamentos de transferência, que são portadores do desejo inconsciente, em alguma forma de compromisso, através da formação de sintomas. Mas, a partir do instante em que os pensamentos reprimidos são fortemente investidos pela excitação de desejo inconsciente e, por outro lado, abandonados pelo investimento pré-consciente, eles estão sujeitos ao processo psíquico primário, visam apenas à descarga motora ou, caso o caminho esteja livre, ao reavivamento alucinatório da identidade de percepção desejada. Já vimos, empiricamente, que os processos incorretos descritos apenas ocorrem com pensamentos que se acham em repressão. Agora compreendemos mais uma parte dessas relações. Esses processos incorretos são aqueles *primários* do aparelho psíquico. Eles aparecem sempre que representações abandonadas pelo investimento pré-consciente são entregues a si mesmas e podem se encher com a energia do inconsciente não inibida, que busca

descarga. Algumas outras observações vêm apoiar a concepção de que esses processos denominados incorretos não são realmente falseamentos dos processos normais — erros de pensamento —, mas modos de trabalho do aparelho psíquico libertos de uma inibição. Vemos, assim, que a transição da excitação pré-consciente para a motilidade ocorre segundo os mesmos processos, e que a vinculação das representações pré-conscientes a palavras mostra facilmente os mesmos deslocamentos e misturas atribuídos à desatenção. Por fim, uma prova de que o aumento de trabalho se torna necessário quando há inibição desses modos de funcionamento primários estaria no fato de que obtemos um efeito *cômico*, um excesso [de energia] que se descarrega na risada, *quando deixamos que eles penetrem na consciência*.

163

A teoria das psiconeuroses afirma, com absoluta segurança, que apenas os desejos sexuais de origem infantil que experimentaram repressão (transformação do afeto) nos períodos de desenvolvimento da infância são capazes de sofrer renovação em períodos de desenvolvimento posteriores, seja devido à constituição sexual, que se forma a partir da bissexualidade original, seja devido a influências desfavoráveis na vida sexual, e assim fornece as forças motrizes para toda formação de sintoma psiconeurótico. Apenas a introdução dessas forças sexuais pode preencher as lacunas ainda existentes na teoria da repressão. Se os fatores sexual e infantil são um requisito também na teoria do sonho é algo que deixarei em aberto; deixo essa teoria incompleta nesse ponto, pois já fui além do que pode ser provado ao supor que o desejo do sonho sempre tem origem no inconsciente.³² Também não investigarei mais a fundo a diferença entre o jogo das forças psíquicas na formação do sonho e na formação dos sintomas histéricos, pois falta-nos aqui um conhecimento mais preciso de um dos dois objetos da comparação. Mas há outro ponto a que dou importância, e confesso que apenas por causa dele incluí todas as discussões sobre os dois sistemas psíquicos, seus modos de trabalho e a repressão. Pois a questão não é se compreendi os fatores psicológicos de forma aproximadamente correta ou, como é bem possível

em coisas tão difíceis, de forma distorcida e incompleta. Como quer que possa variar a interpretação da censura psíquica, das elaborações correta e anormal do conteúdo do sonho, permanece válido que processos desse tipo agem na formação do sonho e que, no essencial, apresentam a maior analogia com os processos notados na formação de sintomas histéricos. Mas o sonho não é um fenômeno patológico; ele não pressupõe um transtorno do equilíbrio psíquico; não causa um enfraquecimento do desempenho. Creio que a objeção de que meus sonhos e os sonhos dos meus pacientes neuróticos não permitiriam inferências sobre os sonhos de pessoas saudáveis pode ser refutada sem maiores considerações. Se a partir dos fenômenos inferimos as suas forças motrizes, vemos que o mecanismo psíquico de que se serve a neurose já existe na estrutura normal do aparelho psíquico; não é criado por um distúrbio patológico que acomete a vida psíquica. Os dois sistemas psíquicos, a censura na passagem de um para outro, a inibição e a sobreposição de uma atividade pela outra, as relações dos dois com a consciência — ou aquilo que uma interpretação mais certa das condições reais possa revelar em seu lugar —, tudo isso pertence à estrutura normal do nosso instrumento psíquico, e o sonho nos mostra um dos caminhos que levam ao conhecimento dessa estrutura. Se quisermos nos contentar com um mínimo de acréscimo de conhecimento inteiramente seguro, podemos dizer que o sonho prova que *o que é suprimido continua a existir também na pessoa normal e permanece capaz de desempenho psíquico*. O próprio sonho é uma das manifestações desse material suprimido; na teoria, ele é isso em todos os casos; na observação empírica, pelo menos em grande número de casos, que exibem da forma mais clara as características mais notáveis da vida onírica. O que foi psiquicamente suprimido, que na vida de vigília teve sua expressão impedida pela *eliminação mútua das contradições* e foi cortado da percepção interna, encontra na vida noturna, e sob o domínio das formações de compromisso, meios e caminhos para se impor à consciência.

*Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo.*¹¹

A interpretação dos sonhos é a via regia [estrada real] para o conhecimento do inconsciente na vida psíquica.^v

Analisando sonhos, avançamos um pouco mais no entendimento da composição desse instrumento, o mais maravilhoso e mais misterioso de todos; apenas um pouco, é verdade, mas significa um começo para, a partir de outras formações — que devem ser chamadas patológicas —, progredir em sua dissecação. Pois as doenças — pelo menos aquelas corretamente chamadas funcionais — não têm como pressuposto a destruição desse aparelho, o estabelecimento de novas divisões em seu interior; elas devem ser explicadas de modo *dinâmico*, pelo fortalecimento e enfraquecimento dos vários componentes do jogo de forças do qual tantos efeitos permanecem ocultos durante a função normal. Em outro lugar poderemos mostrar como o fato de o aparelho ser composto dessas duas instâncias também permite um refinamento do desempenho normal, que seria impossível com apenas uma.³³

F. O INCONSCIENTE E A CONSCIÊNCIA — A REALIDADE

167

Se olharmos mais detidamente, o que a discussão psicológica dos capítulos precedentes nos levou a admitir não é a existência de *dois sistemas* próximos da extremidade motora do aparelho, mas a de *dois processos ou modos de descarga da excitação*. Para nós não faria diferença, pois sempre devemos estar prontos para abandonar nossas representações auxiliares,^w se acreditamos estar em condição de substituí-las por algo que mais se aproxime da realidade desconhecida. Procuremos agora retificar algumas concepções que puderam se formar equivocadamente, enquanto vimos os dois sistemas, no sentido mais literal e cru, como duas localidades no interior do aparelho psíquico, concepções estas que deixaram sua marca nas expressões “reprimir” [*verdrängen*, literalmente “desalojar, deslocar”] e “penetrar” [*durchdringen*]. Quando afirmamos que um pensamento inconsciente busca ser traduzido para o pré-consciente, para então penetrar na consciência, não queremos dizer que será formado um segundo pensamento, situado em novo lugar, como uma transcrição ao lado da qual continua a existir o pensamento original; e também no que toca à penetração na consciência queremos evitar cuidadosamente qualquer ideia de uma mudança de local. Quando dizemos que um pensamento pré-consciente é reprimido e depois acolhido no inconsciente, essas imagens, tomadas do âmbito da luta por um território, podem nos levar a supor que em certo local psíquico uma ordenação é realmente dissolvida e substituída por uma nova em outro local. Em vez dessas analogias, utilizemos algo que parece corresponder melhor ao estado de coisas real; digamos que um investimento de energia é colocado em determinada ordenação ou dela retirado, de modo que a estrutura psíquica cai sob o domínio de uma instância ou a ela se subtrai. Nisso substituímos, mais uma vez, um modo de representação topológico por um dinâmico; o que nos aparece como móvel não é a estrutura psíquica, mas sua inervação.³⁴

Não obstante, acho adequado e legítimo continuar usando a concepção figurativa dos dois sistemas. Podemos evitar um possível abuso desse modo de apresentação se lembrarmos que representações, pensamentos, formações psíquicas em geral não devem jamais ser localizados em elementos orgânicos do sistema nervoso, e sim, digamos, *entre eles*, onde resistências e vias facilitadas formam seus correlatos. Tudo o que pode ser objeto de nossa percepção interna é *virtual*, como a imagem produzida no telescópio pela passagem dos raios de luz. Mas é legítimo supor a existência dos sistemas, que em si não são nada psíquicos e jamais se tornam acessíveis à nossa percepção psíquica, como as lentes do telescópio que lançam a imagem. Prosseguindo nessa analogia, a censura entre os dois sistemas corresponderia à refração dos raios, na passagem para um novo meio.

Até agora fizemos psicologia por conta própria; é hora de ver as teorias dominantes na psicologia atual e examinar como elas se relacionam com nossas concepções. O problema do inconsciente na psicologia não é, na vigorosa afirmação de Lipps (1897), *uma* questão psicológica, mas *a* questão da psicologia. Enquanto a psicologia liquidava essa questão declarando que “psíquico” significava “consciente” e que “processos psíquicos inconscientes” nada mais eram que uma evidente insensatez, estava excluída uma apreciação psicológica das observações que um médico podia fazer sobre estados psíquicos anormais. O médico e o filósofo só podem se encontrar quando os dois reconhecem que os processos psíquicos inconscientes são “a expressão adequada e justificada de um fato estabelecido”. O médico não pode senão rejeitar, encolhendo os ombros, a afirmação de que “a consciência é a característica indispensável do psíquico” e, se ainda respeita as declarações dos filósofos, supor que eles tratam do mesmo objeto e não praticam a mesma ciência. Pois basta uma única observação compreensiva da psique de um neurótico, uma única análise de sonho, para lhe deixar a convicção inabalável de que os mais complicados e mais corretos processos de pensamento, aos quais se negaria o nome de processos psíquicos, podem ocorrer sem excitar a consciência da pessoa.³⁵ É certo que o

médico não pode ter conhecimento desses processos inconscientes antes que eles produzam na consciência um efeito que permita comunicação ou observação. Mas esse efeito consciente pode apresentar um caráter psíquico muito diferente do processo inconsciente, de modo que a percepção interna não reconhece um como substituto do outro. O médico precisa se reservar o direito de, mediante um *processo de inferência*, avançar do efeito consciente ao processo psíquico inconsciente; assim ele vem a saber que o efeito consciente é apenas um distante efeito psíquico do processo inconsciente, e que este não se tornou consciente como tal e, além disso, estava presente e atuante sem se revelar de algum modo à consciência.

170

Reverter a superestimação do atributo da consciência torna-se a condição indispensável para toda compreensão certa do desenrolar das coisas psíquicas. Nas palavras de Lipps [1897, pp. 146 ss.], o inconsciente tem de ser visto como a base geral de toda vida psíquica. O inconsciente é o círculo maior que encerra em si mesmo o círculo menor do consciente; tudo consciente tem uma fase preliminar inconsciente, enquanto o inconsciente pode permanecer nessa fase e, contudo, reivindicar o valor pleno de uma atividade psíquica. O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, *tão desconhecido para nós, em sua natureza íntima, quanto a realidade do mundo externo, e nos é apresentado de modo tão incompleto pelos dados da consciência quanto o mundo externo pelas indicações de nossos sentidos.*

171

Se a velha oposição entre vida consciente e vida onírica é inutilizada pela inserção do psíquico inconsciente no lugar que lhe cabe, são eliminados vários problemas relativos ao sonho que ocuparam bastante os estudiosos anteriores. Assim, algumas atividades, cujo desempenho no sonho causava espanto, agora já não devem ser atribuídas ao sonho, mas ao pensamento inconsciente que opera também durante o dia. Se o sonho, como afirma Scherner [1861, pp. 114-5], parece brincar com uma representação simbólica do corpo, sabemos agora que isso é produto de determinadas fantasias inconscientes, que provavelmente obedecem a impulsos sexuais, e que se expressam não apenas nos sonhos, mas também nas fobias histéricas e em outros sintomas. Se o sonho prossegue e conclui trabalhos do dia e até mesmo

traz ideias valiosas, precisamos apenas retirar-lhe o disfarce onírico, que é produto do trabalho do sonho e sinal da colaboração de poderes obscuros das profundezas da psique (cf. o Diabo no sonho da sonata, de Tartini).^x A operação intelectual se deve às mesmas forças psíquicas que realizam tais operações durante o dia. Nós tendemos, provavelmente, a superestimar em grande medida o caráter consciente da produção intelectual e artística também. Conforme os relatos que temos de alguns indivíduos altamente produtivos, como Goethe e Helmholtz, o que há de essencial e novo em suas criações lhes ocorreu de modo espontâneo e chegou praticamente completo à sua percepção. Não é nada surpreendente que haja a cooperação da atividade consciente em outros casos, em que houve um empenho de todas as forças do espírito. Mas é um privilégio da atividade consciente, do qual muito se abusa, o fato de poder encobrir as outras atividades onde quer que atue.

172

Difícilmente vale a pena apresentar a importância histórica do sonho como um tema à parte. Quando, por exemplo, um sonho fez com que um chefe guerreiro realizasse um empreendimento ousado, cujo êxito provocou uma mudança histórica, isso traz um problema novo apenas enquanto o sonho é visto como um poder estranho, em oposição a outras forças psíquicas mais familiares; não mais quando ele é considerado uma *forma de expressão* de impulsos que durante o dia se achavam sob o peso de uma resistência e que à noite obtêm reforço de fontes de excitações mais profundas.³⁶ O respeito dos antigos pelo sonho, porém, é uma homenagem, baseada numa intuição psicológica correta, ao que é indomável e indestrutível na alma humana, ao *demoníaco*,^y que proporciona o desejo do sonho e que reencontramos em nosso inconsciente.

173

É de forma deliberada que digo “*em nosso inconsciente*”, pois o que assim chamamos não é o mesmo que o inconsciente dos filósofos, nem o inconsciente em Lipps. Para aqueles, o inconsciente deve designar meramente o oposto do consciente; a noção de que existem, além dos processos conscientes, também processos psíquicos inconscientes é um entendimento bastante contestado e

energicamente defendido. Lipps vai além, com a tese segundo a qual tudo que é psíquico existe na forma inconsciente; em parte, também na forma consciente. Mas não foi para demonstrar *essa* tese que recorreremos aos fenômenos do sonho e da formação de sintomas histéricos; a observação da vida diurna normal já bastaria para comprovar isso fora de qualquer dúvida. O que a análise das formações psicopatológicas nos ensina, já na primeira delas, o sonho, é que o inconsciente — ou seja, o psíquico — se apresenta como função de dois sistemas separados, e isso já na vida psíquica normal. Existem, portanto, *dois tipos de inconsciente*, que os psicólogos ainda não distinguiram. Os dois são inconscientes no sentido da psicologia; para nós, no entanto, aquele que chamamos *Ics* é *incapaz de chegar à consciência*, enquanto o outro, o *Pcs*, assim o chamamos porque suas excitações podem alcançar a consciência — embora respeitando certas regras e talvez somente após superar uma nova censura, mas sem consideração pelo sistema *Ics*. O fato de as excitações, a fim de chegar à consciência, terem de passar por uma sequência imutável de instâncias, que nos foi revelada pelas mudanças nelas feitas pela censura, nos serviu para estabelecer uma analogia espacial. Descrevemos as relações dos dois sistemas entre si e com a consciência, afirmando que o sistema *Pcs* se acha entre o sistema *Ics* e a consciência como uma tela. O sistema *Pcs* não só obstrui o acesso à consciência, ele domina também o acesso à motilidade voluntária e pode enviar uma energia de investimento móvel, da qual uma parte nos é familiar na forma de atenção.³⁷

174

Devemos evitar igualmente a distinção entre *consciência superior* e *consciência inferior*, tão favorecida na literatura recente sobre as psiconeuroses, pois ela parece enfatizar justamente a equiparação do psíquico com o consciente.

175

Que papel sobra, em nossa exposição, para a outrora todo-poderosa consciência, que encobria todo o resto? Ela nada mais é do que um órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas. Conforme o pensamento básico de nosso esquema, podemos compreender a percepção consciente apenas como a função própria de um

sistema especial, para o qual se recomenda a abreviatura *Cs*. Em suas características mecânicas, imaginamos esse sistema como semelhante aos sistemas de percepção *Pcp*, ou seja, suscetível a excitações por qualidades e incapaz de preservar traços de modificações, isto é, sem memória. O aparelho psíquico, voltado para o mundo externo com o órgão sensorial dos sistemas *Pcp*, é ele próprio mundo externo para o órgão sensorial do *Cs*, que tem sua justificação teleológica nessa relação. Uma vez mais encontramos aqui o princípio do itinerário das instâncias, que parece governar a estrutura do aparelho. O material de excitações afluí para o órgão sensorial do *Cs* de dois lados: do sistema *Pcp*, cuja excitação, determinada pelas qualidades, provavelmente passa por nova elaboração antes de se tornar sensação consciente, e do interior do próprio aparelho, cujos processos quantitativos são sentidos, ao alcançarem determinadas modificações, como série de qualidades de prazer e desprazer.

176

Os filósofos que perceberam que formações de pensamentos exatas e altamente complexas são possíveis também sem a participação da consciência se viram em dificuldades para atribuir uma função à consciência; ela lhes pareceu um reflexo desnecessário do processo psíquico terminado. A analogia do nosso sistema *Cs* com os sistemas de percepção nos poupa esse embaraço. Vemos que a percepção por nossos órgãos sensoriais tem a consequência de guiar o investimento da atenção pelas vias em que se propaga a excitação sensorial que chega; a excitação qualitativa do sistema *Pcp* serve como regulador da descarga da quantidade móvel no aparelho psíquico. Podemos reivindicar a mesma função para o órgão sensorial que fica em cima no sistema *Cons*. Ao perceber qualidades novas, ele faz uma contribuição nova para o direcionamento e a distribuição adequada das quantidades móveis de investimento. Mediante a percepção de prazer e desprazer, ele influencia o curso dos investimentos no interior do aparelho psíquico, que, de outro modo, trabalha inconscientemente e com deslocamentos de quantidades. É provável que, de início, o princípio do desprazer regule de forma automática os deslocamentos do investimento; mas é também possível que a consciência dessas qualidades acrescente

uma segunda regulação mais sutil, que pode até se opor à primeira e aperfeiçoar o desempenho do aparelho, habilitando-o, contrariamente à sua disposição original, a submeter ao investimento e à elaboração também o que está vinculado à liberação de desprazer. A psicologia das neuroses nos ensina que essas regulações pela excitação qualitativa dos órgãos sensoriais têm um papel importante na atividade funcional do aparelho. O domínio automático do princípio primário do desprazer e a conseqüente restrição do desempenho são interrompidos pelas regulações sensíveis, que são elas mesmas automatismos. Vemos que a repressão, originalmente adequada, mas que afinal resulta em nocivo abandono da inibição e do controle psíquico, atinge muito mais facilmente lembranças do que percepções, porque nas lembranças não há maior investimento pela excitação dos órgãos sensoriais psíquicos. Se, por um lado, um pensamento a ser afastado não chega à consciência porque foi submetido à repressão, outras vezes ele só pode ser reprimido porque foi subtraído à percepção da consciência por outras razões. A terapia se utiliza dessas indicações para reverter repressões já efetuadas.

177

Do ponto de vista teleológico, nada demonstra melhor o valor do superinvestimento estabelecido nas quantidades móveis pela influência reguladora do órgão sensorial do *Cs* do que a criação de uma nova série de qualidades e, portanto, de uma nova regulação, que constitui a prerrogativa do ser humano em relação aos animais. Pois os processos de pensamento em si são desprovidos de qualidade, salvo as excitações de prazer e desprazer que os acompanham e que devem ser refreadas como possível perturbação do pensamento. Para conferir-lhes uma qualidade, o ser humano os associa às lembranças verbais, cujos resíduos de qualidade bastam para atrair a atenção da consciência e, a partir dela, dirigir para o pensamento um novo investimento móvel.

178

Podemos nos dar conta da multiplicidade dos problemas da consciência apenas com a análise dos processos de pensamento histéricos. Então fica-nos a impressão de que também a passagem do investimento pré-consciente para o consciente está ligada a uma censura, de modo semelhante à censura entre *Ics* e *Pcs*. E essa censura

só age a partir de certo limite quantitativo, de modo que lhe escapam as formações de pensamento menos intensas. Acham-se reunidos no âmbito dos fenômenos psiconeuróticos todos os casos em que algo é impedido de chegar à consciência ou em que nela penetra com restrições. Todos eles remetem à relação íntima e recíproca entre censura e consciência. Quero encerrar estas reflexões psicológicas com o relato de dois exemplos desses.

179 No ano passado atendi, com outro médico, uma moça de olhar inteligente e desenvolto. Ela estava vestida de modo surpreendente. Em geral as mulheres cuidam dos mínimos detalhes de seu vestuário, mas uma de suas meias estava solta e dois botões da blusa estavam abertos. Ela se queixou de dores numa perna e, sem que solicitassem, mostrou uma panturrilha. Mas sua queixa principal era esta: sentia como se algo estivesse *espetado dentro* de seu corpo, algo que *se mexia para lá e para cá* e a fazia *estremecer* completamente. Às vezes, seu corpo inteiro ficava como que *rígido*. Meu colega me lança um olhar; a queixa lhe parece inequívoca. Mas nós dois estranhamos que a mãe da paciente nada perceba; ela certamente conhece a situação que a filha descreve. A moça não tinha ideia do alcance do que falava; de outro modo não teria dito aquilo. Nesse caso, conseguiu-se aparar a censura de maneira tal que uma fantasia que permaneceria no pré-consciente foi admitida na consciência como algo inocente, sob o disfarce de uma queixa.

180 Outro exemplo. Começo o tratamento psicanalítico de um garoto de catorze anos de idade, que sofre de *tic convulsif*, vômitos histéricos, dores de cabeça etc., pedindo que feche os olhos e me comunique as imagens ou ideias que lhe vierem à mente. Ele responde com imagens. A última impressão que teve, antes de vir me encontrar, reaparece visualmente em sua lembrança. Ele jogou um jogo de tabuleiro com o tio, e agora vê esse tabuleiro à sua frente. Reflete sobre posições mais ou menos favoráveis e coisas que não se deve fazer. Então vê uma adaga sobre o tabuleiro, um objeto que pertence a seu pai, mas que sua fantasia transporta para o tabuleiro. Depois há uma foicinha, à qual se junta uma foice, e então aparece a imagem de um velho camponês que, com a foice, corta a grama em frente à distante casa da família.

Após alguns dias, compreendo essa sequência de imagens. Uma situação familiar infeliz perturbava o garoto. Um pai duro e colérico, que vivia em discórdia com a mãe e cujos métodos educacionais consistiam em ameaças; a separação entre o pai e a mãe terna e carinhosa; o segundo casamento do pai, que um dia levou para casa uma jovem mulher que seria a nova mãe. Poucos dias depois surgiu a doença do garoto. É a raiva suprimida contra o pai que reúne essas imagens, em alusões compreensíveis. O material contém reminiscências da mitologia. A foicinha é a mesma com a qual Zeus castrou o pai; a foice e a imagem do camponês representam Cronos, o velho violento que devora os filhos, do qual Zeus se vinga de modo nada filial. O casamento do pai foi uma oportunidade de lhe devolver as repreensões e ameaças que o menino ouvira dele no passado, por ter *brincado* [*spielen*, que também significa “jogar”] com seus órgãos genitais (o tabuleiro; as coisas proibidas; a adaga, com que se pode matar). São lembranças há muito reprimidas e seus derivados que permaneceram inconscientes que entram furtivamente na consciência, como imagens que *parecem sem sentido*, pela via indireta que lhes foi aberta.

181

Portanto, eu buscaria o valor teórico do estudo do sonho nas contribuições ao conhecimento psicológico e na preparação para o entendimento das psiconeuroses. Quem consegue imaginar a importância que pode vir a ter uma boa familiaridade com a estrutura e as funções do aparelho psíquico, se já nosso conhecimento atual nos permite exercer uma influência terapêutica favorável sobre as formas curáveis das psiconeuroses? Qual o valor prático desse estudo, perguntam-me, para o conhecimento da psique, para desvendar as propriedades de caráter ocultas dos indivíduos? Os impulsos inconscientes que os sonhos revelam não têm o valor de poderes reais na vida psíquica? Devemos considerar pequeno o significado ético dos desejos suprimidos, que, assim como criam sonhos, um dia podem criar outra coisa?

182

Não me sinto autorizado a responder a essas questões. Não me aprofundei nesse aspecto do problema dos sonhos. Apenas acredito que estava errado o imperador romano que mandou executar um súdito porque este havia sonhado que o matava

[cf. p. 95]. Primeiro ele deveria tentar descobrir o que esse sonho significava; muito provavelmente, não a mesma coisa que aparentava. E, mesmo que um sonho diferente tivesse esse significado de lesa-majestade, caberia ainda recordar a frase de Platão, segundo a qual o homem virtuoso se contenta em sonhar com aquilo que o mau realmente faz. Creio, portanto, que é melhor liberar os sonhos. Não sei dizer se devemos atribuir *realidade* aos desejos inconscientes. Devemos negá-la, naturalmente, a todos os pensamentos intermediários e de transição. Vendo os desejos inconscientes reduzidos à sua expressão última e mais verdadeira, pode-se dizer que a *realidade psíquica* é uma forma de existência especial, que não deve ser confundida com a realidade *material*. Parece injustificado, portanto, que as pessoas relutem em assumir a responsabilidade pela imoralidade de seus sonhos. Na maioria das vezes, o que há de eticamente escandaloso em nossos sonhos e fantasias desaparece quando se leva em conta o modo de funcionamento do aparelho psíquico e se compreende a relação entre consciente e inconsciente.

183 “Se procurarmos na consciência pelo que o sonho nos informou sobre as relações com o presente (realidade), não nos surpreendamos se o monstro que vimos sob a lupa da análise se revelar um pequeno infusório” (H. Sachs).

184 Para a exigência prática de avaliar o caráter do homem, em geral bastam os atos e as opiniões expressas conscientemente. Sobretudo os atos devem ser considerados em primeiro lugar, pois muitos impulsos que penetraram na consciência são suspensos por forças reais da vida psíquica antes de desembocarem no ato; muitas vezes, por isso, não encontram obstáculo psíquico em seu caminho, pois o inconsciente sabe que eles serão impedidos de outra forma. Em todo caso, é instrutivo conhecer o solo tão revirado sobre o qual se erguem orgulhosamente as nossas virtudes. A complexidade do caráter humano, dinamicamente movida em todas as direções, raramente se resolve por uma alternativa simples, como quer nossa antiquada doutrina moral.

185 E o valor do sonho para o conhecimento do futuro? Isso está fora de questão, naturalmente. Deveríamos falar, em vez disso, do seu valor para o conhecimento do

passado. Pois do passado é que provém o sonho em todo sentido. É verdade que a antiga crença de que o sonho nos mostra o futuro não é inteiramente desprovida de verdade. Ao representar um desejo como realizado, o sonho está nos levando para o futuro, de fato; mas esse futuro que o sonhador toma como presente é modelado, pelo desejo indestrutível, à imagem e semelhança do passado.

1. [Acrescentado ao texto em 1914 e transformado em nota em 1930:] A mesma coisa em Foucault [1906] e Tannery [1898].

a. No original: “*Selten habt ihr mich verstanden, / Selten auch verstand ich Euch, / Nur wenn wir im Kot uns fanden, / So verstanden wir uns gleich!*”, Heine, Buch der Lieder [Livro de canções], “Wiederkehr” [Retorno], n. 78.

2. [Nota acrescentada em 1909:] Cf. *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901).

b. No poema épico anônimo *A canção dos nibelungos* (partes XV e XVI), Hagen convence Cremilda a bordar na vestimenta de Siegfried uma pequena cruz, no local correspondente ao único ponto vulnerável do corpo do herói, e ali depois o apunhala.

3. [Nota acrescentada em 1925:] A tese aqui postulada de modo tão peremptório: “Qualquer coisa que perturbe o prosseguimento do trabalho é uma resistência” poderia facilmente ser mal compreendida. Naturalmente, ela tem o sentido apenas de uma regra técnica, de um alerta para o analista. Não se deve negar que durante a análise podem ocorrer diversos eventos que não devem ser atribuídos à intenção do analisando. É possível que o pai do paciente morra sem que ele o tenha assassinado, é possível que irrompa uma guerra que ponha fim à análise. Mas por trás do exagero evidente dessa tese há um significado novo e bom. Mesmo que o evento perturbador seja real e independa do paciente, muitas vezes depende somente dele a magnitude do efeito perturbador que tem esse evento, e a resistência se manifesta de modo inconfundível no pronto e exagerado aproveitamento de tal oportunidade.

4. [Nota acrescentada em 1919:] Como exemplo do significado da dúvida e da incerteza no sonho, ao mesmo tempo que o conteúdo do sonho é reduzido a um único elemento, tomo das minhas *Conferências introdutórias à psicanálise* [1916-7, nº 7] o seguinte sonho, cuja análise, após um breve atraso, foi bem-sucedida:

“*Uma paciente cética tem um sonho mais longo, durante o qual certas pessoas lhe contam sobre meu livro acerca do chiste e o elogiam bastante. Depois, mencionam algo sobre um ‘canal’, TALVEZ OUTRO LIVRO EM QUE APARECE UM CANAL, ALGUMA COISA RELACIONADA A CANAL... ELA NÃO SABE AO CERTO... NÃO ESTÁ CLARO.*”

“Com certeza, os senhores tenderão a acreditar que o elemento ‘canal’ fugirá à interpretação por ser, ele próprio, tão indefinido. E estão certos quanto à dificuldade que aí supõem, mas essa dificuldade não decorre da falta de clareza: a falta de clareza é que decorre de outro motivo, o mesmo que torna difícil a interpretação. Nada ocorre, à sonhadora, que ela seja capaz de vincular a ‘canal’; eu, é claro, tampouco sei o que dizer. Passado algum tempo — na verdade, no dia seguinte —, ela relata ter-lhe ocorrido algo que talvez esteja relacionado ao assunto. Trata-se de uma piada que alguém lhe contou. Em um navio entre Dover e Calais, um conhecido escritor conversa com um inglês, que, em determinado contexto, cita a frase: *Du sublime au ridicule il n’y a qu’un pas* [Do sublime ao ridículo há apenas um passo]. O escritor responde: *Oui, le Pas de Calais*. O que ele quer dizer é que

acha a França grandiosa e a Inglaterra, ridícula. O *Pas de Calais*, no entanto, é um *canal*: o canal da Mancha. Se acho que essa associação tem relação com o sonho? É claro que sim; na realidade, ela dá solução ao elemento misterioso do sonho. Ou os senhores duvidam que, anteriormente ao sonho, essa piada já estava presente como conteúdo inconsciente de ‘canal’? Supõem, então, que ele só foi acrescentado depois? A associação que ocorreu à paciente dá testemunho de seu ceticismo, um ceticismo que, nela, se oculta por trás de uma insistente admiração. A resistência é, provavelmente, a razão para ambas as coisas, tanto para a associação tão hesitante como para a indefinição do correspondente elemento do sonho. Observem aqui a relação deste último com seu conteúdo inconsciente. Ele é como um pedacinho desse inconsciente, como uma alusão a ele, mas seu isolamento tornou-o incompreensível.”

5. Cf., sobre a intenção do esquecimento, meu pequeno ensaio “Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento” em *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie* (1898) — [Acréscitado em 1909:] (depois se tornou o primeiro capítulo da *Psicopatologia da vida cotidiana*, 1901).

6. [Nota acrescentada em 1914:] Tais correções no uso de línguas estrangeiras não são raras em sonhos, mas são, com mais frequência, atribuídas a pessoas desconhecidas. Maury (1878, p. 143) sonhou, na época em que aprendia inglês, que, ao informar a alguém que o tinha procurado no dia anterior, falou: *I called for you yesterday*. O outro corrigiu: *I called on you yesterday*.

c. “Molière em *O doente imaginário*: A matéria é louvável?” — antiga pergunta da terminologia médica, significando “A excreção (fezes ou secreção) está em ordem?”. A expressão seguinte no texto, em inglês, significa “um movimento dos intestinos”.

7. [Nota acrescentada em 1914:] Ernest Jones descreve o caso análogo, que sucede frequentemente, em que durante a análise de um sonho a pessoa se recorda de um segundo sonho da mesma noite, que até então estava esquecido e de cuja existência ela nem suspeitava.

8. [Acréscitado ao texto em 1919 e transformado em nota em 1930:] Sonhos que ocorreram nos primeiros anos da infância e que não raro se conservaram na memória por décadas, com todo o frescor, que quase sempre vêm a ser muito importantes para a compreensão do desenvolvimento e da neurose do sonhador. Sua análise protege o médico de equívocos e incertezas que também poderiam levá-lo à confusão teórica.

d. Sensações de formas e cores que têm origem no interior do olho.

e. Parágrafo acrescentado em 1919.

f. “Representação com meta”: tradução que aqui damos a *Zielvorstellung* — diferentemente do que sugerimos no capítulo sobre *Vorstellung* (escrito em 1996) de *As palavras de Freud* (op. cit., pp. 121-45), em que consta “ideia intencional” (usando “ideia” para *Vorstellung*).

9. [Nota acrescentada em 1914:] Apenas depois eu soube que Eduard von Hartmann tem a mesma concepção sobre esse importante tema da psicologia: “Ao discutir o papel do inconsciente na criação artística (1890, v. 1, seção B, capítulo V), Eduard von Hartmann expressou com palavras claras a lei da associação de ideias orientada por representações com meta inconscientes, mas sem se dar conta da extensão dessa lei. Ele visa demonstrar que ‘cada combinação de representações sensoriais, quando não é deixada puramente ao acaso, mas deve levar a certo objetivo, requer a ajuda do inconsciente’ e que o interesse consciente em determinada conexão de pensamentos é um incentivo para o inconsciente descobrir, entre as inúmeras representações possíveis, a mais adequada ao fim. ‘É o inconsciente que seleciona conforme os fins do interesse: e isso vale para a *associação de ideias no pensamento*

abstrato, assim como na imaginação sensorial ou na combinação artística e no achado espiritual. Por isso, uma restrição da associação de ideias à representação evocadora ou à representação evocada, no sentido da psicologia associativa pura, não pode ser sustentada. Tal restrição ‘só é realmente justificada quando ocorrem estados na vida humana em que o indivíduo está livre não apenas de toda finalidade consciente, mas também do domínio ou da participação de todo interesse inconsciente, de todo estado de ânimo. Mas isso dificilmente ocorre, pois mesmo quando aparentemente entregamos nossos pensamentos ao acaso ou nos abandonamos aos sonhos arbitrários da fantasia, em outros interesses principais, sentimentos e ânimos decisivos sempre governam determinada hora mais do que em outra, e estes sempre exercerão influência na associação de ideias’ (Ibid., v. 1, p. 246). Em sonhos semiconscientes, sempre surgem apenas os tipos de representações que correspondem ao interesse principal momentâneo (inconsciente) (loc. cit.). A ênfase na influência dos sentimentos e ânimos sobre a sequência livre de pensamentos faz com que o procedimento metódico da psicanálise se apresente como justificado também do ponto de vista da psicologia de Hartmann” (N. E. Pohorilles, 1913). — Du Prel menciona o fato de que muitas vezes, após tentarmos em vão recordar um nome, ele nos vem à mente de súbito, e disso deduz que há um pensar inconsciente, mas dirigido a uma meta, cujo resultado aparece na consciência (1885, p. 107).

g. “Solidez da estrutura psíquica”: no original, *Festigkeit des psychischen Gefüges*; nas versões estrangeiras consultadas: *solidez de la ensambladura psíquica* (Etcheverry), *stabilità della struttura psichica* (Boringhieri), *solidité de notre construction psychique* (Meyerson), *connectedness of psychological processes* (Strachey).

10. [Nota acrescentada em 1909:] Cf. a brilhante confirmação dessa tese, fornecida por C. G. Jung em análises da demência precoce (1907).

11. Claro que as mesmas considerações valem também para o caso em que as associações superficiais aparecem abertamente no conteúdo do sonho, como, por exemplo, nos dois sonhos relatados por Maury (cf. p. 86: *pèlerinage — Pelletier — pelle; quilômetro — quilograma — Gilolo — lobélia — Lopeç — loto*). Meu trabalho com os pacientes neuróticos me mostrou que tipo de reminiscência costuma ser representado assim. São as ocasiões em que eles consultaram enciclopédias ou dicionários, nos quais a maioria deles, na época da puberdade, satisfaz a necessidade de esclarecer os enigmas do sexo.

12. [Nota acrescentada em 1909:] As teses aqui apresentadas, que então pareciam improváveis, foram depois utilizadas e confirmadas experimentalmente nos “estudos diagnósticos de associação” de Jung e seus discípulos [1906].

13. [Nota acrescentada em 1925:] Depois vim a acreditar que a consciência surge mesmo *no lugar* do traço mnêmico. (Ver “Nota sobre o ‘Bloco Mágico’”, 1925.)

14. [Nota acrescentada em 1919:] O prosseguimento desse esquema linear deverá levar em conta a suposição de que o sistema após o *Pcs* é aquele ao qual precisamos atribuir a consciência, ou seja, que *Pcp* = *Cs*.

15. [Nota acrescentada em 1914:] A primeira referência ao fator da regressão já se encontra em Alberto Magno. A *imaginatio*, diz ele, constrói o sonho com as imagens preservadas dos objetos sensoriais. O processo ocorre no sentido inverso do estado de vigília (segundo Diepgen, 1912, p. 14). — Hobbes diz (no *Leviatã*, 1651): “*In sum, our dreams are the reverse of our waking imaginations, the motion, when we are awake, beginning at one end, and when we dream at another*” [Em suma, nossos sonhos são o reverso das nossas imaginações despertas, o movimento,

quando estamos acordados, começando numa extremidade, e quando sonhamos, em outra]. (Segundo H. Ellis, 1911, p. 112.)

16. “Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa” (1896).

17. [Nota acrescentada em 1914:] Numa exposição da teoria da repressão, seria necessário dizer que um pensamento é reprimido pela influência combinada de dois fatores. Ele é repellido de um lado (pela censura do *Cs*) e é atraído de outro (pelo *Ics*), ou seja, de modo semelhante a como uma pessoa chega ao topo da grande pirâmide. [Acrescentado em 1919:] (Cf. o ensaio “A repressão”, 1915.)

h. Parágrafo acrescentado em 1914.

i. Parágrafo acrescentado em 1919.

j. A citação é imprecisa: falta “em nós” após “atuando” e, sobretudo, não se acha no texto de Nietzsche a segunda parte (“à qual dificilmente” etc.); cf. *Humano, demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, § 13, “A lógica do sonho”.

k. “Impulso com desejo”: no original, *Wunschregung*, composto de *Wunsch*, “desejo”, e *Regung*, “movimento, impulso, agitação, emoção”. Nota-se, pelo contexto, que tem o mesmo sentido de *Wunsch*, usado nos dois primeiros casos. As versões estrangeiras consultadas recorrem a *moción de deseo*, *impulso di desiderio*, *désir*, *wishful impulse*. Cf. o apêndice B de *As palavras de Freud* (op. cit, ed. revista), “Nota sobre a tradução dos compostos alemães”.

18. Eles partilham esse caráter de indestrutibilidade com todos os outros atos psíquicos realmente inconscientes, isto é, que pertencem exclusivamente ao sistema *Ics*. Estes são vias abertas de uma vez por todas, que jamais saem de uso e levam o processo de excitação à descarga sempre que a excitação inconsciente torna a investi-las. Usando um símile, para eles não há outro tipo de aniquilação a não ser o das sombras do mundo inferior da *Odisseia*, que despertam para uma nova vida após beberem sangue. Os processos que dependem do sistema pré-consciente são destrutíveis em outro sentido. É nessa distinção que se baseia a psicoterapia das neuroses.

19. [Nota acrescentada em 1919:] Tentei aprofundar o conhecimento do estado de sono e das condições para a alucinação no ensaio “Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos” (1917).

l. Esse parágrafo e os dois seguintes foram acrescentados em 1919.

20. [Nota acrescentada em 1930:] Este seria o lugar para mencionar o Supereu, reconhecido posteriormente pela psicanálise.

m. O “terceiro da comparação”: o elemento comum a duas coisas comparadas.

n. Em alemão, *Übertragung*, o mesmo termo que depois seria usado para outro fenômeno mais conhecido; cf. “Observações sobre o amor de transferência” (1915), entre outros textos.

21. [Nota acrescentada em 1919:] Em outras palavras: vê-se a necessidade de instituir uma “prova de realidade”.

22. A realização de desejo no sonho é louvada corretamente por Le Lorrain: “*Sans fatigue sérieuse, sans être obligé de recourir à cette lutte opiniâtre et longue qui use et corrode les jouissances poursuivies*” [Sem fadiga séria, sem a obrigação de recorrer a essa luta demorada e pertinaz que gasta e corrói as fruções buscadas].

23. [Nota acrescentada em 1914:] Desenvolvi esse pensamento em outro lugar (“Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”, 1911), postulando os princípios do prazer e da realidade.

24. [Nota acrescentada em 1914:] Mais precisamente, parte do sintoma corresponde à realização de desejo inconsciente; outra parte, à formação reativa contra esta.

25. [Nota acrescentada em 1914:] Hughlings Jackson disse: “Descubram tudo sobre o sonho, e terão descoberto tudo sobre a loucura” (“*Find out all about dreams and you will have found out all about insanity*”).

o. Uma possível fonte para esse episódio é a *História romana*, Livro 40, 27, de Cássio Dio (c. 155-229).

26. Tomo esse pensamento da teoria do sono de Liébault, pioneiro do estudo da hipnose em nossos dias (1889).

p. “Representação antecipatória”: *Erwartungsvorstellung*; nas versões consultadas: *representaciones-expectativa*, *reppresentazione anticipatrice*, *représentation d’attente*, *anticipatory idea*.

27. [Nota acrescentada em 1914:] É esta a única função que podemos admitir para os sonhos? Não conheço outra. É certo que A. Maeder buscou mostrar que eles têm outras funções, “secundárias”. Partiu da observação correta de que alguns sonhos contêm tentativas de solucionar conflitos que depois são realmente empreendidas, que eles agem, portanto, como ensaios para atividades da vigília. Por isso, ele comparou os sonhos às brincadeiras dos animais e das crianças, que devem ser entendidas como treinamento de instintos inatos e preparação para futuras atividades sérias, e postulou uma *fonction ludique* [função lúdica] dos sonhos. Pouco antes de Maeder, a função “premeditadora” dos sonhos foi enfatizada também por Alfred Adler [1911]. (Numa análise que publiquei em 1905, um sonho que só podia expressar uma intenção era repetido todas as noites até sua realização. [Cf. *Análise fragmentária de uma histeria*, parte II, 1905.]

Mas uma simples reflexão nos convence de que essa função “secundária” do sonho não merece ser admitida no quadro de uma interpretação dos sonhos. Premeditar, conceber intenções, esboçar tentativas de solução que eventualmente serão realizadas na vida de vigília, isso e muitas outras coisas são operações da atividade inconsciente e pré-consciente do espírito, que pode prosseguir no estado de sono como “resíduo diurno” e então se unir a um desejo inconsciente (ver p. 614) para formar um sonho. A função “premeditadora” do sonho é, portanto, uma função do pensamento desperto pré-consciente, cujo resultado nos pode ser revelado pela análise dos sonhos ou de outros fenômenos também. Durante muito tempo o sonho foi considerado idêntico a seu conteúdo manifesto; agora precisamos ter o cuidado de não confundi-lo com os pensamentos latentes.

28. [Nota acrescentada em 1919:] “Um segundo fator negligenciado pelos leigos, bem mais importante e de alcance mais profundo, é o seguinte. A realização de um desejo deveria certamente resultar em prazer, mas cabe a pergunta: para quem? Naturalmente, para quem tem o desejo. É sabido, no entanto, que o sonhador possui uma relação muito especial com seus desejos: ele os reprova, censura — em suma, não gosta deles. Assim sendo, sua realização não pode lhe proporcionar prazer, mas apenas o contrário disso. A experiência mostra, então, que esse contrário aparece sob a forma da angústia, o que ainda é preciso esclarecer. Em sua relação com os desejos oníricos, portanto, o sonhador só pode ser equiparado a um somatório de duas pessoas ligadas por uma forte comunhão. Em vez de proceder a uma explicação, recorro a um conhecido conto de fadas, no qual os senhores encontrarão a mesma situação. Uma boa fada promete realizar três desejos de um pobre casal, marido e mulher. O casal fica radiante e se propõe escolher com cautela esses três desejos. Mas, levada pelo aroma de salsichas fritas que exala da cabana ao lado, a mulher deseja algumas daquelas mesmas salsichas, que, de pronto, surgem à sua frente. O primeiro desejo foi realizado. O marido, por sua vez, fica bravo e, nesse seu rancor, deseja ver as salsichas penduradas no nariz da esposa, o que também acontece: não há agora quem seja capaz de remover as salsichas dali. Realizou-se o segundo desejo, que, no entanto, é o desejo do homem; para a mulher, a realização desse desejo é bastante desagradável. Os senhores sabem como termina o conto. Como os dois são, no fundo, uma coisa só, marido e mulher, o terceiro desejo só pode ser o de que as salsichas desapareçam do nariz da

esposa. Nós poderíamos nos valer desse mesmo conto de fadas em vários outros contextos; no presente caso, ele serve para ilustrar a possibilidade de que a realização do desejo de um possa conduzir ao desprazer de outro, caso os dois estejam em desacordo” (*Conferências introdutórias à psicanálise*, nº 14, 1916-7).

q. A frase seguinte foi aqui acrescentada em 1911, mas novamente deixada de fora a partir de 1925: “A angústia nos sonhos, permitam-me insistir, é um problema ligado à angústia, não aos sonhos”.

r. O termo vulgar a que Freud alude é o verbo *vögeln*, de *Vogel* = pássaro.

29. [Nota acrescentada em 1919:] Desde então, a literatura psicanalítica forneceu grande quantidade desse material.

30. Destaque meu; de significado inequívoco, afinal.

31. Grifo meu.

s. Frase acrescentada em 1914. Embora estejam entre aspas, as palavras de Sully são citadas com alterações; cf. p. 88.

t. Freud viria a denominá-lo “princípio do prazer” em obras posteriores, como na 22ª das *Conferências introdutórias à psicanálise* (mas na 4ª conferência também se acha “princípio do desprazer”; cf. p. 102, v. 13 destas *Obras completas*).

32. Aqui, como em outras partes, há lacunas na elaboração do tema, que deixei intencionalmente porque preenchê-las exigiria, por um lado, um esforço grande demais, e, por outro, o recurso a material alheio ao tema dos sonhos. Assim, por exemplo, evitei indicar se atribuo sentidos diversos às palavras “suprimido” [*unterdrückt*] e “reprimido” [*verdrängt*]. Deve ter ficado claro que esta última ressalta mais do que a primeira o vínculo ao inconsciente. Não cheguei a abordar o problema de por que os pensamentos oníricos sofrem deformação pela censura também no caso em que abandonam o avanço progressivo rumo à consciência e optam pelo caminho da regressão, e há outras omissões desse tipo. Interessava-me principalmente dar uma ideia dos problemas a que nos leva uma análise mais aprofundada do trabalho do sonho e indicar os outros temas que encontramos no caminho. Nem sempre foi fácil decidir em que ponto eu deveria interromper a indagação. — O fato de eu não ter explorado exhaustivamente o papel que tem nos sonhos o mundo das representações sexuais e ter evitado a interpretação de sonhos de conteúdo claramente sexual se deve a uma motivação particular, que talvez não coincida com a expectativa do leitor. Nada é mais distante de minhas concepções pessoais e das teorias que defendo na neuropatologia do que ver a vida sexual como um *pudendum* que não deve concernir ao médico e ao pesquisador. Também me parece ridícula a indignação moral que levou o tradutor da *Oneirocritica*, de Artemidoro de Daldis, a privar os leitores do capítulo sobre sonhos sexuais. O que determinou minha decisão foi perceber que a explicação de sonhos sexuais teria feito que eu me enredasse profundamente nos problemas ainda não esclarecidos da perversão e da bissexualidade, de modo que reservei esse material para outra ocasião.

u. “Se não posso dobrar os poderes celestiais, agitarei o Inferno”, Virgílio, *Eneida*, VII, 312. Sobre o significado da citação para Freud, no contexto deste livro, ele próprio escreveu: “Para mim, ela devia sublinhar o mais importante na dinâmica dos sonhos. O desejo que é repellido pelas instâncias psíquicas superiores (o desejo reprimido do sonho) agita o submundo psíquico (o Inconsciente), a fim de se impor” (carta a Werner Achelis, 30 jan. 1927, em *Briefe* [Cartas] 1873-1939. Frankfurt: Fischer, 1960, p. 372).

v. Frase acrescentada em 1909.

33. O sonho não é o único fenômeno que permite fundamentar a psicopatologia na psicologia. Numa pequena série de ensaios, ainda não completada, publicada na revista *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie* (“Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento”, 1898; “Lembranças encobridoras”, 1899), procuro interpretar certo número de fenômenos psíquicos cotidianos em apoio da mesma constatação. [Acrescentado em 1909:] Estes e outros ensaios sobre o esquecimento, lapsos verbais, atos atrapalhados etc. foram depois reunidos no volume intitulado *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901).

w. “Representações auxiliares”: *Hilfsvorstellungen*; nas traduções consultadas: *representaciones auxiliares*, *ipotesi ausiliarie*, *représentations auxiliaires*, *conceptual scaffolding*. Cf. as *Hilfskonstruktionen* do romancista Theodor Fontane, que Freud cita em *O mal-estar na civilização* (1930, cap. II), e a nota sobre a tradução de *konstruieren* na mesma obra, cap. I (na p. 17 do v. 18 destas *Obras completas*).

34. [Nota acrescentada em 1925:] Essa concepção foi modificada e aperfeiçoada após se descobrir que a característica essencial de uma representação pré-consciente é a ligação com resíduos de representações verbais (cf. “O inconsciente”, 1915 [seção VII]).

35. [Nota acrescentada em 1914:] Fico feliz de poder citar um autor que extraiu do estudo dos sonhos a mesma conclusão sobre a relação entre as atividades consciente e inconsciente. Du Prel afirma: “A questão da natureza da psique exige claramente uma investigação preliminar para saber se consciência e psique são idênticas. Justamente essa questão preliminar é respondida com uma negativa pelos sonhos, que mostram que o conceito de psique ultrapassa o de consciência, assim como a força gravitacional de um astro vai além de sua luminosidade” (1885, p. 47). “Uma verdade que não pode ser enfatizada o bastante é que consciência e psique não são conceitos de igual extensão” (Ibid., p. 306).

x. O violinista e compositor Giuseppe Tartini (1692-1770) sonhou que vendia a alma ao Diabo e que este tocava uma sonata belíssima e muito original. Ao acordar, Tartini procurou reproduzir o que ouvira no sonho. Não conseguiu, mas criou sua peça mais famosa, que apelidou de *Trillo del Diavolo* (“Trinado do Diabo”, Sonata para violino e piano, op. 1, nº 2)

36. [Nota acrescentada em 1911:] Cf. o sonho de Alexandre, o Grande, durante o sítio de Tiro (Σῶ-τυρος), comunicado acima, numa nota da p. 130.

y. No sentido antigo do termo, anterior ao “demônio” cristão.

37. [Nota acrescentada em 1914:] Cf. meu artigo “Observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise” [1912] (publicado em inglês nos *Proceedings of the Society for Psychical Research*, v. 26), no qual são diferenciados os sentidos descritivo, dinâmico e sistemático da polissêmica palavra “inconsciente”.